



SPAUTORES

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES



ARNALDO SARAIVA

“A POESIA EXISTE,
E ISSO BASTA”



CATARINA AMARO

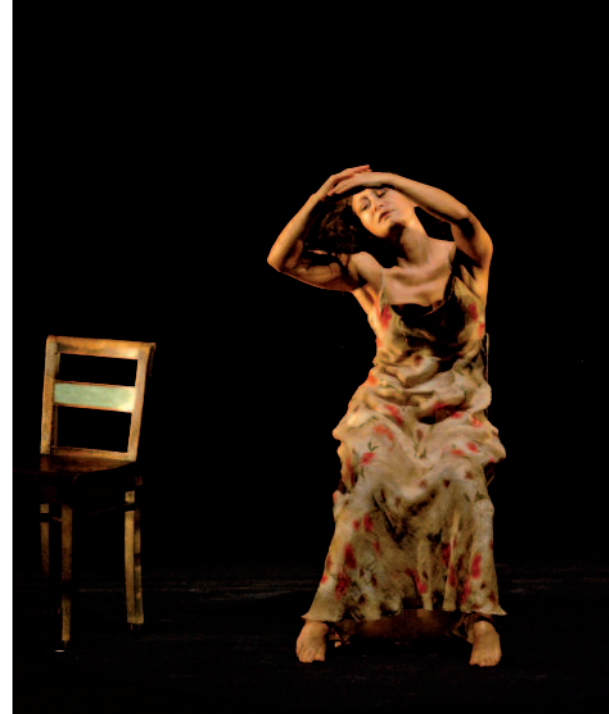
“É A DESENHAR
QUE EU PENSO”

**DO YÉ-YÉ
AOS NOSSOS DIAS**
Grande festa
do pop/rock
homenageia
40 bandas

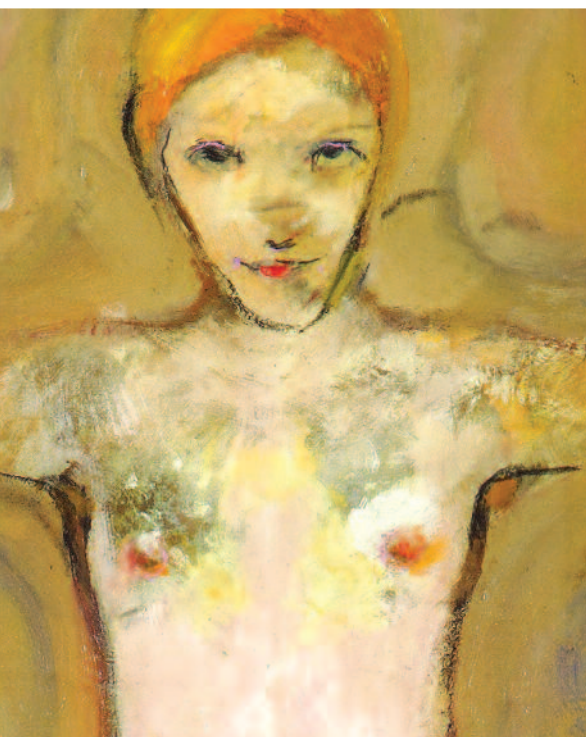
JOSÉ JORGE LETRIA É NOVO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA SPA

“RESULTADO DAS ELEIÇÕES RECONHECE APOSTA NA UNIDADE DOS AUTORES”

Revista da SPA Sociedade Portuguesa de Autores | Nº28 | OUTUBRO/DEZEMBRO 2010



OLGA RORIZ



ABEL MANTA - PINTURA



UM NATAL DE ESPERANÇA E UM ANO NOVO COM CULTURA E PAZ



Sem autores não há cultura e sem cultura não há esperança nem paz



N.º: 28

Outubro/Dezembro 2010

SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: Manuel Freire

Director Executivo: José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Administração e Direcção da SPA, Edite Esteves, José Jorge Letria e Viriato Teles

Direcção de Arte e Design: José Maria Ribeirinho

Fotografia: Arquivo da SPA, Direitos Reservados, José Pedro Santa Bárbara e Teatro de Marionetas do Porto (TMP).

Design e tratamento de imagem: JM Design&edições
www.jm-designedicoes.com

Propriedade: Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31
1069-153 Lisboa
Tel: 21 359 44 00
Fax: 21 353 02 57
email: geral@spautores.pt
site: www.spautores.pt

Nif.: 500257841
ICS: 100206
Tiragem: 3000
Periodicidade: Trimestral
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:
António Coelho Dias, S.A.

Depósito Legal: 224 872/200

SPA 85 anos.

A nossa casa
A nossa causa

Sumário

O último trimestre de 2010 ficou marcado pela **eleição de José Jorge Letria para Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores**, na lista única por si encabeçada para este acto eleitoral para os novos corpos sociais da cooperativa, ocorrido a 6 de Dezembro. Com 280 votos, esta foi a maior votação até hoje registada numa lista única na história da SPA. Apresentando-se sob o lema **“SPA: Unir os Autores, Garantir o Futuro”**, teve o apoio de cerca de 180 cooperadores. Foi a primeira vez, desde 2001, que se apresentou uma lista única ao sufrágio dos cooperadores da SPA, após dois actos eleitorais – em 2003 e 2006 – nos quais duas listas se confrontaram duramente. Para o **Presidente do Conselho de Administração e recém-eleito Presidente da Direcção da SPA**, “o resultado das eleições foi o reconhecimento do trabalho feito e da aposta na unidade dos autores”, conforme pormenoriza numa



entrevista publicada nesta edição, a primeira que concedeu após o acto eleitoral para o portal e para a nossa revista. No próximo dia **5 de Janeiro**, com a **tomada de posse dos novos corpos sociais**, a SPA entra num novo ciclo que dará continuidade ao trabalho de modernização realizado nos últimos anos e a equipa eleita terá como objectivo “assegurar a coesão dos autores em tempo de crise aguda e aprofundar as medidas de gestão e de carácter social que permitam enfrentar as dificuldades que seguramente irão surgir pelo caminho”. Por isso, esta edição da Autores dedica grande parte das suas páginas aos projectos para o futuro propostos por esta equipa escolhida por José Jorge Letria, apresentando na íntegra o **Plano de Actividades para 2011** que irá à votação em assembleia-geral, no dia 22 de Dezembro. Em destaque publica-se um **Dossiê de oito páginas** destacável sobre a **Festa de Homenagem ao Pop/Rock**, que distinguiu 40 bandas portuguesas do último meio século, evento único e histórico que marcou igualmente este período de empreendedorismo crescente da SPA. No capítulo das **entrevistas** a autores da SPA, é de salientar a que foi feita à consagrada

cenógrafa de televisão, teatro e cinema **Catarina Amaro**, que entra como suplente de António Casimiro nos novos corpos directivos da cooperativa, e de uma outra ao professor catedrático do Porto **Arnaldo Saraiva**, agraciado com a Medalha de Honra da SPA. Também o apresentador do programa da RTP 2 “A de Autor” e recentemente reeleito para os próximos órgãos sociais da cooperativa, agora como suplente de João David Nunes na Direcção, **Paulo Sérgio Santos**, faz um balanço da segunda edição de 13 episódios daquele importante meio de divulgação dos nossos criadores e ainda de todos os programas televisivos que conduziu ao longo dos últimos dois anos. O **II Encontro Lusófono de Sociedades de Autores**, realizado no Rio de Janeiro, e as iniciativas promovidas pela SPA no âmbito das **Comemorações do Centenário da Implantação da República**,

com relevo para a exposição “Criar em tempo de revolução”, têm aqui o seu lugar de primazia. O mesmo acontece com a **Homenagem a Jaime Salazar Sampaio**, muito concorrida, e em que publicamos poemas inéditos do autor feitos nos dois meses que precederam a sua morte, alguns deles lidos na sessão e cedidos na íntegra pela viúva à nossa revista. Muitos **outros autores da SPA premiados**, que seria impossível nomear neste espaço, engrossam a lista dos consagrados. E, naturalmente, que a Autores dá notícia de todos os **protocolos** concretizados ou em andamento, como a **Music Portugal Export**, um projecto ambicioso para exportar a nossa música, bem como as **acções de promoção de obras** dos cooperadores, por exemplo, no **Fundo Cultural da SPA**, e as **acções de formação e qualificação dos funcionários**. Na secção de **Os que Partiram**, figuram **João Paulo Seara Cardoso**, criador do Teatro de Marionetas do Porto, **Virgílio Teixeira** e **Carlos Pinto Coelho**.

Unidade e Solidariedade em tempo de crise



**“Os tempos que se avizinham
vão ser marcados
por redobradas dificuldades.
Todos temos consciência
disso. Mas unidos seremos
capazes de superar
esse cabo de tormentas.
É em épocas como esta que
a unidade e a solidariedade
fazem ainda mais sentido
e que se deve separar,
com lucidez e firmeza,
o essencial do acessório**

No próximo dia 5 de Janeiro, com a tomada de posse dos novos corpos sociais, a SPA entra num novo ciclo que dará continuidade ao trabalho de modernização realizado nos últimos anos.

Este novo ciclo será marcado pelo espírito que caracterizou a constituição da equipa que assumirá responsabilidades durante este período. Será uma equipa de unidade e acção, que terá como objectivo assegurar a coesão dos autores em tempo de crise aguda e aprofundar as medidas de gestão e de carácter social que permitam enfrentar as dificuldades que seguramente irão surgir pelo caminho.

A SPA recuperou o prestígio e a credibilidade que havia perdido e adquiriu uma visibilidade pública e mediática que nunca antes tivera.

Esse facto contribuiu, visivelmente, para a forma expressiva como os cooperadores sufragaram a lista única que se apresentou nas eleições de 6 de Dezembro.

Essa lista mostrou ser possível manter os autores unidos em torno de objectivos fundamentais, numa época em que a gestão colectiva do direito de autor enfrenta, em todo o mundo, dificuldades e desafios nunca antes enfrentados. Mais do que nunca, é necessário que os autores e quem os representa não consumam energias essenciais em querelas inúteis e mobilizem esforços e vontades para encontrar as soluções que o momento exige.

A SPA, no quadriénio que vai começar, continuará a apostar fortemente nas vertentes mutualista e de apoio à criação cultural, bem como na modernização dos serviços e na agilização das distribuições e da resposta atempada às múltiplas questões colocadas pelos autores. Será essa a prioridade e será esse o caminho. Todos queremos uma SPA moderna, forte e unida, seja em Portugal, seja na frente internacional, onde goza de prestígio e credibilidade. Os tempos que se avizinham vão ser marcados por redobradas dificuldades. Todos temos consciência disso. Mas unidos seremos capazes de superar esse cabo de tormentas, porque a SPA merece ter um futuro próspero e digno e os autores portugueses merecem e exigem que esse futuro seja sustentável e gerador de esperança. É em épocas como esta que a unidade e a solidariedade fazem ainda mais sentido e que se deve separar, com lucidez e firmeza, o essencial do acessório.

JOSÉ JORGE LETRIA, NOVO PRESIDENTE DA SPA, AFIRMA

“O resultado das eleições foi o **reconhecimento do trabalho feito** e da aposta na unidade dos autores”

Vice-presidente da Direcção da SPA desde Setembro de 2003, administrador-delegado desde Setembro de 2007 e mais recentemente Presidente do Conselho de Administração da SPA, José Jorge Letria organizou e encabeçou a lista única que se apresentou no acto eleitoral do passado dia 6 de Dezembro. Essa lista foi sufragada pelos votos de 280 cooperadores, o maior resultado de sempre obtido por uma lista única na história da SPA.





José Jorge Letria, cooperador nº 404 da SPA, tem 59 anos, é Mestre em Estudos da Paz e da Guerra nas Novas Relações Internacionais e pós-graduado em Jornalismo Internacional pela Universidade Autónoma de Lisboa, tem dezenas de livros publicados para crianças e para o restante público, obras traduzidas numa dezena de línguas e vários prémios literários nacionais e internacionais. Foi um dos mais destacados nomes da canção política, antes e depois do 25 de Abril. Autor de programas de rádio e de televisão, é também dramaturgo com peças representadas em Portugal e no estrangeiro. Entre 1994 e 2002 foi vereador da Cultura da Câmara de Cascais, sua terra natal.

Integrou durante oito anos o Comité Executivo da Associação dos Eleitos da Grande Europa para a Cultura, com sede em Paris. Foi vice-presidente da Casa da Imprensa.

Em representação da SPA, é membro, desde 2005, do Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos Literários e Audiovisuais.

O novo presidente eleito, que sucederá a Manuel Freire no dia 5 de Janeiro, data da cerimónia da tomada de posse dos novos corpos sociais, deu ao Portal da cooperativa a sua primeira entrevista após as eleições. Entrevista que, pela sua importância, transcrevemos aqui na íntegra e nos permitimos editar com os destaques que julgámos oportunos.

Que análise faz dos resultados obtidos pela lista única em 6 de Dezembro?

Faço uma análise muito positiva, pois considero que foram o reconhecimento do trabalho desenvolvido ao longo do mandato e sobretudo pela Administração que iniciou funções em Setembro de 2007 e que eu tive a honra de coordenar. Foram anos de trabalho árduo que deram agora os seus frutos, sob a forma da confiança que nos foi manifestada nas urnas.

Que aspectos salienta desse período de gestão da cooperativa?

Em primeiro lugar, o ter-se colocado a gestão da cooperativa nas mãos de cooperadores aptos a desenvolverem um efectivo trabalho de modernização da SPA, o que permitiu avançar, nomeadamente, com a instalação do sistema informático SGS, determinante para o progresso da cooperativa; em segundo lugar, a aposta totalmente ganha no reforço da visibilidade e do



prestígio da SPA entre os cooperadores e no exterior, através de uma nova imagem gráfica, de um dinâmico plano de comunicação com os autores e também de programas na televisão e na rádio; em terceiro lugar, o reforço da vertente mutualista e assistencialista, que permitiu ajudar vários cooperadores em situação de carência; em quarto lugar, a entrada em vigor de um plano de contenção de despesas, o início da rescisão amigável de contratos de trabalho e o aumento dos apoios sociais aos trabalhadores; em quinto lugar, a descentralização da actividade cultural da cooperativa para o

Porto, com reconhecido êxito, e a entrada em vigor do Fundo Cultural, que permitiu apoiar mais de 50 projectos. Podia citar outras acções e medidas, mas tornaria a resposta longa e fastidiosa.

Entende, portanto, que estas medidas influenciaram o resultado eleitoral?

Naturalmente que sim. Não tenho sobre isso a menor dúvida. Por outro lado, creio que foram essas medidas que demonstraram àqueles que sistematicamente criticam a gestão da cooperativa que não tinham condições para se constituírem



“Os principais objectivos em relação ao mandato que se inicia em Janeiro de 2011 são a contenção de despesas, a operacionalização total do SGS, o reforço das formas de cobrança e o aprofundamento da política de comunicação e de partilha de informação com os cooperadores

como alternativa. Se essas condições existissem, não duvido de que teriam avançado, mais que não fosse por mero ressentimento pessoal ou por revanchismo. Os cooperadores, felizmente, perceberam com a clareza que o resultado da votação confirma que era tempo de cerrar fileiras e não de embarcar em aventureirismos que podiam comprometer o futuro da cooperativa, conduzindo à mediatização negativa de querelas artificiais e portanto inúteis. Quem já estava isolado ficou ainda mais isolado, por não poder falar em nome do interesse colectivo da SPA. Seria bom que alguns dos que nos últimos tempos criticaram a gestão da SPA fizessem passar pela cooperativa a totalidade dos seus contratos, como os estatutos exigem, mais que não seja para não se arriscarem a perder a condição de cooperadores, conforme está previsto estatutariamente. Mas isso é assunto para tratar na altura própria e na sede própria.

“A LISTA SUFRAGADA FOI DA MINHA INTEIRA RESPONSABILIDADE”

Foi, pois, a vitória de uma lista de unidade?
De unidade e acção, mas não o resultado de qualquer coligação com listas anteriores, pois na SPA não existem partidos nem grupos organizados. Houve pessoas de bom senso e com visão estratégica que se juntaram para, como dizia o *slogan* eleitoral, garantirem o futuro da cooperativa e unirem de facto os autores. Por outro lado, é importante referir que a lista sufragada pelos cooperadores, que foi inteiramente da minha responsabilidade, não foi uma emanção da Direcção cessante, embora a quase totalidade dos membros dos corpos sociais me tenha manifestado o seu apoio e confiança para que me candidatasse à presidência da Direcção. Fi-lo com a legitimidade que me é dada por sete anos na Administração da SPA e na vice-presidência da Direcção e também pelo contributo que sei ter dado nas duas eleições anteriores para a eleição de Manuel Freire.

Mas, mesmo havendo uma só lista, foi feita uma campanha muito intensa, como se existissem duas em confronto.

É verdade. Tive essa preocupação, pois sempre entendi que, quando não há disputa eleitoral, existe uma natural tendência para a desmobilização e para a abstenção. Empenhei-me, por-



tanto, a fundo neste processo eleitoral, como nos dois anteriores, e, desse modo, obtive-se a segunda maior votação de sempre na história da SPA, logo a seguir ao resultado de 2006, superior em pouco mais de um dezena de votos, e a maior votação de sempre numa lista única, a larga distância de qualquer outra. Naturalmente que isso me deixa satisfeito, pois representa um expressivo voto de confiança na equipa que constituí e no trabalho que nos propomos realizar nos próximos quatro anos.

Quais são os principais objectivos em relação ao mandato que se inicia em Janeiro de 2011?

Em primeiro lugar, levar à prática as medidas constantes do plano estratégico que apresentámos no início de Novembro, designadamente a contenção de despesas, a operacionalização total do SGS, o reforço das formas de cobrança e o aprofundamento da política de comunicação e de partilha de informação com os cooperadores. Por outro lado, destaco, neste quadro de crise global, a manutenção da credibilidade e da efectiva capacidade negocial da SPA com os grandes operadores, com os usuários em geral e com os decisores políticos. Estamos conscientes de que vamos viver momentos muito difíceis e só uma SPA unida será capaz de lhes fazer frente, mantendo os postos de trabalho existentes, bem como a tendência para a estabilização da situação financeira da cooperativa. Terminamos 2010, apesar dos sinais mais do que visíveis da crise, com resultados globalmente positivos. Mas vamos ter de continuar a trabalhar muito para enfrentar os tempos sombrios que aí vêm, pois é inevitável que se registre uma acentuada quebra no consumo de bens culturais, com todas as condições negativas que esse quadro trará à SPA. Ainda assim, posso assegurar que temos um conjunto de medidas para pôr em prática e que os efeitos da crise não nos apenharão de surpresa.

Portanto, poderá falar-se de um moderado optimismo?

Mesmo com o adjectivo “moderado”, eu diria que o tempo não está de feição para optimismos de nenhum género. Poderemos sim falar de realismo e de determinação, atitudes fundamentais para estarmos à altura das dificuldades que esperam os autores de todo o mundo e os portugueses em particular.

O essencial do nosso programa para 2011 está definido no Plano e Orçamento que irá ser votado na assembleia geral de dia 22. Estamos unidos em torno desses objectivos e sabemos que pelo menos 280 cooperadores estão conosco nesta luta pela defesa e dignificação dos direitos dos autores e da cultura em Portugal. Poucas vezes na história da SPA se encarou o futuro com tanto realismo e com uma base de apoio tão sólida e alargada. Tudo faremos para estar à altura dessa enorme responsabilidade, confiando na unidade dos cooperadores, que tão visível e estimulante foi neste processo eleitoral.



José Jorge Letria preside à Sociedade Portuguesa de Autores

José Jorge Letria foi eleito presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, escrutinados os votos do acto eleitoral decorrido no dia 6 de Dezembro. José Jorge Letria desempenhava já as funções de Presidente do Conselho de Administração e de Vice-Presidente da Direcção cessante.

Na nova Direcção, José Jorge Letria é acompanhado por João Lourenço (Vice-Presidente), Pedro Abrunhosa, Pedro Campos, um editor musical a designar, António Torrado, João David Nunes, António Victorino d'Almeida e António Casimiro.

Foram também eleitos os membros da Mesa da Assembleia Geral e o Conselho Fiscal. José Niza presidirá à Mesa da Assembleia, sendo Vice-Presidente Rui Vieira Nery e secretária Leonor Xavier. O Conselho Fiscal é presidido por Jorge Leitão Ramos e integra também José Cabeleira e o cantor Emanuel.

APRESENTADO AOS COOPERADORES PARA ANÁLISE ANTES DAS ELEIÇÕES

Documento estratégico estabelece objectivos e define etapas

Num esforço de reflexão e de consciencialização da necessidade de estruturar um instrumento de trabalho para o futuro, a Administração cessante da Sociedade Portuguesa de Autores deu a conhecer aos cooperadores, no dia 11 de Novembro, um pormenorizado documento estratégico, onde analisa a situação actual da cooperativa e os ganhos obtidos durante o seu mandato, definindo, a partir daí, os objectivos para os próximos quatro anos e as etapas para a sua concretização. Apresentado antes das eleições para os novos corpos sociais, que decorreram no

DOCUMENTO PIONEIRO NA CONSAGRAÇÃO DOS DIREITOS DOS AUTORES

SPA vai propor a criação do Estatuto do Autor Português

A SPA está a elaborar uma proposta de Estatuto do Autor Português, documento que deverá consagrar um conjunto significativo de direitos dos autores nacionais nunca antes sistematizados e devidamente articulados.

Sendo significativo o número de autores portugueses que vivem exclusivamente da sua actividade criadora, é indispensável que a legislação portuguesa venha a consagrar os seus direitos, bem como o dos restantes autores cujo trabalho de criação é relevante para a sua subsistência e estabilidade financeira.

O documento, que irá ser apresentado em breve aos vários grupos parlamentares e ao Ministério da Cultura, deverá fixar um conjunto de direitos na esfera fiscal e no tocante à Segurança Social, dois domínios nos quais os autores portugueses se encontram gravemente desprotegidos. Basta ter em conta que um autor afectado por uma penhora fiscal não dispõe da prerrogativa de manter à sua disposição um valor que lhe permita fazer face às

despesas de subsistência, seja a pessoal seja a familiar. Do mesmo modo, o Estatuto do Autor Português deverá consagrar um conjunto de direitos relacionados com a aposentação condigna dos autores e com as condições de acompanhamento e assistência numa idade avançada.

A SPA será a primeira sociedade de gestão colectiva, a nível internacional a avançar com uma iniciativa desta natureza, assumindo um papel pioneiro nesta matéria. Com o objectivo de assegurar a concretização deste objectivo, a SPA já iniciou contactos a nível parlamentar e tenciona apresentar uma versão preliminar do projecto ao Ministério da Cultura nas próximas semanas.

O Estatuto do Autor Português levará em conta o projecto do Estatuto do Artista, mas avança em sentidos diversos mas complementares, tendo em conta a especificidade da situação dos potenciais beneficiários.

Deste modo, a SPA reforça e acentua o seu carácter assistencialista e institucional, sempre na intransigente defesa dos seus associados.

A SPA acredita que os decisores políticos serão receptivos ao debate e posterior aprovação deste documento pioneiro.

*Lisboa, 25 de Novembro de 2010
O Conselho de Administração*

Novos corpos sociais da SPA eleitos com resultado histórico para o próximo quadriénio

Os corpos sociais da Sociedade Portuguesa Portuguesa de Autores foram eleitos, no passado dia 6, com 280 votos, a maior votação até hoje registada numa lista única na história da cooperativa. Encabeçou a lista para a Direcção José Jorge Letria, presidente do Conselho de Administração e vice-presidente da Direcção cessante.

Integram os novos corpos sociais nomes como Pedro Abrunhosa, Rui Vieira Nery, Jorge Paixão da Costa, António Victorino d'Almeida, João Lourenço, Alice Vieira, João David Nunes, Vitorino, Carlos Alberto Moniz, Tozé Brito, Emanuel, Pedro Campos e Isabel Medina, entre outros. Pela primeira vez integrará a Direcção um representante dos editores musicais.

A lista única, que se apresentou sob o lema "SPA: Unir os Autores, Garantir o Futuro", teve o apoio de cerca de 180 cooperadores e como mandatário o escritor Urbano Tavares Rodrigues.

Foi a primeira vez, desde 2001, que se apresentou uma lista única ao sufrágio dos cooperadores da SPA, após dois actos eleitorais - em 2003 e 2006 - nos quais duas listas se confrontaram duramente. O trabalho de pacificação interna, de modernização e de concretização de novos projectos, designadamente de apoio à actividade criadora e de reforço da solidariedade com cooperadores carenciados, terá contribuído para este resultado histórico. Foi, até à data, a lista com maior número de elementos femininos. Os novos corpos sociais tomam posse no próximo dia 5 de Janeiro, na sede da SPA, cooperativa criada em 22 de Maio de 1925.

Lisboa, 7 de Dezembro de 2010
O Conselho de Administração

Mais informações em www.spautores.pt

LISTA DOS CORPOS SOCIAIS ELEITOS PARA O QUADRIÉNIO 2011-2014

ASSEMBLEIA GERAL

Efectivos	Suplentes	
José Niza (Presidente)		
Rui Vieira Nery (Vice-Presidente)		
Leonor Xavier (Secretária)	Renato Júnior	

DIRECÇÃO

Efectivos	Suplentes	
José Jorge Letria (Presidente)	Literatura	Alice Vieira
João Lourenço (Vice-Presidente)	Encenação	Isabel Medina
Pedro Abrunhosa	Música	Carlos Alberto Moniz
	Música	Tozé Brito
Pedro Campos	Música	Vitorino Salomé
Editor (nome a designar pela editora)	Música	Suplente de editor a designar por estes
		Tiago Torres da Silva
António Torrado	Teatro	Paulo Sérgio Santos
João David Nunes	Audiovisual	Jorge Paixão da Costa
António Victorino D' Almeida	Audiovisual	Catarina Amaro
António Casimiro	Artes Visuais	

CONSELHO FISCAL

Efectivos	Suplentes	
Jorge Leitão Ramos (Presidente)		
José Cabeleira (Vice-Presidente)	Maria de Lourdes Carvalho	
Emanuel (Américo Monteiro)	José Viale Moutinho	

SPA reclama maior intervenção dos Eurodeputados Portugueses no debate sobre as directivas comunitárias

A SPA vai enviar nos próximos dias, uma carta-memorando* a todos os eurodeputados portugueses, solicitando-lhes uma maior intervenção no debate e votação das directivas que envolvem o direito de autor e outras questões de relevância cultural e que se encontram agendadas para o ano de 2011.

Nesse documento, a SPA destaca os diplomas que irão estar em análise no Parlamento Europeu, realçando a importância de que se revestem para os criadores culturais portugueses e para quem os representa.

Considera a SPA que, salvo raras e honrosas excepções, os eleitos portugueses naquele parlamento internacional têm prestado uma atenção insuficiente a esta produção legislativa e às consequências dela no ordenamento jurídico português.

A SPA, também nesse documento, coloca-se à disposição dos eurodeputados portugueses para todos os esclarecimentos de que necessitem, com vista a uma participação mais interveniente e eficaz daqueles eleitos na acção do Parlamento Europeu em matéria cultural.

Lisboa, 6 de Outubro de 2010
O Conselho de Administração

*Aqui junto pode ler-se na íntegra a carta enviada pelo Presidente do Conselho de Administração da SPA aos Eurodeputados Portugueses

Exm^o Senhor
Digm^o Membro do Parlamento Europeu

Assunto: Harmonização do Quadro Regulamentar da Gestão Colectiva do Direito de Autor

Exm^o(a) Senhor(a),

A Sociedade Portuguesa de Autores é uma cooperativa de responsabilidade limitada, fundada em 1925 para a Gestão do Direito de Autor, nos termos da legislação nacional (Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos aprovado pelo Decreto-Lei nº 63/85, de 14 de Março, e alterado pelas Leis nº 45/85, de 17 de Setembro, e nº 114/91, de 3 de Setembro) e internacional (Convenção de Berna de 1886 e Convenção Universal de 1952, revistas em 1971). O seu funcionamento, a sua competência e atribuições são reguladas pela Lei nº 83/2001, de 3 de Agosto.

A SPA representa os autores portugueses de todas as disciplinas literárias e artísticas, seus sucessores e cessionários, que nela se acham inscritos e cujo número ascende hoje a cerca de 20.000. Representa ainda os autores, sucessores e cessionários inscritos em cerca de 200 sociedades congéneres existentes em 90 países de todos os continentes, com as quais a SPA mantém relações contratuais recíprocas.

Na prossecução do seu objecto estatutário, a SPA autoriza a utilização das obras dos titulares de direitos autorais que representa (nacionais e estrangeiros); fixa as condições dessa utilização; cobra os direitos autorais que dela resultam e distribui os montantes cobrados, após dedução das comissões, pelos titulares dos respectivos direitos. Complementarmente, desempenha ainda importantes funções de carácter social, cultural e mutualista. As enormes alterações que têm tido lugar nos últimos anos, com a explosão da internet de banda larga e o crescimento alarmante da "pirataria" on line, criaram um ambiente de incerteza para os autores europeus cujas obras são frequentemente disponibilizadas on line de forma ilegal ou sem a devida compensação de ordem económica.

Este ambiente de incerteza foi exponencialmente agravado pelo contexto de crise económica global que se instalou, e cujo desfecho é ainda imprevisível.

É com preocupação que assistimos a um constante decréscimo do reconhecimento e da remuneração dos criadores, apesar do sector cultural, pelo seu potencial, ser geralmente visto como um dos que, com mais probabilidades, conduzirão a Europa para a saída da crise.

Com esta carta, a SPA pretende chamar a atenção de V. Exa para a importância da criação de regras comuns aplicáveis à gestão colectiva do Direito de Autor, como forma de prossecução de um mercado único para a Informação, em que o sector cultural veja o seu papel reforçado.

A criação dessas regras, por sua vez, deverá ter em particular atenção a situação de vulnerabilidade em que se encontra o sector cultural, na maior parte dos países da U.E., esperando-se que sejam o garante de um quadro de protecção necessário para que os criadores possam desenvolver com segurança a sua actividade, assim contribuindo para o reforço da diversidade cultural que constitui um dos maiores valores da Europa.

Nada seria mais ilusório do que a tentativa de aprofundar o mercado único à custa do atropelamento dos direitos fundamentais dos criadores.

A gestão colectiva de direitos levada a cabo pelas sociedades de gestão colectiva é um princípio básico do ordenamento jurisdicional de todos os Estados Membros da UE. Do ponto de vista económico, cultural e social, as sociedades de autores são essenciais para uma gestão e respeito efectivos do Direito de Autor.

Existe hoje, no seio da UE, um consenso alargado quanto ao facto das sociedades de gestão servirem simultaneamente os interesses dos titulares de direitos e dos utilizadores das suas obras.

O legislador europeu tem deixado expresso esse princípio nas directivas relativas ao Direito de Autor, através da exigência da

criação de uma estrutura que assegure uma gestão colectiva eficiente no âmbito da UE. Contudo, na ausência de regras comuns sobre os fundamentos e as operações das sociedades de autores, as legislações nacionais e a prática da gestão colectiva do Direito de Autor apresentam diferenças significativas e tendem a evoluir em sentidos distintos.

O Mercado Único constitui um quadro económico para diversas formas de gestão colectiva. Especialmente na área do comércio on-line transfronteiriço de bens e serviços que carecem de autorizações no âmbito do direito de autor, a necessidade da sua gestão colectiva é inquestionável e tem sido o modelo prático corrente. Sem uma regulamentação uniformizada quanto à constituição e actividade dos organismos de gestão colectiva, dificilmente o mercado único dos media e produtos culturais se desenvolverá de forma satisfatória. Isto é particularmente evidente no que diz respeito ao desenvolvimento dos serviços musicais on-line, cuja dinâmica poderá ser acelerada através da harmonização das condições em que as sociedades de gestão europeias operam.

Para além disso, experiências recentes demonstram que a aplicação de outras regras da legislação da UE como, por exemplo, a aplicação das leis da concorrência às sociedades de gestão, não tem em consideração as particularidades do Direito de Autor e do funcionamento das sociedades de gestão. O desenvolvimento de um Mercado Europeu para a gestão colectiva do Direito de Autor será mais facilmente alcançado através da criação de um quadro regulamentar comum aplicável às operações das sociedades de gestão.

Infelizmente, a iniciativa de 2003 do Parlamento europeu e da Comissão com vista à harmonização das leis nacionais sobre gestão colectiva de direitos não produziu resultados. A reorganização actual das sociedades de gestão e as iniciativas em curso tendentes ao desenvolvimento do mercado on-line criam uma excelente oportunidade de recuperar aquela iniciativa e de criar regras consistentes para o licenciamento de conteúdos criativos.

Por estas razões, gostaríamos de encorajar a promoção da harmonização dos regimes legais existentes de gestão colectiva do Direito de Autor, inclusive através da adopção de directiva sobre a matéria.

O Parlamento Europeu tem entre mão a discussão da "copyright agenda" e irá, necessariamente, focar de perto a questão da regulação da gestão colectiva do direito de Autor.

Estamos conscientes que o campo está aberto à introdução de alterações substanciais, quer do ponto de vista do consumidor, quer do ponto de vista do utilizador, quer do ponto de vista do autor.

Vimos, pois, chamar a atenção de V. Exa. para a necessidade de, neste quadro de intensa actividade legislativa, não serem perdidos de vista os particulares interesses dos autores portugueses, cuja esmagadora maioria representamos, e as batalhas que têm de travar no contexto internacional para fazerem valer os seus direitos, maxime de ordem patrimonial.

À luz do que atrás fica exposto, a SPA, que tem vindo a manter um contacto estreito com o poder político nacional, gostaria de se colocar à disposição de V. Exa. para apoiar com a sua presença todas as iniciativas que possam ir ao encontro das preocupações acima expressas, bem como para, sempre que tal seja entendido como útil e necessário, discutir as questões relacionadas com a gestão colectiva do Direito de Autor, quer na perspectiva de uma harmonização do mercado único, quer em relação a outras políticas da U.E., dada a sua importância para os autores nossos representados.

A SPA está certa de poder contar com a melhor atenção de V. Exa. Relativamente a estas matérias e à sua relevância para a defesa da cultura portuguesa e dos seus autores.

Sem outro assunto, e manifestando a nossa elevada consideração,

Atentamente,
José Jorge Letria (Mestre)
Presidente do Conselho de Administração

Austeridade, confiança e unidade para fazer face à dimensão da crise



NO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 2010

Assembleias Gerais votam Orçamento e Plano para 2011 e actualização do Regulamento de Repartição de Direitos

No dia 22 de Dezembro vão realizar-se duas Assembleias Gerais: a Assembleia Ordinária para apreciação e votação do Orçamento e Plano de Actividades para 2011 e a Assembleia Extraordinária para se proceder à actualização do Regulamento de Repartição de Direitos e Calendário Anual de Distribuições.

Conforme consta da introdução ao Regulamento de Repartição de Direitos, obrigatoriamente de 2 em 2 anos o mesmo Regulamento deve ser revisto ou actualizado, o que agora acontece.

Entre as actualizações propostas, é de destacar, por exemplo, que “no caso das telenovelas, e quando não possuímos a respectiva cue sheet, o cálculo da parte musical incidirá sobre 70% da duração de cada episódio”, quando antes era sobre 30%. Ainda no capítulo de Radio-difusão Visual – Música e Publicidade (Comunicação Pública Primária), foi acrescentado um terceiro item, que refere que “no caso de confirmada inexistência de uma das classes de criação, a totalidade dos direitos será dividida pelos restantes autores da obra”.

O PLANO E O ORÇAMENTO para o ano de 2011 cuja aprovação se propõe aos cooperadores, não pode deixar de levar em conta a grave situação económica e social do país, que forçosamente se irá reflectir de forma negativa nas acções previstas e nos números, não obstante as medidas preventivas postas em prática já em 2010. Bom seria que assim não acontecesse, mas é com esta realidade que temos de lidar e não com boas intenções, com retóricas de circunstância ou previsões utópicas. É sabido que o quadro que enfrentámos no ano que chega ao fim se agravou significativamente em consequência das medidas de austeridade recentemente anunciadas pelo governo, as quais irão conduzir a uma inevitável diminuição dos consumos de bens culturais, assim como a uma situação de empobrecimento de sectores económicos tão importantes no que toca às cobranças como são a restauração e a hotelaria.

Mesmo as previsões mais optimistas, que são quase inexistentes, apontam para a inevitabilidade de 2011 ser um ano de marcante redução dos consumos em geral e, necessariamente, dos que envolvem bens culturais.

Se, em situações de guerra, a primeira vítima costuma ser a verdade, numa situação aguda de crise global a vítima primordial é sempre a cultura. Assim sendo, as autarquias de todo o país anunciaram já preocupantes cortes em matéria de aquisição de serviços no domínio dos bens e serviços culturais, o que significa que haverá menos espectáculos, menos livros, CD e DVD comprados para

uso corrente nas bibliotecas da rede de leitura pública.

Por outro lado, o facto lamentável de o Ministério da Cultura, contrariamente ao que foi anunciado pela sua titular, não ter feito entrar em vigor a nova Lei da Cópia Privada, dada como certa em 22 de Maio de 2010, durante a cerimónia comemorativa do Dia do Autor Português, na sede da SPA, representa um prejuízo de milhões de euros para os autores nacionais, o que poderá mesmo conduzir à inviabilização do funcionamento da AGE COP (Associação para a Gestão da Cópia Privada), a que a SPA voltou a presidir em meados de 2010.

Se a esta situação somarmos a ausência de medidas concretas e eficazes por parte dos poderes públicos no que diz respeito à pirataria, tudo leva a crer que ela irá proliferar, tornando ainda mais pobres os autores cujas condições de vida se agravaram em consequência desse fenómeno nos últimos anos. De resto, esse fenómeno não pode deixar de ser enquadrado no contexto da economia paralela que, com os números conhecidos do desemprego, acaba por se tornar tolerada pelo poder político como forma de atenuar a degradação das condições sociais e políticas, dando ao consumidor comum a ilusão sempre errónea de que pode continuar a consumir CD e DVD a preços acessíveis, embora todos saibamos que esses produtos culturais, além de pirateados, são sempre deploráveis do ponto de vista qualitativo.

Assim, uma vez mais, a SPA e os milhares de autores que representa voltam a ser vítimas da ausência, em sucessivos governos, de uma política orientada para a defesa dos legítimos direitos dos criadores e dos artistas. Ao longo dos anos, governos de diferentes cores políticas recusaram-se a encarar como uma prioridade estratégica a criação de condições para o desenvolvimento das indústrias da cultura, que asseguram hoje, em Portugal, a sustentabilidade de 2,6 por cento do mercado de trabalho.

Sendo embora sabido que a economia da cultura gera emprego, sobretudo para a juventude, riqueza, receita fiscal, reforço da identidade nacional, capacidade de exportação e fortalecimento do prestígio internacional de Portugal, os poderes públicos persistiram e persistem em encará-la como um segmento menor e passível de ser ignorado, não curando de saber quais os danos que daí irão advir para a cultura e para a economia portuguesa em geral.

Essa indiferença e passividade são bem visíveis nas dificuldades com que a SPA e a GDA têm vindo a deparar na tentativa de criarem, com apoio estatal, o Gabinete de Exportação da Música Portuguesa, apesar de estar demonstrado à saciedade

PLANO 2011

que a sua criação e operacionalização iria ultrapassar largamente e em pouco tempo um investimento pouco significativo, se comparado com outros de duvidoso interesse efectuados noutros sectores ao longo dos anos. Se, como o Presidente da República, que manifestou o seu apoio ao projecto, e o Governo apontam as exportações como uma prioridade estratégica da economia portuguesa, como poderá explicar-se e aceitar-se esta passividade e esta lentidão?

É, pois, com este quadro que a SPA terá de lidar em 2011 e seguramente nos anos seguintes, estando os responsáveis pela sua gestão conscientes da dimensão das dificuldades que se lhes depararão e da necessidade de adoptarem medidas de austeridade que lhes permitam fazer face à situação. Apesar de 2010 já ter sido um ano de crise, pode dizer-se que os resultados da gestão efectuada, que serão apresentados a escrutínio dos cooperadores no Relatório e Contas, em Assembleia Geral a realizar em finais de Março, foram mais positivos do que inicialmente se previra, o que permitiu manter o equilíbrio das contas da cooperativa, prosseguir com o esforço de modernização dos seus serviços, manter as políticas de assistência e apoio aos cooperadores carenciados e também de apoio à criação cultural, bem como o investimento na formação de quadros da empresa e sobretudo assegurar a manutenção dos postos de trabalho. Este último aspecto revestiu-se de uma importância fundamental, já que a SPA, contrariamente ao que aconteceu com congéneres suas maiores e mais ricas, não despediu nenhum trabalhador nos últimos anos e até readmitiu com êxito alguns que haviam sido dispensados anos antes. A Direcção e a Administração da SPA tudo farão em 2011 no sentido de que esse princípio se mantenha inalterável, embora estejam conscientes da gravidade da situação económica e financeira que têm pela frente.

Traçado o quadro sombrio de uma realidade incontornável, os responsáveis pela gestão da SPA apontam para 2011 um inevitável crescimento zero, mas têm previstas medidas concretas para enfrentar a situação e eventualmente conseguir superá-la. A regra básica continuará a ser, em todas as frentes, reduzir as despesas e aumentar as receitas.

Nenhuma das prioridades definidas como sendo de importância estratégica em 2010 irão ser anuladas ou alteradas, designadamente o desenvolvimento e plena utilização do sistema informático SGS, que já tem todas as suas valências em funcionamento, embora se saiba que se trata de um processo de uma extrema complexidade, tendo sido necessário efectuar um grande esforço financeiro e humano para se recuperar o tempo perdido com opções erradas e mal geridas por quem já não se encontra ao serviço da SPA.

Só por estultícia se poderia afirmar que entramos em 2011 com optimismo moderado ou com um grande capital de esperança. No entanto, ambos podem existir desde que tenham como garantia de sustentabilidade a confiança e a criatividade dos autores e a competência e o profissionalismo da generalidade dos trabalhadores da cooperativa, que continuarão a encontrar na Administração abertura para o diálogo, disponibilidade total para lhes premiar o mérito e também um espírito de solidariedade que nunca deixou de ser activo e visível em 2010 e nos anos anteriores.

A IMPORTÂNCIA DO SECTOR DA EXECUÇÃO PÚBLICA

Com o acentuado declínio da indústria musical, o sector da Reprodução Mecânica, que, durante anos, foi uma das principais fontes de receita da cooperativa, passou, como não podia deixar de ser, a apresentar resultados inferiores aos desejáveis, não por culpa da Administração e dos quadros competentes que nele operam, mas sim como consequência das dramáticas quebras do mercado.

Por esse motivo, adquiriu importância redobrada, sobretudo em 2010, o sector da Execução Pública/Delegações/Grandes Operadores, que permitiu inverter a tendência prevista para uma significativa diminuição das cobranças.

Este sector conseguiu resistir em 2010 e tudo leva a crer que irá manter essa tendência positiva em 2011, designadamente através da entrada em vigor de novas parcerias e formas de cobrança que atenuem, por exemplo, o facto de estruturas que cobram direitos conexos estarem a funcionar com tabelas superiores às do direito de autor que é, como se sabe, o direito primário e de referência neste domínio.

No início de 2011, a Administração da SPA apresentará aos cooperadores, através dos canais de comunicação ao seu dispor, um ambicioso e moderno programa de reestruturação do sector, que se mostre capaz de conduzir ao aumento possível de receitas e à criação de mecanismos que permitam contrariar os efeitos nefastos do mais do que previsível encerramento de centenas de estabelecimentos da restauração e da hotelaria em todo o país.

A mesma orientação presidirá ao relacionamento da SPA com os usuários em geral e com os grandes operadores em particular, com os quais já foi possível encontrar em 2010 novas e promissoras plataformas de entendimento.

O grande objectivo da SPA, neste como noutros domínios, é aumentar as receitas, estancar as quebras e procurar novas formas de negócio e de intervenção num mercado deprimido e em acelerada transformação.

Também neste domínio, será reforçada a acção de esclarecimento, informação e formação, por parte da SPA, junto das forças policiais e das magistraturas, de forma a assegurar que a pirataria e outros fenómenos de usurpação de direitos irão ser objecto de combate e punição exemplares. A esse tipo de intervenção deverá acrescentar-se o esforço de informação a desenvolver junto de diversas camadas do público consumidor, do qual se espera que tenha uma sensibilidade mais apurada para as questões que envolvem os legítimos direitos dos autores. O trabalho realizado nesse sentido nos últimos anos irá ser convenientemente aprofundado.

Também se irá proceder a uma melhor adequação do serviço de Fiscalização à nova realidade que o mercado configura e aos problemas e desafios que ela representa.

SGS: UMA APOSTA GANHA E PARA SER APROFUNDADA

A opção feita pelo SGS revelou ser a mais correcta e consentânea com a estrutura de funcionamento e as necessidades da SPA. A totalidade do sistema encontra-se já instalada e na fase de formação para o seu funcionamento pleno, com todas as vantagens daí resultantes para a agilização dos serviços e para o reforço da transparência dos procedimentos adoptados a todos os níveis. Pode hoje dizer-se que as distribuições periódicas, já asseguradas pelo SGS, corresponderam às melhores expectativas da Administração e naturalmente também aos anseios dos cooperadores que delas são destinatários.

Durante o ano de 2011 será necessário garantir a plena operacionalidade do sistema através do investimento na sua manutenção e na formação de quadros de nível superior que a possam assegurar. Nesse sentido, será justo afirmar-se que o valor aplicado na instalação do SGS foi muito mais investimento do que despesa, tendo em conta as vantagens inequívocas que já está a ter e que terá no futuro, no que toca à modernização do funcionamento da cooperativa.

Com a operacionalização do ERP (sistema de gestão contabilística), à beira de concretização, a reestruturação informática da empresa estará completada, sendo legítimo afirmar-se que, assim, se inaugura um novo ciclo na vida e na história da SPA, que, neste plano, tanto tardou a avançar no sentido correcto.

APOSTAR NA COMUNICAÇÃO E NA CREDIBILIZAÇÃO DA IMAGEM DA SPA E DOS AUTORES

A presença da SPA no espaço mediático, através



de programas na RTP 1 e 2, na TVI 24 e desde o último trimestre de 2010 também nas antenas da TSF continuará a ser uma prioridade para os responsáveis pela gestão da SPA, já que, desse modo e contrariamente ao que aconteceu durante décadas, se fornece uma imagem da cooperativa mais justa, prestigiada, moderna e dialogante e não a componente repressiva que tanto a estigmatizou.

Esta foi uma das apostas que a SPA ganhou em toda a linha em 2010 e que já evidencia resultados palpáveis no modo como as forças policiais e as magistraturas começam a encarar as questões relacionadas com o direito de autor. Também a opinião pública, influenciada por esta nova imagem gráfica e institucional, começa a ter uma atitude mais receptiva em relação à SPA e aos direitos dos milhares de criadores que ela representa.

Nesse sentido, a garantia de que a Gala do Prémio Autor continuará a ser o espectáculo de grande dimensão e produção em que a RTP mais aposta, apesar dos cortes orçamentais a que também se encontra sujeita, constitui uma garantia estimulante da grande visibilidade desta instituição a que nos orgulhamos de pertencer.

Em 2011, a SPA manterá, sem quaisquer encargos adicionais, a aposta numa estratégia de comunicação com várias vertentes, designadamente a que envolve o fornecimento de informação regular aos cooperadores através do Portal, da revista “Autor”, da “newsletter” e do boletim, sendo este especialmente direccionado para os cooperadores que ainda não aderiram ao mundo digital.

Prevê-se ainda no primeiro semestre de 2011 a entrada em funcionamento, no nosso portal, de novas valências no Atendimento Online, com o acesso, por parte de autores e editores, à sua conta corrente, bem como à consulta geral e detalhada de obras e a possibilidade de colaborarem com os nossos serviços na correcção e actualização da base de dados. A Administração tudo fará para que estas melhorias e avanços se concretizem nos prazos previstos.

Os responsáveis pela gestão da cooperativa estão conscientes de que se deram, sobretudo em 2009 e 2010, importantes passos neste domínio e de que em 2011, justamente por se estar a viver um período de crise aguda, será preciso manter informados os autores e a opinião pública em geral do que se faz na SPA, do papel que ela desempenha enquanto instituição e do seu contributo para o desenvolvimento da vida cultural portuguesa.

Pode afirmar-se que a imagem que a SPA dá hoje de si para o exterior nada tem a ver com aquela que em 2003 e nos anos seguintes andou, de forma negativa, no espaço mediático, antes do processo de pacificação e estabilização que entretanto se consolidou e permitiu mesmo a apresentação de

uma lista única nas eleições de 6 de Dezembro de 2010.

INVESTIR NA FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES E NA DISTINÇÃO DO MÉRITO

Para se construir uma SPA moderna é indispensável um investimento adequado na formação dos seus trabalhadores, durante tantos anos foi descurada ou mesmo ignorada. Com esse objectivo, o programa de formação em curso em áreas como a informática e as línguas estrangeiras irá ter continuidade em 2011, sempre em função das carências detectadas e das prioridades estabelecidas pela Administração.

Por outro lado, não estando a Administração em condições de aumentar os salários devido aos constrangimentos financeiros anteriormente anunciados, está prevista a entrada em vigor de novas medidas de apoio social aos trabalhadores, designadamente no período pós-parto e através de bolsas a atribuir a trabalhadores-estudantes que frequentem cursos de manifesto interesse para o desenvolvimento da cooperativa.

Está igualmente em análise um projecto de colaboração com o Centro Cultural e Desportivo da SPA, com vista à oferta de um maior número de refeições diárias a preços acessíveis.

Estas medidas vêm acrescentar-se às já adoptadas e postas em prática desde 2009, no tocante, por exemplo, aos passes sociais.

A Administração da SPA está consciente da importância que um quadro de pessoal moderno e motivado tem para a prossecução dos seus objectivos estratégicos, pelo que, em 2011, entrará em vigor um plano de progressão nas carreiras que premeie efectivamente o mérito individual e não se limite a pactuar com rotinas e inércias há muito instaladas.

Com vista à redução dos encargos com o pessoal, a Administração continuará disponível para negociar com os trabalhadores rescisões amigáveis de contratos, como já aconteceu com êxito em vários casos, no ano de 2010.

CRIAR O ESTATUTO DO AUTOR PORTUGUÊS

Os responsáveis pela gestão da SPA elaboraram um projecto de Estatuto do Autor Português, que irá ser apresentado no princípio de 2011 aos grupos parlamentares da Assembleia da República, ao Ministério da Cultura e à comunicação social.

Este documento, que pretende ser um instrumento de acção e defesa dos autores, é pioneiro em termos nacionais e internacionais, sendo a primeira vez que uma sociedade de gestão colectiva avança com

a criação de uma carta de direitos com estas características.

O Estatuto do Autor Português apresenta três vertentes fundamentais: uma, no plano da fiscalidade, destinada a assegurar a equiparação dos autores a trabalhadores por conta de outrem designadamente nas infelizmente tão comuns situações de penhoras fiscais; uma segunda relacionada com os escalões contributivos em matéria de descontos para a Segurança Social; uma terceira que diz respeito às medidas concretas de apoio a prestar pelo Estado a autores em idade avançada ou em situação de invalidez, independentemente da sua idade.

Se conseguir a aprovação deste diploma, a SPA terá dado um passo relevante no que se refere à defesa dos direitos dos autores portugueses em geral num futuro que se prevê sombrio para a maioria deles.

Não estando a cooperativa em condições financeiras de aumentar o Subsídio Estatutário, tentará reforçar todas as medidas de apoio indirecto, seja através do alargamento de benefícios assegurados pelo Cartão Mais, seja através de parcerias e protocolos com várias entidades.

Por outro lado, está assegurada a continuidade do Subsídio de Emergência, sendo previsível que venha a aumentar o número de autores que necessitem de recorrer a ele.

A Direcção e a Administração da cooperativa sabem que, do mesmo modo que em relação ao quadro de pessoal a prioridade é manter os postos de trabalho, em matéria de apoio social e mutualista aos cooperadores o importante é assegurar a sustentabilidade financeira dos instrumentos assistenciais em vigor. E essa garantia, salvo em situação de calamidade nacional, a SPA está em condições de a dar em relação ao ano que vai começar.

MANTER OS COMPROMISSOS E O PRESTÍGIO NA CENA INTERNACIONAL

Nos últimos anos, a Direcção e a Administração da SPA fizeram da frente internacional uma das suas prioridades, já que, trabalhando em rede com mais de duas centenas de sociedades congéneres e com várias super-estruturas do sector, tem consciência da importância de que se reveste este tipo de intervenção.

A SPA está representada nas estruturas de direcção de organismos como o Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais, desde 2005, e irá renovar o seu mandato por mais dois anos a partir de Abril de 2011.

Por outro lado, prosseguirá a aposta e o investimento do espaço das sociedades lusófonas, designadamente através dos Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores, criação da SPA, que teve a sua primeira

PLANO 2011

edição em Lisboa e a segunda no Rio de Janeiro em 2010. Esta iniciativa irá ter continuidade, rotativamente, em 2011 e nos anos seguintes, sempre em cidades importantes dos países da lusofonia. Desses encontros resultaram já importantes acordos bi e multilaterais que começaram a dar frutos e irão traduzir-se também no apoio às sociedades africanas mais carenciadas.

A SPA continuará a estar presentes nas reuniões dos comités técnicos da CISAC, mas as deslocações ao estrangeiros irão ser abrangidas pelo plano de austeridade a entrar em vigor, recorrendo-se, sempre que for possível, ao sistema de videoconferência ou de conferência telefónica.

Deste modo, a voz da SPA continuará a fazer-se ouvir, mas respeitando as regras de contenção que a situação presente impõe.

Saliente-se ainda que a SPA alargou significativamente a sua presença, em 2010, nas estruturas internacionais do direito de autor que tutelam as áreas do audiovisual e das artes visuais, passando a estar representada no “Board” da SSA, superestrutura europeia das sociedades da área do audiovisual.

CONTINUAR A FAZER DA OFERTA CULTURAL E DO APOIO À CRIAÇÃO UMA APOSTA ESTRATÉGICA

Também em matéria de oferta cultural, o ano de 2011 reflectirá os constrangimentos impostos pela crise. Todavia, apesar dessa limitação, manter-se-á um intenso programa de animação cultural que inclui exposições, conferências, concertos e outras iniciativas, merecendo destaque um programa que assinalará os 50 anos do início da Guerra Colonial e a comemoração do meio século do movimento Poesia 61, entre outros eventos. Refira-se também uma exposição sobre a vida e a obra da escritora Matilde Rosa Araújo, falecida em 2010 e cooperadora de longa data da SPA.

Entretanto, uma boa parte da animação dos espaços da SPA será assegurada pela apresentação, sem custos, de trabalhos musicais e outros apoiados pelo Fundo Cultural, cuja continuidade está assegurada em 2011, podendo mesmo vir a ser reforçada, caso entre em vigor a nova Lei da Cópia Privada. Por outro lado, será aprofundada a aposta na programação descentralizada que tem vindo a ser assegurada no Porto, com grande êxito, graças a uma parceria estabelecida com o Museu Nacional Soares dos Reis. A qualidade dos eventos programados e a grande afluência de público demonstram

que esta foi uma aposta certa e cada vez mais promissora da SPA, que, pela primeira vez, investiu numa acção cultural descentralizada para a segunda maior cidade do país.

No final de 2011 decorrerá a segunda edição da Homenagem aos Músicos Portugueses, iniciada em Novembro de 2010, e que no próximo ano homenageará os autores de fado e os seus intérpretes, levando-os a cena e entregando merecidos troféus de reconhecimento. Esta iniciativa terá continuidade nos próximos anos, cobrindo assim todas as áreas musicais.

A II Gala do Prémio Autor, programada para 22 de Fevereiro no CCB, com transmissão para todo o mundo pela RTP, voltará a ser um espaço de consagração de criadores de todas as disciplinas, escolhidos por júris idóneos, independentemente de serem ou não membros da SPA.

Refira-se ainda a disponibilização dos vários espaços mediáticos a que a SPA tem acesso para divulgar as obras dos autores que representa, veículo que lhes tem assegurado uma visibilidade até há pouco tempo inexistente em termos do trabalho da cooperativa.

O protocolo celebrado com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 2010 permitirá avançar com um novo e ambicioso plano de edições cobrindo várias disciplinas, desde o teatro à música.

Outros protocolos, como o estabelecido com o Museu do Fado e em breve com o Museu da Música em Cascais, permitirão que se avance para a digitalização de uma importante parcela do património documental e iconográfico de que a SPA dispõe. Por seu turno, uma parte importante das exposições que são propriedade da SPA continuará a circular por autarquias, associações e escolas de todo o país, promovendo o nome da cooperativa e o trabalho dos autores.

CONTINUAR A LUTA JUNTO DOS DECISORES POLÍTICOS PELA DEFESA DOS DIREITOS DOS AUTORES

Em tempo de grande incerteza também política, a SPA continuará a exigir das várias instâncias do poder político disponibilidade para um diálogo efectivo e para a concretização de medidas que vão ao encontro dos anseios e necessidades dos criadores culturais.

Estamos conscientes de que, também neste domínio, não nos esperam tempos particularmente auspiciosos. Mas continuaremos a lutar por uma causa que sabemos ser justa e inadiável.

O poder político em geral tem mantido em relação ao direito de autor uma atitude de indiferença, passividade e diálogo de fachada que, em vários governos, muito poucos frutos deu. Mas nem por isso desistiremos.

Nesse plano, continuaremos a bater-nos, até que esse investimento se revele insustentável financeiramente, pela criação do Gabinete de Exportação da Música Portuguesa, pela imediata entrada em vigor da nova Lei da Cópia Privada e pela correcta transposição de directivas europeias para o ordenamento jurídico português.

Entretanto, continua em análise e, portanto, em aberto a possibilidade de a SPA vir a interpor, no início de 2011, uma acção contra o Estado Português, para obter a reparação dos imensos prejuízos causados por sucessivos governos de distintas maiorias aos autores portugueses e à estrutura que legitimamente os representa desde 1925.

À MANEIRA DE CONCLUSÃO

Não será a magnitude das dificuldades que nos fará cruzar os braços e esperar passivamente. Se fosse essa a lógica, talvez a SPA já tivesse entrado em colapso nas horas mais conturbadas. Os desafios e as ameaças que se nos deparam têm agora uma inusitada dimensão, que se agrava com o facto de haver uma crescente tendência do público em geral para associar a fruição dos bens culturais à ideia de gratuitidade e de domínio público, mesmo sem estarem decorridos os 70 anos após a morte do autor previstos na lei.

Para podermos continuar a defender aqueles que apostaram na estabilidade e na unidade dos autores, precisamos de uma renovada confiança dos sócios da SPA, designadamente nas assembleias gerais, para que nenhum projecto, acção ou medida fiquem pelo caminho. A expressão dessa confiança não representa, por parte dos cooperadores, qualquer forma de renúncia ao livre exercício da crítica, que só nos fortalece e encoraja.

Mais do que nunca precisamos de uma SPA forte, moderna e actuante, que, sendo cooperativa, consiga ser também uma empresa dinâmica e respeitada, num mercado cada vez mais agressivo e competitivo. Quanto melhor a SPA for capaz de negociar e de gerar receitas, melhor será para os autores que representa e cujo futuro depende do sucesso da lógica de acção que, todos juntos, formos capazes de levar por diante, de olhos postos no futuro.

Lisboa, 2 de Dezembro de 2010

[PROGRAMA MENSAL DE UMA HORA NA TSF DE PARCERIA COM A SPA](#)

“A pirataria” inaugurou debate sobre “Direitos de Autor”

O preocupante problema do índice de pirataria em relação à criação intelectual, nomeadamente associado às novas tecnologias, foi motivo para um debate vivo e esclarecedor na estreia, a 31 de Outubro, do programa mensal “Direitos de Autor”, emitido pela TSF. Decorrente de uma parceria com a SPA, este programa estende-se das 11 às 12 horas, no último domingo de cada mês, proporcionando informações úteis para os ouvintes sobre as questões centrais do direito de autor, desde o problema da pirataria até à importância das directivas da UE na vida dos autores portugueses.

Neste primeiro programa estiveram presentes em estúdio, numa emissão gravada, Lucas Serra, director do Departamento Jurídico da SPA, Luís Sampaio, Vice-Presidente da GDA-Gestão dos Direitos de Autores Pedro Abrunhosa, conhecido intérprete, compositor musical e escritor.

O chamado fenómeno do “Pão Quente”, esmiuçado por Lucas Serra, foi um dos exemplos que o advogado da SPA apresentou, pois é uma prática corrente do domínio público, ocorrida nas feiras, mas que não costuma ser encarado pelas pessoas que compactuam com ele com a consciencialização de que estão a cometer um acto ilícito. Trata-se de tirar do “forno”

– um computador com ligação à net móvel instalado nas carrinhas de alguns feirantes – as músicas ou os filmes que os clientes lhes pedem, na hora. Após fazerem o descarregamento respectivo, torna-se relativamente fácil passá-las para CD ou DVD virgens e depois imprimir as respectivas capas, vendendo o produto usurpado da internet, sem autorização, a preços muito abaixo dos originais. E aí está uma obra de um autor a ser vítima de mais um acto de pirataria, retirando-lhe o seu salário, que é, nem mais nem menos, os direitos

de autor, ou a percentagem auferida por cada criação sua vendida legalmente. Outro exemplo elucidativo da falta de consciência social e reconhecimento das chamadas obras do espírito foi dado por este especialista em leis:

“Numa dada romaria, um conhecido autor/intérprete português verifica, com indignação, que numa banca perto do palco onde iria actuar, se encontram á venda inúmeros CD de sua autoria e de outros autores. Dirige-se a um polícia que estava perto, relata-lhe a situação e recebe como resposta que se encontrava ali apenas para dirigir o trânsito!”

E, a título de alerta, Lucas Serra deixou ainda no ar para reflexão de muita gente um outro caso típico de inconsciência relativamente aos direitos de autor: “Qualquer pai que proporcione e incuta ao seu filho padrões culturais e de conduta cívica medianos, censurá-lo-á, sendo para ele motivo de desgosto e apreensão, se o jovem furtar um objecto. Mas esse mesmo pai é capaz de, em simultâneo, sem que a consciência lhe pese, incentivar ou, pelo menos, tolerar sem censura, que o filho copie ilegalmente um disco ou um filme através da Internet.”

Esta uma situação quase incontrolável que alastra um pouco por todo o mundo.

Os dados para uma maior consciencialização social face à criação intelectual estão, pois, lançados, agora também na rádio, com este programa de cariz pedagógico e de sensibilização. Assim ele possa contribuir para que este “fantasma” global, altamente preocupante para os autores, possa ser travado quanto antes, sobretudo numa altura de crise como a que passamos, em que a cultura é sempre uma das primeiras vítimas de cortes orçamentais. A SPA e a TSF, em parceria, assim o esperam. *EE*



[PREOCUPADA COM AS MEDIDAS DE AUSTERIDADE ANUNCIADAS](#)

SPA alerta para prioridade da transposição das directivas da União Europeia para Portugal

A Administração da SPA encara com natural e legítima preocupação a entrada em vigor das severas medidas de austeridade agora anunciadas pelo Governo. Pela sua natureza e dureza, essas medidas irão reflectir-se, inevitavelmente, nos consumos culturais e na situação económica e social dos autores portugueses. A SPA não põe em causa a urgência da adopção de medidas que reduzam o défice nacional e a despesa pública, mas considera indispensável que os decisores políticos tenham em consideração os efeitos altamente nocivos que um quadro extremo de austeridade irá ter para os criadores culturais portugueses.

Não é justo que, por um lado, a ministra da Cultura afirme publicamente que a Cultura pode ter um papel relevante na superação da crise e que, por outro lado, não se acatelem os interesses dos criadores culturais, através de medidas que lhes assegurem mais trabalho,

uma mais efectiva defesa dos seus direitos e um horizonte de esperança para os seus projectos e anseios. Nesse sentido, a nova Lei da Cópia Privada e a adequada transposição das directivas da União Europeia para o ordenamento jurídico português são prioridades absolutas.

A cultura de um país não pode ser, em circunstância alguma, um mero ornamento. A cultura tem sempre um carácter estruturante no que diz respeito às identidades nacionais e à coesão da vida colectiva. As medidas de austeridade agora anunciadas irão certamente contribuir para a redução das possibilidades que os criadores culturais têm de viver condignamente do seu trabalho.

Austeridade sim, desde que seja equitativa, abrangendo todos na proporção directa dos rendimentos que auferem. Nessa perspectiva, os agentes culturais encontram-se sempre no número dos mais afectados e prejudicados. Compete, pois, à ministra da Cultura em particular e ao Governo em geral adoptar medidas no sentido de que a cultura, bem como os seus criadores e intérpretes, não sejam um parente ainda mais pobre do que já são na vida nacional, sobretudo porque são os autores que criam os conteúdos que alimentam as indústrias culturais pólos geradores de emprego, de riqueza e de maior confiança colectiva.

Nesse sentido, a SPA apela ao Governo para que não deixe de ter em consideração a grave situação dos

autores, sob pena de o empobrecimento da criação cultural agravar ainda mais a alarmante crise que estamos a viver.

Lisboa, 12 de Outubro de 2010
O Conselho de Administração

[NOVA LEI DA CÓPIA PRIVADA CONTINUA BLOQUEADA NO MINISTÉRIO DA CULTURA](#)

SPA disposta a exigir responsabilidades ao Estado português pelos prejuízos causados aos autores portugueses

Confrontada com a ausência de resposta da ministra da Cultura relativamente ao pedido de audiência efectuado no princípio de Setembro deste ano e às duas cartas em que eram solicitados esclarecimentos acerca de afirmações daquele membro do governo sobre direitos de autor e sobre a exportação de bens culturais, o Conselho de Administração da SPA não pode deixar de lamentar esta atitude, que contrasta claramente com a disponibilidade para o diálogo inicialmente manifestada pela Profª Gabriela Canavilhas.

Por outro lado, a SPA não pode deixar de tornar pública a sua preocupação relativamente aos pesados cortes

orçamentais anunciados pela ministra e que irão atingir seriamente, a partir do início do ano, os agentes culturais e o seu trabalho. Para todos aqueles que irão ser atingidos por estas medidas restritivas vai a solidariedade da Sociedade Portuguesa de Autores, que representa milhares de criadores nacionais de todas as disciplinas.

Entretanto, o Conselho de Administração da SPA não pode deixar de manifestar a sua indignação pelo silêncio com que tem sido “presenteado” pelo Ministério da Cultura e que envolve assuntos tão relevantes e sérios para os autores portugueses como a nova Lei da Cópia Privada, cuja entrada em vigor a ministra anunciou publicamente no Dia do Autor Português, a 22 de Maio passado, na SPA, e que continua bloqueada no silêncio tumular do ministério. Nada pode explicar este silêncio e sobretudo este atraso, que se traduz num prejuízo anual de milhões de euros para os autores portugueses e para a SPA enquanto instituição que os representa. Por outro lado, o silêncio da ministra da Cultura impede a nossa cooperativa de abordar assuntos tão relevantes como a inadequada e sempre atrasada transposição das directivas da União Europeia para o ordenamento jurídico nacional e as formas mais eficazes de se dar combate à pirataria que tanto afecta os criadores de várias disciplinas.

Perante esta atitude do Ministério da Cultura, que a gravidade da crise não pode de forma alguma justificar, o Conselho de Administração da SPA está a analisar o volume dos prejuízos resultantes desta ausência de diálogo e de acção efectiva, ponderando seriamente a possibilidade de, no momento próprio e na sede que a Lei determina, exigir do Estado Português a reparação dos prejuízos que estão a ser causados aos criadores portugueses e que reduzirão ainda mais a sua capacidade de fazerem face à crise financeira, económica e social que a todos já afecta com a gravidade conhecida. O silêncio do Ministério da Cultura é o ponto culminante de um longo processo de desconsideração e marginalização a que sucessivos governos têm votado os autores portugueses e a instituição que os representa: a SPA. A SPA não hesitará em agir desse modo e nesse sentido se o silêncio ministerial persistir e se não se concretizar o que há meses foi anunciado, convicta de ter a razão do seu lado, bem como o apoio dos milhares de autores que representa.

*Lisboa, 16 de Novembro de 2010
O Conselho de Administração da SPA*

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DA UNIÃO EUROPEIA

Confirmada justeza de “taxa por cópia privada”

A SPA acolhe favoravelmente a confirmação, pelo Tribunal de Justiça da União Europeia, na decisão SGAE/Padawan, de que os sistemas de remuneração compensatória por cópia privada possibilitam um equilíbrio justo entre os interesses dos autores e os dos utilizadores de conteúdos protegidos pelo Direito de Autor. Na quinta-feira, 21 de Outubro de 2010, o Tribunal



de Justiça Europeu (TJE) adoptou a sua decisão no caso SGAE/Padawan (C – 467-08). A histórica decisão judicial foi acolhida com agrado pelas sociedades de autores europeias membros do GESAC, uma vez que dá resposta a várias questões controversas relativas à forma como autores e compositores têm de ser compensados de forma justa por reproduções desta natureza, confirmando alguns princípios fundamentais.

Em primeiro lugar, o TJE confirma que, nos países onde a lei permite aos consumidores a realização de cópias privadas de conteúdos protegidos pelo Direito de Autor, os autores têm o direito de receber uma remuneração compensatória por essas reproduções.

Esta possibilidade verifica-se na maioria dos países da UE, que introduziram a percepção de compensações equitativas pela cópia privada como forma de garantirem a referida compensação. Estes sistemas prevêem que as entidades que comercializam equipamentos, aparelhos e/ou suportes de reprodução digital aos consumidores sejam responsáveis pelo financiamento da compensação equitativa, apesar de terem a possibilidade de repercutir esse encargo sobre o preço praticado aos consumidores.

No seu acórdão, o TJE não só confirma que esta compensação equitativa pode assumir a forma de uma “taxa por cópia privada”, cobrável a todos os que disponibilizam equipamento, aparelhos e/ou suportes de reprodução digital aos consumidores, como ainda vai mais longe, ao esclarecer que os sistemas de taxas por cópia privada possibilitam um “equilíbrio justo” entre os interesses dos autores e os dos utilizadores de conteúdos protegidos pelo Direito de Autor.

O acórdão confirma ainda que a reprodução, pelos consumidores, de conteúdos protegidos pelo Direito de Autor, tem de ser considerada um acto passível de causar prejuízos ao autor das obras em causa. Por outras palavras, o acto de efectuar uma cópia privada

é, em si mesmo, prejudicial ao autor da obra e, consequentemente, justifica a percepção de uma compensação equitativa.

Estabelece igualmente que, sempre que forem disponibilizados equipamentos, aparelhos e/ou suportes de reprodução aos consumidores, não é necessário demonstrar que os mesmos efectuaram, de facto, cópias privadas com recurso às referidas ferramentas, tendo, dessa forma, prejudicado o autor da obra protegida. O facto desses equipamentos, aparelhos e/ou suportes possibilitarem a realização de cópias justifica, por si só, a aplicação da “taxa por cópia privada”.

No que diz respeito a utilizações profissionais, o TJE relembra o princípio segundo o qual a “taxa por cópia privada” não pode ser aplicada a cópias efectuadas por empresas para fins profissionais através da utilização de equipamentos, aparelhos e/ou suportes de reprodução digital por estas adquiridos.

O Tribunal não especifica de que forma os Estados-Membros devem implementar este princípio, afirmando que cabe aos Estados-Membros determinarem a forma, as modalidades de financiamento e cobrança e o nível dessa compensação.

Os sistemas nacionais de taxas por cópia privada prevêem já soluções a fim de permitir a referida implementação. Na região nórdica, por exemplo, a implementação é efectuada através de um mecanismo de isenções e reembolsos para utilizadores profissionais. Noutros países, esta exigência é cumprida através da redução do valor da tarifa, por forma a ter em consideração o facto de parte dos produtos sobre os quais recai a taxa irem ser utilizados por empresas ou administrações públicas para outros fins que não a cópia privada.

Assim, uma vez que os sistemas nacionais de taxas por cópia privada já prevêem soluções que têm em conta as referidas utilizações profissionais, não está prevista a introdução de (quaisquer) alterações significativas a este respeito.

CATARINA AMARO

“O fascínio do **desenho cenográfico**”

Já pensaram quem é que está por detrás de toda a magia cenográfica, misto de luz, *leds*, desenhos, projecções, cores, formas e truques para exaltar profundidades de cena, de muitos dos programas televisivos que todos os dias invadem as nossas estações? “A Casa dos Segredos”, por exemplo, com todas aquelas cores apelativas e a transparência das paredes de vidro para que as câmaras possam atravessar os planos sem quaisquer obstáculos?

Pois é. Os cenógrafos costumam esconder-se atrás das maquetas que constroem como casinhas de bonecas com histórias lá dentro e de toda uma panóplia inspiradora fermentada na cabeça durante dias e transposta para o papel num *click* súbito, como se os traços escorressem pelos dedos espontâneos e seguros naquele preciso instante. O nome aparece na ficha técnica a correr, é verdade. Mas quem o liga a um rosto? É o que acontece com Catarina Amaro, a cenógrafa que, entre muitas outras obras, imaginou os cenários para “Autores”, o primeiro programa televisivo da SPA na TVI 24, e ainda os recentes “Operação Triunfo” na RTP e “A Casa dos Segredos” na TVI. O pretexto para uma longa conversa, em que passámos a conhecer esta criadora artística e a descobrir os seus sonhos, as suas técnicas e conceitos e a sua personalidade enérgica, mas atreita a mostrar a face. “Eu não preciso de mostrar a cara, preciso é que o meu trabalho seja visível e reconhecido”, declarou à Autores, acedendo, a contra-gosto, que a pequena câmara de vídeo do nosso Portal lhe roubasse a imagem e a voz, diluídas num cenário que não levava a sua assinatura de prestígio

Hoje, 8 de Novembro de 2010, curiosamente, celebram-se 115 anos sobre a descoberta de uma ferramenta excepcional a nível do diagnóstico de saúde – o raios X. Utilizando o facto como metáfora, pode fazer-nos uma radiografia sucinta da sua pessoa enquanto autora?

Radiografia é um termo de que não gosto muito, porque é mostrar-me muito lá dentro [risos]. Eu gosto mais do outro lado. Quer das câmaras,

quer do palco. Eu é mais o meu nome na ficha técnica. Radiografia é mostrar muito o interior e esse não é o meu forte. Mas posso fazer uma radiografia do meu trabalho e da minha evolução profissional.

Que seja, então...

Foi um percurso engraçado, porque as coisas têm acontecido de uma forma natural... Eu tenho uma característica: tenho muita energia, faço muita coisa ao mesmo tempo. Os meus dias têm sempre mais de 24 horas. E acabo por fazer balanços, obviamente necessários, do meu percurso, da evolução e da sucessão dos acontecimentos, que surgem espontaneamente e em catadupa. E nesses balanços apercebo-me de que fui por um caminho que me dá uma realização incrível, o da cenografia.

O certo é que a Catarina, filha da actriz Catarina Avelar e do realizador de televisão Fernando Amaro, acabou por herdar mais os genes do seu pai. À semelhança dele, radicou-se nos bastidores do espectáculo...

É verdade. E mesmo a nível de feitio sou muito parecida com o meu pai. Mas havia um caminho natural: numa fase escolar, eu sabia já que tinha de ir para artes. Mas não para ser arquitecta. Eu fazia desenhos e gostava muito de publicidade, pelo lado fascinante de inventar coisas, passar uma mensagem e criar uma ideia.

A cenografia, no fundo, vai levar a isso.

Precisamente. Na minha altura, não havia muitas saídas, portanto não tinha muitas hi-





póteses. Havia Belas-Artes, por isso concorri a esta escola, mas enganei-me [risos].

HERANÇA TEATRAL

Então? Não era aquilo que queria?

Eu tinha de ir para Arquitectura, com o 12.º ano que fizera e não quis. Voltei, então, a repetir o último ano do secundário, porque queria ir para Publicidade. Publicidade implicava na minha cabeça *design*, portanto, eu iria para Design. Candidato-me de novo a Belas-Artes, mas ao mesmo tempo concorro ao Conservatório. Todo o meu universo me falava de teatro – a minha mãe saía todas as noites para ir para o teatro, os amigos dos meus pais eram pessoas ligadas ao teatro, eu ia ver as peças, adorava!

E havia conversas com os seus pais no sentido de a levarem a herdar esse gostinho?

Não, havia o entendimento do que era essa realidade. Eu ia com a minha mãe para o teatro – então, nas férias ficava lá. Há coisas que me marcaram muito. No Maria Matos, aquando de “O Encoberto”, lembro-me de estar no camarim e na altura do coro actuar, todas as pessoas que não entravam naquela cena tinham de ir cantar e eu ia cantar também.

Que idade tinha?

Uns 10, 11, 12 anos. Nesse tempo, lembro-me de gostar muito de estar no teatro, no camarim, gostava muito de toda aquela realidade. Ia para os ensaios. Tinha e ainda tenho, felizmente, uma memória muito grande, portanto decorava



“Eu tenho uma característica: tenho muita energia, faço muita coisa ao mesmo tempo. Os meus dias têm sempre mais de 24 horas

os textos todos, dizia as deixas à minha mãe, estudava os papéis com ela...

Mas a mãe e o pai conduziram de alguma maneira esse gosto? Incitaram-na?

Não, eram coisas que aconteciam. Todo este universo me era natural. Não era provocado. Estava no meu dia-a-dia. Nunca quis ser actriz. Atraíam-me os camarins, o palco, perceber a função das coisas, os ensaios, entender a logística de repetir as coisas muitas vezes. E neste percurso, quando acabei por ir para o Conservatório, aí, sim, decidi seguir cenografia. Como meio de expressar toda aquela coisa de desenho, imagem, ideia, o lado visual...

Comunicação...

Eu, de facto, pensava chegar à comunicação através da Publicidade ou do Design e acabei por fazer uma área onde, afinal, sempre estive e não me tinha apercebido de que podia ali desenvolver-me. E comecei no teatro. Se bem que agora tenha mais televisão no meu dia-a-dia.

ENTRE CENÁRIOS E FIGURINOS

E o que é que lhe dá mais gozo fazer: cenários ou figurinos? São duas formas diferentes de *design*...

Cenários, indiscutivelmente. A criação de um espaço onde se vai contar uma história é mais gratificante para mim. Mas as coisas têm de casar, obviamente, para servir uma ideia. No princípio, fazia sempre as duas coisas. Depois, fui acabando por deixar os figurinos. Ainda experimentei figurinos em televisão, mas a própria realidade do figurino começa a ser diferente: as peças de guarda-roupa deixaram de ser construídas. Passámos a ir às lojas, a ter as permutas.



PERFIL

Uma mulher energética e sempre acelerada

Catarina Amaro nasceu em Lisboa, na Maternidade Alfredo da Costa, aliás, como a maioria dos lisboetas, e fez 45 anos no dia 17 de Novembro de 2010.

É filha da conhecida actriz Catarina Avelar – a avó da aplaudida série da RTP 1 “Conta-me como Foi” – e do realizador de televisão, já falecido, Fernando Amaro. Esta jovem que António Casimiro, seu professor na Escola Superior de Teatro e de Cinema, considera “um dos melhores cenógrafos de televisão da actualidade” herdou dos pais aquele “bichinho” indissociável dos genes do espectáculo. Reservando-se mais para o aturado e quase anónimo trabalho por detrás das câmaras, começou no teatro como cenógrafa e figurinista, mas, poucos anos depois, passou a exercer funções nessa área também na televisão. Programas, séries e eventos da mais variada e espectacular índole levam a sua assinatura, nomeadamente o cenário para o primeiro magazine cultural televisivo da SPA na TVI 24, “Autores”.

São da sua autoria, entre os mais recentes trabalhos, os cenários e direcção de arte para produções tão diferentes como “A Casa dos Segredos”, “Operação Triunfo”, “Dança Comigo”, “Nasci para Cantar”, “Herman 2010”, “5 para a Meia Noite”, “Gato Fedorento”, “Super Miúdos”, “Depois da Vida”, “Quem Quer Ser Milionário” ou “O Crime do Padre Amaro”, este transposto do cinema, área a que ela também se dedica. Com uma personalidade energética e sempre acelerada, Catarina Amaro começou a sua carreira no teatro e foi também no palco do Teatro Nacional Dona Maria II que, recentemente, granjeou forte admiração e aplausos dos críticos mais acérrimos com o cenário giratório que desenhou para a peça “Um Eléctrico Chamado Desejo” de Tennessee Williams. “O cenário, ele próprio, tornou-se uma personagem” foi o maior elogio que podiam ter dado ao seu trabalho.

Inscreveu-se na Sociedade Portuguesa de Autores em 1991 em cenografia e desenho e em 1998 passou a cooperadora. Hoje, curiosamente, ocupa o lugar de suplente de António Casimiro, seu mestre, na Direcção da recém-eleita lista para os novos corpos sociais desta cooperativa de gestão colectiva. *EE*

Então, como é que se processa agora a elaboração de um guarda-roupa? Ainda são as costureiras que continuam a fazer, nomeadamente, os fatos de época, a partir dos desenhos dos figurinistas?

Não, os fatos de época ou se continuam a alugar lá fora, porque se calhar até é mais rentável, ou...

Lá fora é mais rentável do que aqui?

O Anahory não sei se continua a ter tudo o que precisamos, mas existe a Maria Gonzaga.

Mas o Anahory desde há muito que é uma casa de aluguer de guarda-roupa muito conhecida e carismática.

Quando comecei a fazer séries ou coisas pontuais para a televisão com o Herlander Peyroteo, ia ao Anahory. Mas isso acabou. Agora prefiro já só fazer cenários.

Como por exemplo?

Por exemplo, houve uma peça que fiz este ano no Teatro Nacional Dona Maria II com a Eunice Muñoz [“O Ano do Pensamento Mágico” de Joan Didion] que tinha só uma personagem, por isso fazia sentido eu fazer o cenário e o figurino. Mas não o desenhei, não o construí. Faço o desenho de uma linha de conversa com o encenador, no caso o Diogo Infante, mas foi um fato comprado. Tive de ir a uma loja e fazer pesquisa.

E foi também para o Nacional que a Catarina foi convidada a colaborar, muito recentemente, com um grande êxito de cariz universal e que recebeu as melhores críticas...

Sim, é verdade. Fiz os cenários para “Um Eléctrico Chamado Desejo”, de Tennessee Williams, peça encenada igualmente por Diogo Infante, que esteve em cena na Sala Garrett entre Setembro e Outubro. Só cenários. Porque aí as personagens já eram muitas e foi a Maria Gonzaga que se encarregou dos figurinos. Um trabalho fantástico! Aqui já houve uma separação mesmo. Eu fiz o cenário e ela tratou dos figurinos. E casaram bem. Mas o elo de ligação é sempre o encenador.

DIFERENÇAS DE ABORDAGEM

Quais são as diferenças entre fazer cenários para teatro, para televisão e para cinema, que

eu sei que também faz cinema. O seu primeiro cenário cinematográfico, realizado em 1992, foi para a Monique Rutler, certo?

Eu fui co-autora do “Solo de Violino”. O Fernando Filipe estava a fazer os figurinos e a parte da decoração dos cenários e depois pediu-me ajuda e fiquei co-autora. Foi o meu primeiro trabalho. Ainda por cima de época e com uma envergadura maior. Foi muito bom!

Portanto, há uma diferença entre cenários para cinema, para televisão e para teatro, áreas que a Catarina abarca na totalidade e alternadamente?

E ainda há uma quarta área, dentro da mesma lógica, que é a Publicidade. Filmes publicitários é um bocadinho uma mistura de cinema...

Embora com um tempo muito mais curto, mas com mais impacto.

É muito mais desgastante. Enquanto no cinema trabalhamos muito mas temos mais tempo, na publicidade não se tem tempo sequer para respirar. Não se respira, não se come, nem se dorme. São formas completamente distintas de abordagem. Primeiro, pela técnica.

Se estivesse agora numa aula, como faria para apresentar essas diferenças aos seus alunos?

O modo como se parte é que estabelece a diferença. O ponto de partida para teatro, que é um texto onde vão ser contadas histórias através de personagens, não tem nada que ver com um guião para o que quer que seja de televisão. E dentro da televisão também se faz uma separação muito grande entre géneros: se se trata de séries, de novelas, entretenimento, um concurso, uma gala... A técnica de abordagem em televisão é completamente diferente de género para género. Por exemplo, a técnica para abordar uma gala não tem nada que ver com a de um programa de informação. Os materiais são outros...

O PRAZER DE INVENTAR REALIDADES

E o que é que lhe dá mais prazer fazer de entre essa vasta gama de programas televisivos que já fez, desde concursos a entretenimento, de talk shows a espectáculos ao vivo?

Todos me dão muito gozo fazer! Todos! E tenho tido a sorte de ir picando todos eles. Eu gosto muito, por exemplo, de fazer novela.



Porquê?

Porque estamos a inventar realidades e a fazer casinhas de bonecas, onde não são só bonecas, têm uma função, vão contar uma história, vão ainda existir personagens reais que não o são. Portanto, eu tenho de formar uma história para cada personagem viver e ser credível para quem está em casa a ver. Se a personagem é cabeleireira tem de fazer isto e aquilo, se é má, se é boa... Assim, nas minhas pesquisas, nos meus dossiês, no meu método de trabalho, eu formo histórias para cada personagem.

Ou para cada grupo familiar...

Por causa das cores, por exemplo, ou se a casa desta personagem ou deste grupo tem mais bibelôs, se está mais cheia, tudo isso me dá imenso prazer.

Está a brincar às casinhas de bonecas.

Mas eu não posso fazer só novela. Não tem que ver com o ser limitativo, é cansativo. É cansativo como desgaste e é cansativo como processo. Porque, às tantas, acho que acabamos por criar vícios e fazer os mesmos esquemas para todas as casas, e fica tudo muito igual. O que me dá prazer, por o fazer só de vez em quando, é eu prepará-las com esse gozo que é “agora vamos lá fazer aquilo”. E compro tudo o que é revistas e faço recortes de tudo e espalho-os: que isto é a casa deste e esta a daquele...

MAQUETA. COMPUTADOR. DESENHO

Trabalha no chão?

Trabalho no chão, trabalho no carro com as revistas todas recortadas, o que me dá muito gozo naquela altura. E depois, se fizer novela, passado um ano, eu já não vou pegar naquele material.

Deita tudo fora?

Não. Guardo tudo. Arquivo tudo. Tenho tudo em dossiês.

Isso é excelente!

Não é assim tão excelente, por causa da falta de espaço.

Para nós, SPA, é excelente, pois temos um acervo enorme e os



“Eu fazia desenhos e gostava muito de publicidade, pelo lado fascinante de inventar coisas, passar uma mensagem e criar uma ideia

seus desenhos poderão um dia enriquecer ainda mais o nosso espólio, se os quiser ceder.

Tenho algumas coisas que são piores a nível de volumetria, que são as maquetas, que roubam mais espaço.

Trabalha com maquetas também?

Eu trabalho com maquetas, mas antigamente faziam-se mais. Neste momento, o computador com os programas de *software* a 3D (o ACAD, por exemplo) faz que a maquete volumétrica deixe de ser tão necessária.

Faz muita coisa em computador?

Não.

Então, continua a fazer à antiga... A tal casinha de bonecas.

Nem todos os trabalhos necessitam de maquete e nem todos permitem tempo para a execução de maquete. No teatro faz sentido ter uma maquete. Por exemplo, nesta última tinha um palco rotativo e, portanto, é fundamental para o encenador conseguir ir lá à frente para ter noções...

Para calcular o tempo gasto pelas personagens e toda a sua movimentação em cena.

E o teatro tem muito tempo. Quer dizer, tem um tempo de preparação maior. Daí que para os ensaios a maquete volumétrica seja fundamental. Num programa de televisão, em que construímos as coisas em 15 dias, não faz sentido ter uma maquete volumétrica, porque faz-se maquete em computador, em 3D. Faço perspectivas, faço o meu desenho... Eu preciso de trabalhar com a mão. Porque, desse modo, fixo tudo aquilo que estou a fazer. Visualmente, eu fixei: saí do cérebro para a mão, mas voltou da mão para o cérebro, para a memória. E no teclado não.

No teclado não consegue?

Não fixo tanto. Trabalho no computador, faço as plantas, mas acho que são coisas mais técnicas. Por muito bons que sejam os programas, e eu não os domino bem mas tenho assistentes que trabalham comigo, às vezes, os clientes que me pedem coisas e eu apresento soluções em computador não gostam tanto, preferem os desenhos. Não é por serem os meus desenhos, é porque precisam de um desenho, de uma coisa menos técnica. Mas eu preciso de desenhar: é a desenhar que eu penso.

NO PATAMAR DAS MULTIMÉDIAS

Relativamente ao cinema e à televisão e mesmo ao teatro, agora aplicam-se muito as novas tecnologias de imagem, de mistura com o cenário de base, o chamado cenário de papel. Também as utiliza, certamente.

Sim, sim, sim. Não podemos separar as matérias-primas, temos de ir evoluindo e percebendo as coisas que vão aparecendo para enriquecer o cenário. Por exemplo, na televisão, há uma coisa que é fundamental nos programas de entretenimento que depois não faz sentido em programas de informação nem de debate ou o que seja, mas que a nível de galas ou de concursos passou a ser quase necessário, porque o espectador se habituou a isso, que são as multimédias todas: os LED, tudo o que sejam coisas em movimento... Pequenos ecrãs que recebem sinal de vídeo ou que passam cor. O espectador em casa está num patamar que já precisa dessa informação para sentir que o espaço é grandioso ou que é apelativo. As tecnologias são necessárias.

Já não podemos voltar atrás.

Mesmo com a crise e os orçamentos cada vez mais baixos, temos de ser criativos, mas não podemos voltar ao papel de cenário, porque o espectador já não quer ver isso. Temos de inventar novas coisas. Fazer uma boa junção. Não é porque se inventaram ecrãs LED que deixámos de utilizar outras formas, mas é saber utilizá-las, misturando-as com a volumetria.

E sobretudo em termos de televisão a cor e a luz têm muita importância.

A luz é fundamental. A luz pode estragar ou pode melhorar consideravelmente um cenário. O jogo de luzes é que vai criar uma ilusão de espaço.



Neste momento, quais os programas com cenários seus que estão no ar?

Tenho alguns, mas, por exemplo, para um que já está há dois anos em emissão, que é o do Goucha e da Cristina, o “Você na TV” na TVI, agora em Setembro, fizemos uma operação de cosmética. Não só por uma questão de manutenção, de limpeza apenas, mas por causa de alguns elementos necessários para proporcionar pequenas inovações. Este já está no ar há muito tempo, não é normal. Os programas têm séries. Normalmente de 13 sessões. Depois, desmonta-se, porque a seguir vem outro e mais tarde voltamos a montar. Foi o que fizemos com o “Dança Comigo”.

AS ANGÚSTIAS DA FILTRAGEM

Para além do “Você na TV”, quais os projectos em que trabalha, neste momento, para televisão, cinema ou teatro?

Em teatro, acabou agora “Um Eléctrico Chamado Desejo”, no Teatro Nacional Dona Maria II, peça que consagrou o seu autor, Tennessee Williams. Esteve sempre esgotado e foi um trabalho que me deu muito prazer. Um processo muito gratificante.

Até porque tudo nela é muito conhecido. Deve ser muito difícil imaginar um cenário novo para um projecto por demais consolidado, inclusive, que já passou ao cinema, pela mão de Elia Kazan, com um êxito estrondoso. É uma grande responsabilidade.

Tive algumas angústias que nunca contei ao encenador. Contei-lhe só depois de ter terminado tudo, pois não tinha o direito de lhe passar as minhas angústias, ele já tinha as dele. Eu estava com algum receio exactamente porque já havia excelentes imagens de cinema, e depois porque é um texto que já vem detalhado. Toda a descrição do cenário da casa, das necessidades, o autor faz a descrição de tudo. Está repleto de didascálias.

E o que é que resta ao cenógrafo e ao encenador num caso destes?

Ter uma linha completamente diferente ou... Tudo é possível, depende da linha que o encenador pretende do espectáculo, mas eu sabia que o Diogo não queria ir para uma linha muito fora daquele contexto. Não era entrar num corte radical e tinha de perceber até que ponto é que eu poderia dar um cunho do que era a minha sensibilidade, sem ser apenas um descritivo,

em traduzir apenas da descrição para o palco aquilo que o autor via. E as angústias eram: será que vou conseguir fazer uma filtragem, em que deixa de ser uma coisa naturalista, em que as coisas estão lá...

Mas uma coisa mais impressionista, é?

Não, porque eu não ia pelo lado impressionista da corrente impressionista, era pela filtragem. Ou seja: é preciso depurar, é preciso retirar tudo o que não é necessário e ficar lá só o essencial. E esse mesmo é porque tem de ter um peso tão grande que conte a história e faça que tudo o resto que é supérfluo eu não perceba que me falta. Portanto, essa limpeza, esse depurar da situação é que era a minha angústia. Será que eu vou conseguir?

A CASA QUE PASSOU A PERSONAGEM

E conseguiu, eu li as críticas.

Entrámos numa linha tão boa que acabou por se traduzir no facto de a minha casa – a minha cenografia que era uma casa – passar a ser uma personagem. As pessoas tratavam-na como uma personagem da história. Foi fantástico!

Elevar a casa a personagem? Isso é transformar tudo o que já fora feito.

Os actores sentiram-se muito bem. A forma como me explicaram como pude contribuir para que eles evoluíssem foi fantástica! E depois porque a peça tinha várias coisas que a tornavam apetecíveis: a Alexandra Lencastre que não fazia teatro há 12 anos, vários actores conhecidos juntos, a encenação em si que era do Diogo Infante e, posteriormente, as mensagens que recebi, tudo isso...

O próprio Teatro Nacional, onde tudo se desenrolou, deveria ser uma responsabilidade acrescida.

Mas que neste momento já tem uma corrente boa de público e de pessoas mais jovens.

Sobretudo na sua segunda sala, cuja programação e espaço atraem um público menos clasicista.

E isso é que foi bom, porque o *feedback* que tive e as mensagens que recebi de pessoas que até não imaginava irem ao teatro, pessoas da televisão, produtores, pessoas com quem eu privo



“Tinha e ainda tenho, felizmente, uma memória muito grande, portanto decorava os textos todos, dizia as deixas á minha mãe, estudava os papéis com ela

várias vezes, que me mandaram mensagens do tipo “Parabéns! Gostei muito do teu trabalho”. Tive uma reacção muito boa!

E quanto a cinema, como é que estamos?

Cinema já não faço há algum tempo.

Tem saudades?

Tenho. É como a novela. É bom de vez em quando ir picando e fazendo essas mudanças de postura em relação ao trabalho. Ou seja, pegar nas coisas de maneira diferente e fazer a abordagem que a técnica precisa, seja cinema, televisão ou teatro.

Cinema é muito diferente da televisão em termos de cenografia?

É. Televisão a nível de novela, não. Mas a maneira como acontece o percurso é completamente diferente. Porque a novela é para fazer horas e horas seguidas, cinema não. Em cinema, a técnica em si exige que se pare, se faça um *take* daqui e depois vamos pôr a câmara do outro lado e repetir tudo. Vamos fazer *racord*... E fazemos três, quatro, cinco vezes o mesmo *take*. Portanto, as coisas passam a vida a ser cortadas, reviradas e montadas. E ter cuidado, senão depois não faz *racord*. Ou seja: isto estava aqui e agora está noutra lado e não pode ser. A maneira como se faz, por isso mesmo é completamente diferente.

Mesmo em novela.

Mesmo em novela. Em novela, as coisas estão feitas e a câmara move-se. No cinema, não. Nós reviramos tudo, tudo para a câmara entrar, para ir para o outro lado, para a luz estar lá dentro, para os tripés, para disfarçar o tripé. Completamente diferente. E temos mais tempo para preparar as coisas.

Mas dá-lhe mais gozo preparar com mais tempo ou sob *stress*? Dá-me a sensação que prefere esta última opção.

Acaba sempre por haver um bocadinho de *stress* quando temos tempo. [risos] Eu sou acelerada. Quando digo que era capaz de estar sem fazer nada, eu ia inventar três ou quatro coisas para fazer ao mesmo tempo. Portanto, o não fazer nada não existe para mim. O não fazer nada de obrigação, de cumprir prazos. Às vezes, por uma questão de respirar, deixar dormir e fazer o balanço é que me leva a abrandar o ritmo, mas depois volto aos *timings*.

PROCESSO DE CRIAÇÃO

Quando tem de fazer um projecto, começa por criar as coisas na cabeça primeiro ou cria logo no papel ou no computador?

Na cabeça.

Durante muito tempo? Amadurecem na cabeça?

Muito tempo não existe. Mas é engraçado, porque é um processo que não lhe sei explicar. Até posso estar sentada no estirador a dizer “tenho de trabalhar, tenho de trabalhar” e passar um dia inteiro em que não faço nada de jeito.

Mas, se calhar, já fez tudo ou quase tudo na sua cabeça.

Obviamente, há um tempo de amadurecimento e esse de não ter saído nada de jeito para o papel não foi tempo deitado fora. Foi uma evolução – mesmo que eu não tenha consciência disso – para interiormente eu perceber que, quando vier o *click*, aquilo já serviu de rampa de lançamento. Quando sinto que ainda não está no ponto, prefiro não estar sentada no estirador, senão começo a enervar-me. Então, vou fazer muitas outras coisas e, de repente, sei que ele está lá. Por isso é que eu digo que não sei explicar, mas sei que ele está lá: vai fermentando, fermentando... E, de repente, sai. Umhas vezes melhor, outras pior.

Sai tudo em desenho, como disse, vai da cabeça para o dedo e do dedo para a cabeça por uma questão de fixar e de maturar também, decerto. Porque cada obra e cada processo vai sendo uma evolução.

A prova dos nove é ter a reunião de aprovação



das coisas, é o exame. Depois temos uma reunião para mostrar o projecto. E, às vezes, temos de sair de lá e ir mudar tudo. Faz parte do trabalho. E só assim se pode evoluir.

O RETORNO DO TRABALHO

A Catarina está em cima dos 45 anos, mas já tem um currículo muito vasto e isso é, realmente, uma mais-valia muito poderosa. Como autora, pensa que essa mais-valia poderá ajudar os outros autores e esta casa, que também é sua, a ser ainda melhor e a defender os direitos dos autores, sobretudo no momento de crise por que estamos a passar?

Eu acho que não só como autora mas também como ser humano. Tenho de contribuir para melhorar esta casa, com o meu testemunho, com a minha experiência, e para apoiar os meus colegas, se for caso disso e fizer sentido. Sentido, na teoria, faz, ao mesmo tempo é um trabalho mais individual. Eu trabalho com equipas, mas o trabalho em si, como criadora, é mais individual. Portanto, tenho colegas com quem acabo por não privar porque cada um trabalha de *per si* num sector... Na teoria, claro que faz todo o sentido poder dar o meu contributo para que a SPA possa dar-se a conhecer mais ainda e, ao ser conhecida, melhorar o seu desempenho.

Porque depois há o retorno, não é?

Sim, depois podemos ter essa regalia que é podermos ter mais condições e sermos defendidos. Portanto, faz todo o sentido.

Acha-se reconhecida como autora? Acha que tem o reconhecimento devido?

Não sei o que é isso.

Ou limita-se a ver o seu nome passar de forma acelerada na ficha técnica, no final de cada programa, a cuja produção confere o seu trabalho? Tenho o reconhecimento, que é uma satisfação enorme por aquilo que faço. Enorme, mesmo!

Certo, mas a obra não é mais do que o produto de uma autoria de alguém. Por isso é que os autores têm os seus direitos. O seu nome tem de figurar com o tempo devido para ser conhecido e com a dignidade que merece.

Sentir que sou reconhecida ou não... Não lhe sei dizer.

Vamos, então, por outro lado: acha que é paga suficientemente pelo trabalho que produz?

Não vou ser ingrata: tenho tido sempre reconhecimento porque me chamam, é um sinal de que há esse reconhecimento. Agora a minha profissão, uma profissão que faça projectar um nome associado... muitas pessoas não sabem sequer o que é cenografia.. Portanto, quando digo “acho que a minha profissão não tem reconhecimento” não é por ser eu, é a própria profissão que não é reconhecida. Mas não tenho problema algum com isso. Para quem tem de reconhecer a nossa profissão que me chame a mim ou aos meus colegas, sim, nesse caso é fundamental que sejamos reconhecidos. Eu sinto-me realizada com o que faço. Muito mesmo!.

O VIDRO SEM SEGREDOS

Mas voltemos aos seus projectos, neste momento.

As coisas na televisão acontecem um bocadinho porque têm que ver com as temporadas. A programação faz-se em Setembro. Começam os novos programas. E eu fechei no sábado passado o ciclo de programas de Verão que tinha.

E quais eram?

Felizmente, houve um que se arrastou e não entrou logo no início da temporada, que foi a “Operação Triunfo” (a maior escola de música do país, segundo o lema da RTP). A “Operação Triunfo” era o meu último projecto destes que vêm do Verão. Portanto, fechei a época balnear e estou com as encomendas de Natal. Passei do Verão para o Natal. Vou começar agora com as empenhadas das galas de Natal.

Para que canais televisivos?

Dos que estão por fazer, prefiro não falar. Dos acabados de fazer, fechei agora no sábado a “Operação Triunfo” com a gala, e a escola que os miúdos vão começar esta semana (hoje) a ter aulas. Tinha feito “A Casa dos Segredos” para a TVI, que vinha dessa temporada de Verão. Também tinha uma casa e foi construída de raiz, em que estivemos a fazer algumas inovações, nomeadamente, a pôr as paredes todas de vidro. Mais um processo de aprendizagem e problemas e soluções necessárias para a acção



“Quando acabei por ir para o Conservatório, aí, sim, decidi seguir cenografia. Como meio de expressar toda aquela coisa de desenho, imagem, ideia, o lado visual...”

Essa ideia de ter as paredes de vidro é interessante, porque permite ver tudo em simultâneo, é muito teatral.

Eu acho que é mais arquitectura. Porque é uma realidade, é uma casa mesmo. Uma casa ocupada. Foi construída com o sistema americano que são as ilhargas todas de alumínio. Sabemos que é uma casa para destruir passados três meses. Não é como se fosse de tijolo.

E não é reaproveitável?

Algumas coisas talvez, mas sabemos que não é uma coisa para ficar. A nível de materiais, os linóleos não são de qualidade, porque sabemos que é para arrancar, os PVC, essas coisas todas. Estas soluções são feitas para durar três, quatro meses, mas tem mais que ver com uma arquitectura mesmo, porque tem de respeitar todas as suas regras. E depois tem essa coisa que é o facto de ir ser vista através de uma câmara de televisão e a função dela é as pessoas que a vão habitar não poderem ter segredos. Eu tenho de mostrar o dia-a-dia das pessoas que ali estão a viver.

Portanto, tem de ser transparente...

E a ideia do ser transparente é exactamente isso: é para mostrar para além de...

Na verdade, muitas vezes, a câmara está a dar-nos a imagem de um primeiro plano no jardim mas o diálogo que se passa na sala contígua, e de quando em quando apenas com uma imagem de reflexo no vidro, obriga-nos a adivinhar o que se estará a passar e quem são as personagens a falar...

Uma das coisas fundamentais a nível de imagem de televisão é que a imagem que vemos é a câmara que nos dá. No teatro, em contrapartida,

são os nossos olhos que vão buscar as imagens que queremos. Na televisão vejo através da lente, logo preciso de criar profundidade, porque senão as coisas ficam todas chapadas. A luz permite-me criar essa profundidade, mas eu preciso mesmo de ter volumetrias que me dêem vários planos. O vidro é, pois, uma mais-valia, porque deixa-me ver através de e dá-me uma noção muito maior de profundidade.

O VIRTUAL NA CENOGRAFIA

Em termos de inovação, o que é que podemos esperar a nível de televisão, por exemplo, através da internet?

A internet é uma forma de mostrar aquilo que vimos na televisão, através de uma outra plataforma.

E poderá interferir de alguma maneira no andamento dos canais televisivos, designadamente no *sharing*?

Pode interferir, porque podemos acompanhar as emissões com mais mobilidade. É diferente. Posso ver no telemóvel, não estou tão condicionada ao espaço físico em que tenho uma televisão à minha frente, isso sim. Mas a nível daquilo que vejo agora com menos qualidade e depois com mais qualidade é a mesma coisa. O que eu acho é que as novas tecnologias, especificamente para a minha área, acabam por dar é os virtuais. Estes é que vão mexer muito com a cenografia. Nós ainda não dominamos essa tecnologia. Já fazemos algumas coisas, mas, isso sim, acaba por vir trazer algo de novo para a minha área de trabalho. No entanto, eu acho que as imagens virtuais, por muito bem feitas que sejam, precisam sempre de objectos reais, para que não seja tão estranho eu, como espectadora, perceber que aquilo existe, mas é uma imagem.

Mas a mistura do real com o virtual já existe há algum tempo e com sucesso...

Por muito que as coisas evoluam nesse sentido, que cada vez mais as cenografias sejam virtuais, vamos precisar sempre de ter um acompanhamento de cenógrafo para criar uma bonita mesa, para criar alguns volumes que façam sentido e que sejam capazes de dar essas profundidades. Quanto às novas tecnologias, o que é preciso é saber tirar partido delas. *Edite Esteves*



GRANDE FESTA DO POP/ROCK PORTUGUÊS NO BBC

SPA homenageou

40 bandas
do yé-yé
até aos dias
de hoje

**VICTOR GOMES
E OS GATOS NEGROS**

“Sinto-me um puto orgulhoso e feliz por estar a encontrar nesta homenagem, além dos meus colegas dos anos 60, muitos jovens que foram fruto das sementes do Victor Gomes

O BBC rompeu pelas costuras, no passado dia 13 de Novembro, com a realização da grande festa do *pop/rock* português, proporcionada pela SPA com a coordenação do experiente Tozé Brito, para consagrar 40 bandas que mais se destacaram no último meio século, desde os tempos do yé-yé e dos conjuntos até aos dias de hoje. “É uma homenagem a uma parte daqueles que são o essencial da vida da SPA – as outras virão nos próximos três anos –, constituindo mais de 70 por cento da sua facturação”, salientou, na altura, à Autores o presidente do Conselho de Administração da cooperativa.

Para José Jorge Letria, saudado pelos inúmeros presentes, muitos deles seus “velhos” companheiros de andanças musicais, “esta é a maneira de a SPA cumprir a sua função de preservar a memória de carácter artístico e inovador em Portugal e mostrar o que há”.

“Podemos afirmar que esta iniciativa constitui parte da banda sonora de meio século da vida portuguesa – referiu –, pois são 50 anos de criação musical que, politizada ou não, atravessou a guerra colonial e o 25 de Abril.”

MOMENTO HISTÓRICO ÚNICO

Momento histórico único, com esta dimensão e características, a fazer lembrar um Woodstock à portuguesa, as tardes inolvidáveis do Rock Rendez-Vous e os concursos renhidos de Música Moderna do Monumental, a festa no Belém Bar Café, nas Docas, “constituiu um pretexto para que a SPA prestasse tributo a quem tanto fez, ao longo de meio século, pela música para a juventude portuguesa”.

Esta homenagem foi a primeira de uma série dedicada a músicos portugueses de todas as áreas abrangidas pela Sociedade Portuguesa





de Autores, conforme sublinhou o presidente do Conselho de Administração na intervenção de boas-vindas.

Novas sessões de homenagem decorrerão, nos próximos anos, prestando tributo, separadamente, aos compositores e intérpretes do fado – a mais internacionalizável expressão musical portuguesa e meio de exportação –, aos músicos de *jazz* e da música erudita e aos criadores e intérpretes da música popular e cantautores.

Os representantes das bandas homenageadas receberam um troféu e diplomas alusivos à iniciativa e ao seu significado artístico e cultural, tendo sido assegurada o apoio da Antena 1 e da Antena 3, como rádios oficiais do evento, e as presenças de estações de televisão, designadamente da RTP e da TVI, que fizeram a cobertura da grande festa.

XUTOS & PONTAPÉS VIBRAM NA NOITE

Na breve intervenção de boas-vindas, o presidente do Conselho de Administração da SPA aproveitou para lembrar que “por detrás de cada canção e de cada actuação estão sempre autores e que os seus direitos não podem ser ignorados”. Agradecendo a Tozé Brito, seu parceiro na Administração da SPA, pela coordenação deste projecto de grande envergadura, José Jorge Letria

referiu-se aos Xutos & Pontapés, que abririam a noite com uma actuação poderosa, interpretando seis dos seus temas mais conhecidos, como “uma música jovem de hoje de uma banda de referência”.

“Os Xutos & Pontapés, que também receberão o seu troféu de consagração, representam muito bem as bandas que vão ser aqui homenageadas hoje”, rematou Tozé Brito, chamando, desde logo, ao palco o conceituado grupo liderado pelo entusiasta Zé Pedro, na guitarra ritmo, e composto ainda por Tim na guitarra baixo e na voz, Kalu na bateria, Gui no saxofone e João Cabeleira na guitarra solo.

“É extraordinário! Espero que vá continuar!”, comentou para a nossa revista o simpático Zé Pedro, de corrida para o palco.

LUÍS FILIPE BARROS FAZ HONRAS DE APRESENTAÇÃO

A apresentação do evento esteve a cargo de Luís Filipe Barros, figura de referência da divulgação radiofónica do *pop/rock* em Portugal durante





mais de três décadas, responsável pelo memorável programa “Rock em Stock” nas tardes da Rádio Comercial e ainda do recriado “Ondas Luisianas”, programa repleto de *pop*, *rock* dos anos 1980, e que “tem captado um público fiel na internet”, segundo o radialista, E dos Xutos, que dizer? Foi, sem dúvida, o ponto alto e simbólico deste evento sem precedentes, num palco pegado à assistência, que vibrou intensamente, preparando-se para o período mais calmo da extensa entrega dos troféus e diplomas aos homenageados, o primeiro dos quais foi a banda de Zé Pedro.

E nesta função brilhou igualmente aquele que ficou conhecido pelo “Berros”, Luís Filipe Barros, que, para cada banda solicitada para subir ao palco, mostrou o conhecimento profundo que a experiência lhe deu ao longo dos seus 30 anos de carreira no meio da música *pop/rock*. Uma apresentação viva, muito ao seu estilo.

“Não estava nada à espera deste fervor, nunca pensei que as pessoas reagissem tão bem a esta iniciativa, especialmente os mais novos que por aqui passaram”, comentou para a Autores, pormenorizando: “A onda dos 30-40 anos que adieru teve bons pais, bons tios e vibrou com isto.” Em sua opinião “devia haver uma reunião anual, pois a música ligada à ficha, a guitarra eléctrica funcionou muito bem”.

Também o próprio José Jorge Letria, com uma carreira musical bem conhecida, sobretudo como cantor de intervenção, confessou à nossa revista: “Este foi um momento de nostalgia para mim, que gravei pela primeira vez em 68 com o José Cid a ‘História de José Sem Esperança’.”

“Ver aqui, por exemplo, actuar o José Luís dos Ekos, o Pedro Osório do Quinteto Académico ou o Vítor Gomes, que criou a primeira banda inspirada no Elvis e no *rock*, é uma sensação incrível”, afirmou.

O DESFILE DOS CONSAGRADOS

Para além dos Xutos & Pontapés, foram distinguidos nesta festa que reuniu várias gerações Adelaide Ferreira; os Afonsinhos do Condado de Gimba; Arte & Ofício, onde se destacou António Garcez, vindo de propósito dos Estados Unidos da América; e os Ban de João Loureiro, que acabam de regressar às lides com o lançamento do álbum “Dansity”. Seguiram-se Beatnicks, Os Charruas com Dany Silva, uma das bandas que mais marcou a batida do final da década de 1960, Chinchilas de Phil Mendrix, os CTT de Torres Vedras, conhecidos pela banda do Augusto, e os Da Vinci, composto pelo casal Pedro Luís Neves e Lei OR. Os Delfins, liderados por Miguel Ângelo, que pediu palmas para António Variações, precederam os Ekos, de Zé Luís, dos homens que venderam mais discos e conhecido como “o destroça corações”, os Ena Pá 2000 do arrojado Manuel João, e os GNR e Go Graal Blues Band, que não puderam estar presentes por motivos de trabalho e foram representados ambos pela biógrafa Ana Seguro.

Heróis do Mar, Jafumega, Mão Morta de Adolfo Luxúria Canibal, e Mler Ife Dada marcaram a quarta etapa dos distinguidos, a que se seguiram os Moonspell, representados por Paula Homem,





os Peste e Sida, comandados por João San Payo, os Polo Norte de Sintra, e os Pop dell'Arte de João Peste, uma das bandas mais emblemáticas do *pop/rock*.

O organizador da festa, Tozé Brito, esteve em palco, mas desta vez para receber, também ele, um diploma pelo Pop Five Music Incorporated e um troféu e diploma como condutor do Quarteto 1111 do Estoril, ao lado de Michell Silveira. Por seu turno, Pedro Osório, elemento preponderante da administração da SPA, foi um dos muitos elementos do Quinteto Académico

que subiu ao palco para ser agraciado com esta distinção, a par, entre outros, de Mário Assis Ferreira, ex-viola eléctrica do grupo e actual director do Casino Estoril e ainda de Dany Silva, que bisou a sua presença.

Rádio Macau liderado por Flak, os Ritual Tejo, que venceram um concurso do Rock Rendez-Vous, e os Bocks em que foi muito aplaudido Eduardo Nascimento, o angolano que representou pela primeira vez Portugal em Inglaterra, em 1967, com a canção "O Vento Mudou", precederam Rui Veloso e a Banda Sonora, repre-

sentado por Ramon Galarza por estar em concerto em Guimarães, o mesmo acontecendo com os Santos e Pecadores, representados por João Azeitona, por se encontrarem a actuar em Bragança.

O administrador da SPA Zé da Ponte, que foi baixo, guitarra e voz dos Salada de Frutas, recebeu o respectivo troféu, seguindo-se os Sétima Legião de Pedro Oliveira e os Sheiks, a banda emblemática dos anos 60, liderada por Carlos Mendes, que não esteve presente, sendo substituído por Fernando Chaby.



**MIGUEL ÂNGELO
DELFIN**

**"Encontro único,
histórico! Uma base
importante para
os grupos que estão
a começar, que já
podem dizer que
ouviram ao vivo,
por exemplo, os
Chinchilas e o grande
'rocker' Victor Gomes**



Sindicato, a primeira banda de Jorge Palma, que também esteve ausente por motivos de trabalho, os Tantra representados pelo filho de Armando Gama e os Taxi de João Grande, considerados uma das melhores bandas portuguesas de sempre, foram à frente dos Trabalhadores do Comércio de Sérgio Castro e dos UHF de António Manuel Ribeiro, que não chegaram a tempo, por estarem a apresentar o seu novo disco, sendo representados por José Jorge Letria. Um dos principais responsáveis pelo boom do rock português, os UHF já tinham gravado um EP antes de Rui Veloso, denominado o “pai do rock português”, ter gravado “Ar de Rock”. A encerrar este desfile de “estrelas” da música dos últimos 50 anos, os aplausos mais sentidos foram para a banda mais antiga do pop/rock português, Victor Gomes e os Gatos Negros. “Sou muito feliz”, declarou emocionado o “Elvis

português”, ora com 68 anos, perante a grande ovação dos seus pares e do público, ao receber o troféu e o diploma da SPA.

DOZE BANDAS ACTUARAM EM APOTEOSE

Das 13 actuações previstas para actuarem a encerrar a festa, só Adelaide Ferreira teve de se ausentar, dando o seu “papel principal” ao Quinteto Académico, com Pedro Osório nas teclas, a abrir a última parte do evento, interpretando Winchester Cathedral, de 1966. Alternando momentos mais calmos com actuações vibrantes, quer de grupos mais novos, quer dos mais antigos, todos mantiveram aceso o espírito do pop/rock, levando os presentes a participar activamente e a passar em revista sons diversos e linguagens diferentes, num entusiástico concerto que durou até às três da madrugada.



PAULO COSTA RITUAL TEJO

“Foi uma coisa inspiradora, emocionante! Sensibilizou-me muito! Não era muito risível juntar no mesmo espaço a ser homenageada tanta gente da música e de tão diferentes gerações

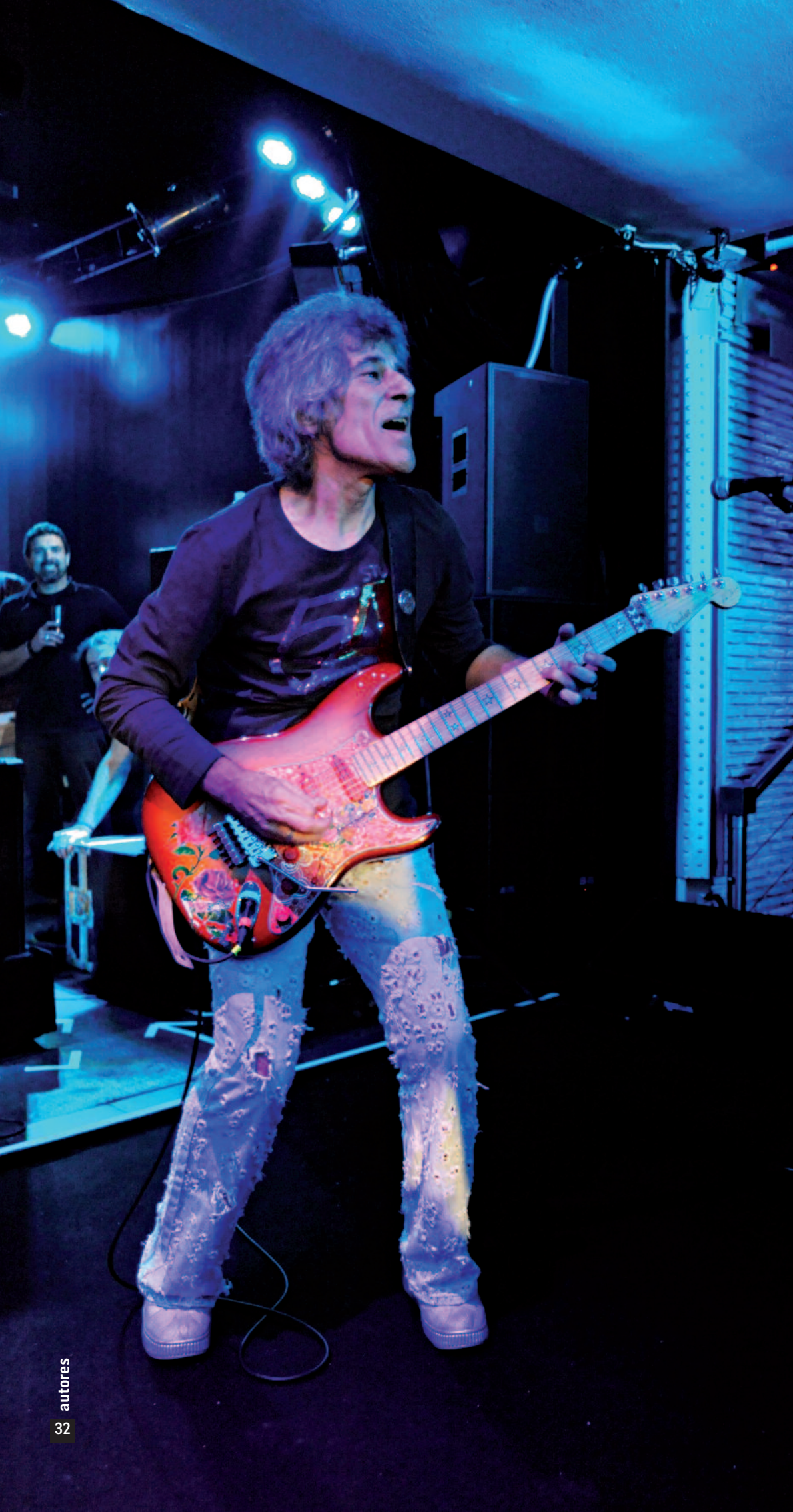


Ninguém arredou pé, nem poupou aplausos e garganta, para ouvir e acompanhar os Afon-sinhos do Condado, onde Ramon Galarza “fez uma perninha”, Os Charruas a impor Dany Silva, os Ekos com a voz melodiosa de Zé Luís em “Esquece”, os Peste e Sida e o Sindicato.

Mas um dos pontos mais altos foram para os Chinchilas, que brilharam especialmente com o virtuosismo de Phil Mendrix (Filipe Mendes), momento empolgante da noite com o guitarrista a solar “Good Times”.

Miguel Ângelo e os seus Delfins levaram toda a gente a cantar em coro o conhecido tema “Nasce Selvagem” e os Ena Pá 2000 foram, como sempre, os mais brejeiros com as suas duas frenéticas animadoras, mas também muito solidários, pois constituíram-se como banda de apoio ao “rei do rock”. Victor Gomes, exemplo vivo para as massas jovens musicais,





**VÍTOR MAMEDE
CHINCHILAS
E SINDICATO**

“Há 30 anos que não tocava! E esta noite vou tocar por duas bandas de que fiz parte nos idos 60. É do melhor que há, pois é sentir o reconhecimento enquanto estamos vivos!

enebriu-se a tal ponto com a sua actuação tão generosamente brindada que, na ânsia de dar tudo, acabou exagerando o seu esforço e foi obrigado a sair de cena em braços, indisposto. Ficou o exemplo e a referência. Os Taxi do Porto cumpriram com a conhecida canção “Chiclete”, tema que “fez ferver a água” para a entrega entusiástica dos Ritual Tejo em “Nascer Outra Vez” e culminando com a actuação super de António Garcez, um verdadeiro “animal de palco”, vindo de propósito de Neva Jérсия para esta homenagem, em que cantou em inglês, acompanhado pelos Arte & Ofício, o tema “Contradiction”. A sua impressionante potência vocal e física transbordou por todos os lados, levando ao rubro todos os que encheram a sala do BBC. Um momento altamente contagiante, de tal modo que, a terminar, o vocalista admitiu, com convicção: “Vamos começar a chatear o público outra vez!”. E choveram aplausos de incitamento. *Edite Esteves*

FORMAÇÃO SOBRE DIREITOS DE AUTOR EM ANDAMENTO

SPA percorre o país para sensibilizar jovens, professores e autoridades

A SPA tem percorrido o país com o intuito de consciencializar e sensibilizar os jovens estudantes e os agentes de ensino e ainda fornecer instrumentos às autoridades para fazerem cumprir as normas dos direitos de autor, tão desprezadas e ignoradas pela maioria dos cidadãos. Depois de ter contribuído, a 4 de Novembro, com a sua experiência num painel sobre a Lei dos Direitos de Autor, Conexos e Comodato, no âmbito do III Encontro de Bibliotecas Escolares de Leiria, dirigido preferencialmente a professores bibliotecários do concelho de Leiria e limítrofes, em que estiveram presentes cerca de meia centena de profissionais da área, o director do Departamento Jurídico da SPA, Lucas Serra, apostou uma vez mais na educação dos mais jovens ao participar numa conferência promovida no Colégio Rainha D. Leonor, nas Caldas da Rainha, a 22 de Novembro, pela professora de Direito naquela escola, a juíza Isabel Baptista.

Isabel Baptista organizou este encontro porque, segundo disse, achou importante que os seus alunos do 12.º ano fossem sensibilizados para a importância de os jovens



respeitarem os direitos de autor e não fazerem cópias.

A TENTAÇÃO DAS CÓPIAS

“Numa era em que os jovens utilizam muito os meios tecnológicos, quanto mais cedo os sensibilizarmos para os direitos de autor menos incumpridores teremos no futuro”, admitiu, manifestando a convicção de que os alunos cometem alguns crimes contra os direitos de autor de uma maneira irreflectida.

Para o representante da SPA, os jovens caem, de facto, muitas vezes na tentação de fazer cópias de filmes, jogos, músicas e fotografias, por isso a principal preocupação da Sociedade Portuguesa de Autores “prende-se com a internet, através da qual são feitas a maior parte dessas cópias”.

“Qualquer obra protegida pelos direitos de autor, para ser utilizada por outra pessoa, tem de ter autorização do autor, senão é um crime que pode ser de usurpação ou contrafacção”, alertou Lucas Serra à jovem mas atenta assistência, assumindo que “os jovens muitas vezes não sabem onde começa a ilegalidade e colocam muitas dúvidas sobre isso.”

Lucas Serra é, igualmente, o representante da SPA nas negociações a decorrer com a PT no âmbito de um novo serviço de música que aquela empresa lançou. O Music Box permite o acesso gratuito à audição de milhares de músicas aos clientes da TMN, Meo e Sapo.

“É uma outra forma de divulgação das obras e conse-

quente rendimento para os autores”, comentou, lembrando que a SPA foi pioneira mundial a cobrar a utilização das músicas nos telemóveis.

ACÇÕES DE FORMAÇÃO COM A GNR

Entretanto, no dia 12 de Novembro, Lucas Serra empreendeu a sua actividade junto dos mais jovens com mais uma acção de formação e informação no destacamento de Leiria da GNR e concelhos limítrofes com vista à fiscalização nesta área.

“Nestas acções junto das autoridades fornecemos-lhes o Código de Bolso do Direito de Autor, editado em 2009, e ainda o Manual de Procedimentos, quer em papel, quer em CD, muito útil para o levantamento de autos, pois contém a legislação adequada e as minutas a utilizar para o efeito”, explicou à Autores o director do Departamento Jurídico da SPA. Segundo adiantou, “imediatamente a seguir a estas acções, que contam com o conhecimento do Comando Geral da GNR, eles varrem a área e põem toda aquela gente a cumprir a legislação”, mas “o ideal é voltar ao local de três em três meses para não desmobilizar o seu empenho e tirar dúvidas.”

Nos dias 17 e 24 de Novembro, foi a vez de se deslocar a Queluz, onde deu uma acção de formação na GNR a 230 formandos, sargentos e sargentos ajudantes, que irão mais tarde chefiar esquadras.

Aqui organizou dois turnos de manhã e dois à tarde, mobilizando os agentes da autoridade para o cumprimento das normas dos direitos de autor.

Um trabalho moroso, metucioso e progressivo que a SPA tem vindo a promover com vista a defender os interesses dos autores, sua razão de existência. **EE**

BIG BAND DISTINGUIDA PELA SPA Primeiro CD dos L.U.M.E. estreia com concerto no LUX

O palco do LUX, em Lisboa, foi o local escolhido pela Lisbon Underground Music Ensemble para a apresentação nacional do seu primeiro CD, que tem o mesmo nome da banda.

Este evento, que se realizou no dia 19 de Novembro, contou com a presença dos 15 músicos que compõem esta Big Band, já distinguida pela SPA, e ofereceu uma noite surpreendente a todos os presentes.

L.U.M.E. é uma Big Band composta por diversos músicos com experiências diferenciadas nos campos do jazz, pop, rock, música clássica, contemporânea e improvisada. O projecto liderado por Marco Barroso, que realiza o trabalho de direcção e composição, foi fundado em 2006 e distingue-se no panorama das orquestras ligadas ao jazz por assumir uma orientação simultaneamente mais eclética e autoral. Neste primeiro álbum, editado pela JACC Records e cujo título tem o nome da própria banda, “a música congrega um misto do orquestralismo jazz de Duke

Ellington e mesmo de Glenn Miller com a energia do rock e a complexidade estrutural e harmónica da música erudita contemporânea”, segundo o seu responsável. Com composições do seu líder, o pianista Marco Barroso, também responsável pela electrónica que se ouve ao longo do disco, tocam Manuel Luís Cochofel, Paulo Gaspar, Jorge Reis, João Pedro Silva, José Menezes e Elmano Coelho nas palhetas, Jorge Almeida, João Moreira e Pedro Monteiro nos trompetes e Luís Cunha, Eduardo Lála e Pedro Canhoto nos trombones, estando a secção rítmica a cargo de Miguel Amado e André Sousa Machado.

Leandro Vale foi convidado em Cuba na Fiesta de la Cultura Iberoamericana

O actor, encenador e dramaturgo Leandro Vale, cooperador da SPA desde 1991, na área de Texto, esteve presente como convidado na XVII Fiesta de la Cultura Iberoamericana, que decorreu em Holguin, Cuba, entre 24 e 30 de Outubro. Para este festival, Leandro Vale foi solicitado a escrever um texto teatral, tendo como tema os cinco patriotas cubanos que se encontram presos em Miami, há 12 anos, sem culpa formada.

Na sequência deste escrito, foi dirigido um novo convite ao autor para encenar o seu texto com reconhecidos actores e técnicos cubanos.

Polivalente, Leandro Vale apresentou ainda neste certame uma comunicação sobre Gil Vicente e deu um recital de poesia.

A estreia do espectáculo “El Oscuro Transparente” foi feita durante o VI Colóquio Internacional por la Libertad de los Cinco Heros y Contra el Terrorismo, que teve lugar na mesma cidade entre 17 e 21 de Novembro.

Neste colóquio, Leandro Vale representou o Comité Nacional Português para a Libertação dos Cinco, onde apresentou um trabalho sobre a actualização deste comité do nosso país.

A actividade de Leandro Vale tem tido um ritmo acentuado, tendo terminado as filmagens da média metragem “Aqui Jaz a Minha Casa”. Esta película, cujo argumento leva a assinatura de Aurora Morais, tem fotografia de Sérgio Castro e Telmo Ribeiro, cabendo a realização ao jovem Rui Pilão, recém-formado pela Escola de Cinema de Cardiff. No regresso de Cuba, Leandro Vale encetou também a orientação de uma acção de formação para educadoras de infância, durante um mês, em Évora.

PAULO SÉRGIO SANTOS

“Promovemos mais de 200 autores em dois anos”

Na altura do fecho da segunda série de 13 programas do “A de Autor” na RTP 2, o seu apresentador, Paulo Sérgio Santos, fez para a Autores um balanço “muito positivo” desta forma de divulgação dos autores portugueses das várias áreas abrangidas pela SPA, entidade responsável pelos conteúdos apresentados. Além de ter conseguido exceder as expectativas em termos de número de criadores promovidos no pequeno ecrã, as emissões televisivas da SPA na estação pública “mais do que duplicaram as audiências”

Hoje, dia 22 de Novembro de 2010, qual é o balanço que faz desta segunda série do programa “A de Autor” que encerra em meados de Dezembro na RTP 2?

Acima de tudo, é um balanço muito positivo, porque, pelo menos em alguns patamares, superámos as nossas próprias expectativas. Neste momento, ao concluirmos a segunda série do “A de Autor” na RTP 2, e somando com o trabalho produzido anteriormente nas duas séries do programa “Autores” na TVI 24, chegamos à conclusão de que promovemos o trabalho, directa e indirectamente, de mais de 200 autores portugueses em menos de dois anos.

E relativamente às audiências conseguidas, também superaram as expectativas?

É verdade, também foi uma agradável surpresa para nós o resultado em termos numéricos das

audiências deste programa na RTP 2. Tem sido um crescimento progressivo, acho que consolidado. No início – isto não é um segredo –, consoante a visibilidade de alguns convidados, sentíamos que havia algumas oscilações nas audiências, embora sendo bastante interessantes. Neste momento, digamos que há um crescimento já sustentado.

Mas foi feita alguma alteração no programa face a essa oscilação?

Não. Eu acho que o público percebia que existia este programa e foi simplesmente abrindo.

Descobriu o programa, é isso?

Acho que faz parte da maturidade dos projectos televisivos terem um tempo para que as pessoas os conheçam, uma espécie de adaptação de parte a parte, se quisermos, e neste momento

eu diria que as pessoas já contam com o programa, da mesma maneira que num certo sentido o programa também já conta com as pessoas, considerando os números que vão aparecendo que são, de facto, muito animadores. Porque o crescimento, enfim, tem sido muito, muito bom e positivo, o que nos deixa satisfeitos.

“JÁ DUPLICAMOS OS NÚMEROS EM TERMOS DE CRESCIMENTO”

Em termos de números, podemos dizer o quê?
Para termos uma ideia, em números já duplicámos os números que vinham de trás. Em termos de crescimento, aliás, mais do que duplicámos.

E, paralelamente a isso, em relação a outros programas de magazine cultural, pode fazer uma comparação?

Posso, não sei se se é boa ideia.

Mas qual é o feedback dentro da RTP?

É muito animador. As pessoas falam e é bastante animador. Isto é até importante, porque criou-se uma espécie de mito ao longo dos anos de que as pessoas não se interessavam por cultura e pelos assuntos dos autores, o que, aparentemente, é uma grande mentira. Porque os números que este programa apresenta revelam, exactamente, o oposto.

Isso ocorre, talvez, porque a RTP 2 é um fórum cultural por excelência.

Claro. Mas também há um outro mito em torno do canal de que ele se destina a um público específico, no entanto, eu acho que...



“Foi também uma agradável surpresa para nós o resultado, em termos numéricos, das audiências deste programa na RTP 2. Acho que é um crescimento consolidado

“SENSIBILIZAR O CIDADÃO COMUM PARA OS DIREITOS DE AUTOR”

Acha que consegue captar novos públicos?

Penso que sim. Até porque, repare, o “A de Autor” não é propriamente um programa elitista. É um programa dos autores, mas não é só para os autores. Nem é só para uma elite. É um programa que leva todo o tipo de autor de todo o tipo de área artística. Desde a literatura ao cinema, à música, à fotografia, até à arquitectura. Falamos até de áreas menos lembradas da criatividade, mas que estão contempladas nos direitos de autor e que são consignadas também para esse efeito. Quer dizer, todas as áreas, desde que sejam protegidas pela Sociedade Portuguesa de Autores e pelos direitos de autores, estão presentes neste programa.

Sensibilizar é também uma meta deste programa?

Realmente, o “A de Autor” não é um programa que vá só à procura de um determinado público para o fidelizar, mas sim que pretende fidelizar esse público, mas também chegar a um conjunto de pessoas no sentido de sensibilizar, porque essa também foi sempre uma grande meta. Sensibilizar o cidadão comum, porque ele é um utilizador das obras dos autores, não é? E sensibilizar o cidadão comum para aquilo que, muitas vezes, ele não se lembra. E eu insisto sempre nesta ideia: acho que uma boa percentagem de pessoas, de cada vez que faz uma cópia de um CD ou de um DVD ou que vai buscar à internet um filme ou que tira uma fotocópia de um livro, não tem presente que está a cometer um acto ilícito e, sobretudo, que está a prejudicar as pessoas que são os autores dessas obras. No fundo, são as pessoas que eles querem até prestigiar. Vamos lá ver, se alguém vai copiar um CD é porque o quer ouvir, é porque gosta dele. Se alguém vai fotocopiar um livro é porque o quer ler. Falta só essa pessoa lembrar-se que, se o quer continuar a ler, tem de parar de fazer fotocópias, porque o seu autor tem de poder continuar a escrever, ou a compor, a fazer teatro ou cinema ou o que for que esteja em causa. E é isso que é importante lembrar. E parece-me que não há melhor forma do que lembrar sempre que os autores existem, que fazem este trabalho e que ele tem um preço.





Como tudo na vida.

Como um jardineiro tem um preço para tratar de um jardim, como o canalizador tem um preço para tratar da canalização, também o autor tem um preço para fazer o seu trabalho. E esse preço, a maior parte das vezes, prende-se com aquilo que é conhecido como direitos de autor. E se nós, numa conversa tranquila com autores que são lidos e ouvidos e apreciados por aqueles que nos dão também a audiência do programa, dermos a entender que estes autores têm de sobreviver, têm de ter o seu salário, que é o direito de autor, aí a mensagem com certeza que passa e passa de uma forma mais eficaz.

“A SEGUNDA SÉRIE DEU A CONHECER AUTORES NOVOS”

Penso que esta segunda série focou um aspecto muito interessante e motivador, que foi dar a conhecer autores novos, o que pode ter contribuído para o crescimento das audiências.

Exactamente. Houve uma aposta ainda mais acentuada na segunda série do “A de Autor” nos autores novos e até em autores que nem sequer tinham editado o seu primeiro CD, falando de autores de música. Mas já eram autores,

já tinham participado em obras com outros músicos, já tinham assinado composições e tinham mérito.

E é assim que muitos começam.

Posso dizer que graças à participação no “A de Autor” alguns deles vão já lançar os primeiros álbuns, o que é fundamental. Aliás, já aconteceu. Neste momento em que estamos a falar, um grupo que participou e não tinha lançado ainda nenhum álbum está a promover a sua apresentação.

Qual é o grupo?

É os Funk Off and Fly, um grupo português de música *funk*. Só para dar um dos vários exemplos que poderia dar, quando este grupo foi ao “A de Autor” não tinha lançado nenhum álbum. Tinha vários temas que já apresentara em concertos, foi ao “A de Autor”, fazendo uma estreia em televisão, salvo erro com 12 elementos, e agora tem o seu álbum já à venda no mercado. Outros autores que também fizeram esta experiência com edições de autor, neste momento, aparentemente, já têm algum sucesso e receptividade no mercado.

Portanto, este também é um estímulo.

Claro. E casos de outros autores que também fizeram a sua estreia em televisão, o que também é importante. Sobretudo os de música. Revela o papel do programa.

Mas também há muitos autores que não gostam de mostrar a sua cara.

Isso é verdade. E é legítimo, nós não podemos obrigar ninguém. Um autor é, por definição, um criador e não necessariamente alguém que aparece, embora muitas vezes o autor se confunda com o intérprete. Há casos em que são a mesma pessoa. Mas também há muitos casos em que, mesmo não sendo a mesma pessoa e não havendo essa confusão, o autor é conhecido e ainda bem. Todas as situações são legítimas. O que não é legítimo é não se pagarem os direitos de autor.

Portanto, vê com grande positivismo que uma terceira série ou um outro programa, com outro figurino, possa vir a acontecer.

Com certeza. No que depender de mim, a actividade de divulgação dos autores é para continuar, a sensibilização dos direitos de autor é para continuar e assim haja espaço para o concretizarmos, que cá estaremos para fazermos o melhor que pudermos. *Edite Esteves*

II ENCONTRO LUSÓFONO DE SOCIEDADES DE AUTORES DECORREU NO RIO DE JANEIRO

Intensificação da cooperação como prioridade

Na sequência da realização promovida pela Sociedade Portuguesa de Autores, em Lisboa, em Novembro de 2009, que deu início ao ciclo de encontros anuais das sociedades de autores de língua oficial portuguesa, decorreu, no passado dia 13 de Dezembro, o II Encontro Lusófono das Sociedades de Autores, no Rio de Janeiro, com organização a cargo das sociedades de autores brasileiras AMAR, ABRAMUS e UBC, com o apoio da SPA.

Neste encontro, para além das sociedades brasileiras e da SPA, representada por Vanda Guerra, Vítor Amorim e Alexandre Miranda, participaram as sociedades de autores de Angola e de Moçambique, embora estivesse prevista, igualmente, a de Cabo Verde, como aconteceu em Lisboa, aquando do I Encontro.

A SPA, conforme já referimos em edições anteriores, foi pioneira deste projecto, ten-

EMBARCADOS NUM SONHO COMUMEM NOME DOS AUTORES E DO FUTURO

José Jorge Letria

É com justificada satisfação que vejo uma ideia nascida em finais de 2004 e desde logo avaliada com os nossos irmãos do Brasil continuar a dar frutos, desta feita no Rio de Janeiro, depois dos excelentes resultados obtidos em Lisboa, em Novembro de 2009.

Escreveu um dia o escritor francês Victor Hugo que “nada tem mais força do que uma ideia quando chega a sua hora”. Esta ideia era simples, sedutora e abrangente. Pretendia-se dar ao diálogo inadiável entre as sociedades de autores dos nossos países a força congregadora da lusofonia enquanto dinâmica e projecto de futuro.

Somos em larga medida a língua que falamos e a cultura que ela veicula. Nesse sentido, nunca será pura afirmação retórica dizer que estamos irmanados por muita coisa comum, sem preconceitos, sem ressentimentos, sem temores injustificados, mas apenas com o desejo sincero e partilhado de, falando em português, nos podermos entender quanto a questões tão relevantes e definitivas como a convergência de acções e vontades, o intercâmbio de experiências, a uniformização de procedimentos que nos aproximem ainda mais, a multilateralidade que a nossa diversidade impõe e também o vínculo de solidariedade que deve unir e mobilizar os que mais têm relativamente aos que ainda sentem o peso de carências estruturais.

É por tudo isto que aqui estamos, embarcados na mesma nau de descobrir não terras desconhecidas, mas sim caminhos comuns que nos possam levar até onde forem a nossa determinação e a nossa vontade.

Na Europa, na América do Sul ou em África vivemos problemas comuns, ainda que com diferentes graus de complexidade e intensidade. Mas, estejamos onde estivermos, temos a unir-nos a vontade de defender os direitos dos autores que representamos, os seus repertórios e a sua dignidade enquanto criadores, sempre conscientes de que nunca a nossa luta foi tão árdua, tão incompreendida, mas por isso mesmo tão importante e inadiável.

Na realidade, nunca os poderes políticos estiveram tão fechados e desinteressados em relação ao direito de autor,

mostrando-se em geral muito mais empenhados em ganhar os votos dos consumidores-eleitores do que em defender os legítimos interesses dos criadores culturais. Ao fazê-lo esquecem, ou, pelo menos, fingem esquecer, que a economia da cultura gera riqueza, cria emprego, aumenta a receita fiscal, amplia a capacidade de exportação de bens, prestigia internacionalmente as culturas nacionais e fortalece a coesão interna de cada pátria.

As nações que ficam reféns de estratégias consumistas e materialistas acabam sempre por ter de lidar com a crise que hoje assola a maior parte dos países europeus e uma boa parte dos situados noutros continentes e que têm economias mais débeis. Sempre que uma crise de grandes proporções deflagra, a cultura torna-se a primeira vítima, do mesmo modo que a verdade o é nos teatros de guerra. Os problemas que enfrentamos são por certo diferentes pois são proporcionais à dimensão das realidades nacionais com as quais operamos, mas têm invariavelmente a mesma génese, já que na origem se encontram os autores, os seus direitos e as suas necessidades e expectativas.

A cultura não pode ser, em circunstância alguma, um mero adorno nas lapelas do eleitoralismo. Tem sempre de ser muito mais do que isso, para poder engrandecer as pátrias e os povos que nela se revêem e revigoram.

O que nos une, na estimulante riqueza desta diversidade, há-de ser sempre mais forte do que aquilo que nos separa, e, num mundo global, as distâncias e as fronteiras de pouco valem se estivermos verdadeiramente motivados para o trabalho partilhado e para os combates comuns. O mundo vive momentos de grande incerteza, seja qual for o lugar em que estejamos a observá-lo, já que hoje nenhum problema ou crise tem somente dimensão local. Como disse um dia o poeta português Miguel Torga, “o global é o local sem fronteiras”. E é justamente essa percepção e essa visão, que só pode ser estratégica, que deve unir-nos, usando a mesma língua e o sentido de fraternidade que ela naturalmente vai nutrindo e fortalecendo.

Há um ano, em Lisboa, foram lançadas as raízes de um trabalho conjunto que nos projectou para novos horizontes. Hoje, no Rio de Janeiro, neste imenso país que não pára de crescer e de se afirmar no concerto das nações, vamos trabalhar para concretizar parcerias, intensificar plataformas de diálogo e podermos aumentar as receitas que irão contribuir para manter activos e criativos os autores que em nós confiam.

Ao contrário do que acontece nas provas de atletismo, aqui perde quem se obstinar em cortar a meta sozinho, porque,

do-se empenhado na sua concretização desde 2005. O I Encontro realizado na sede da SPA em 2009 possibilitou a constituição, ainda em fase informal, de um Comité Lusófono no seio da CISAC, “conquista que se tornou marcante para as sociedades de língua portuguesa e que já teve expressão prática em diversas iniciativas bilaterais e multilaterais”, de acordo com o anunciado pelo Conselho de Administração cessante da SPA.

Na agenda do encontro do Rio de Janeiro incluíram-se debates sobre assuntos do interesse comum das várias sociedades, formas de intensificação da cooperação entre elas e ainda formas de apoio das sociedades com maiores recursos às que se encontram em situação de carência, como, aliás, já tinha sido focado na reunião em Lisboa.

O II Encontro Lusófono de Sociedades de Autores culminou com uma visita de trabalho ao ECAD, organismo oficial que, no Brasil, assegura a cobrança regular, em todo o território nacional, dos direitos de autor e direitos conexos, constituindo uma experiência do que pode designar-se por “guiché único”.

Segue-se o texto integral da declaração do Presidente do Conselho de Administração e recém-eleito Presidente da Direcção da SPA, a qual foi lida no encontro, na impossibilidade de José Jorge Letria estar presente.

se o fizer, mostrará fraqueza e ficará à mercê da ganância de quem explorar e desprezitar os autores.

Tentemos, pois, mesmo trabalhando com quadros legislativos muito diversos, encontrar os espaços de diálogo, de convergência, de partilha e de acção comum que nos podem preparar para enfrentar os desafios do presente e do futuro e impor no mundo a força da nossa unidade linguística e dos afectos que ela gera e enriquece.

Tudo, neste mundo global, se encontra em mudança, e ninguém sabe o que irá acontecer com as sociedades de gestão colectiva daqui a dez ou quinze anos, sobretudo por estarmos a viver uma profunda revolução tecnológica e das mentalidades, não necessariamente para melhor. No entanto, de uma coisa podemos estar certos: se estivermos juntos estaremos muito mais aptos a resistir e a progredir do que se avançarmos isoladamente. Os nossos autores e a cultura dos nossos países esperam e exigem de nós a clarividência que aponta nessa direcção.

Os poderes políticos, tantas vezes arrogantes ou indiferentes, temem sociedades de autores livres, aguerridas e modernas. Com as outras podem eles bem, porque não lhes fazem sombra nem lhes impõem a força e a razão das suas regras. Juntos nesta grande cidade, que é uma das mais belas e grandiosas do mundo, encontraremos certamente os temas, as prioridades e os rumos que poderão impor, de forma crescente e incontestável, a lusofonia dentro da CISAC, que enfrenta uma crise preocupante, e outros importantes fóruns e estruturas internacionais. A SPA está embarcada convosco nessa nau que pode dobrar todos os cabos tormentosos.

Resta-me desejar que deste encontro possa sair, como aconteceu em Lisboa, um documento programático que se converta num verdadeiro instrumento de reflexão e acção para nos unir e mobilizar ainda mais durante o ano que vai começar.

Disse um dia o grande William Shakespeare que “Nós somos feitos da matéria de que são feitos os sonhos”, e, para dizer a verdade, não me ocorrem palavras mais acertadas e eloquentes para vos falar da ideia que ganhou asas e nos trouxe até aqui, até ao cais do futuro, com a convicção de que ninguém conseguirá hipotecar o sonho que nos faz lutar pelo que é justo e inadiável. Falo dos direitos dos autores, falo da nossa responsabilidade, falo da esperança que pinta de muitas cores a bandeira do nosso amor à cultura e à liberdade de criar.

Rio de Janeiro, 13 de Janeiro de 2010



ARNALDO SARAIVA

“A poesia é de quem respira”

A enumeração de tudo o que este homem já fez ocuparia talvez todas as páginas da revista. Fiquemos pelo mais fácil e chamemo-lhe Professor, sabendo que o essencial do seu trabalho se reparte pela criação e tradução de poesia, pela intervenção cultural activa, pela investigação, pela leitura. Recentemente, a SPA assinalou o reconhecimento dos criadores portugueses à obra de Arnaldo Saraiva, atribuindo-lhe a Medalha de Honra. É apenas um pretexto para conversar com este professor de Literatura, nascido numa aldeia da Covilhã, mas que é um homem do Porto e do Mundo.

Começaria pelo fim: o que significa para si a atribuição da Medalha de Honra da SPA?

Uma honra, claro. Inesperada.

Professor universitário, investigador literário, ensaísta, poeta, cronista. Qual das suas distintas vertentes de actividade lhe dá mais prazer?

Porque é pela linguagem, e pela melhor linguagem – a literatura – que podemos aceder aos mistérios e à complexidade do homem ou de nós próprios, palavras que somos, todas essas actividades, e mais a de tradutor, me dão muito prazer, mesmo quando me dêem também muita inquietação e fadiga. Mas é verdade que há dias ou horas em que alguma delas se impõe sobre as mais, e se antepõe até a outras claras fontes de prazer – amar, viajar, ler...

A LITERATURA E O MUNDO

Foi professor de literaturas lusófonas em universidades tão importantes como as de Santa Bárbara, na Califórnia, ou a Sorbonne, em Paris. Da sua experiência, como é que acha que o mundo vê a literatura portuguesa?

Salvo de pequeníssimas ilhas, o mundo não vê a literatura portuguesa. E mesmo o leitor médio de vários países “civilizados”, como a França, a Inglaterra ou a Alemanha, ignora a existência de Camões, que tem a estatura de outros que esse leitor não ignora, chamem-se eles Homero, Vergílio, Dante, Shakespeare, Cervantes, Goethe, Dostoiewski. Os portugueses que levaram navios e mão-de-obra a todo o pla-

neta, nunca souberam levar a sua literatura, nem mesmo a pioneira dos chamados descobrimentos, que, tal como a culinária que também não impuseram (ao contrário do que fizeram franceses, italianos e chineses), não parece menos interessante ou substancial do que a de outros povos privilegiados. Mas é preciso dizer que mais importante do que ter uma cultura reconhecida pelos estrangeiros é ter uma cultura viva e vivificante; e que não são só os portugueses que devem ser responsabilizados pela ignorância que outros tenham da sua cultura; e que essa ignorância não é um sinal de superioridade, mas de inferioridade. Há quatro décadas eu podia dizer a colegas meus do curso parisiense de Roland Barthes que não sabiam o que perdiam por nunca terem lido Pessoa. Nessa altura, encontrei um especialista da poesia medieval, Paul Zumthor, que não sabia nada das cantigas portuguesas; e, bem mais tarde, Claude Lévi-Strauss ainda fazia de Jean de Lévy, não de Pero Vaz de Caminha, o primeiro “descobridor”



Salvo de pequeníssimas ilhas, o mundo não vê a literatura portuguesa. Mas, mais importante do que ter uma cultura reconhecida pelos estrangeiros, é ter uma cultura viva e vivificante



Em tempos de viagens
astronáuticas,
seria de desejar
que da literatura
portuguesa se visse
não só o mar, a terra,
e o bicho da terra,
mas também outros
planetas – e as estrelas





do Brasil. Pessoa tornou-se entretanto uma referência mundial da modernidade, e a ele se deve, bem mais do que ao Instituto Camões, ou a José Saramago, muita da visibilidade internacional da literatura portuguesa e da literatura em português. Nestas literaturas, os estrangeiros poderão apreciar especialmente, para lá dos sabores de uma língua e uma cultura com mais de oito séculos, as temáticas ou problemáticas da viagem e da outridade, e os motivos claros ou difusos dos mitos de Pedro e Inês e do sebastianismo.

E como é que a literatura portuguesa olha o mundo?

Vergílio Ferreira disse que da língua portuguesa – da literatura portuguesa – “vê-se o mar”. Se isso é literal e metaforicamente verdade, há que precisar que se vê quase sempre só a espuma, a cor e a ondulação da superfície, porque ao fundo quase só se chega como naufrago. Em tempos de viagens astronáuticas, seria de desejar que da literatura portuguesa se visse não só o mar, a terra, e o bicho da terra tão pequeno, mas também outros planetas – e as estrelas.

AS MARGENS DA LITERATURA

As chamadas “áreas marginais” da literatura têm merecido uma parte essencial da sua atenção enquanto estudioso. Porquê?

Descobri ainda em tempo de estudante universitário que na chamada “literatura portuguesa”, canonizada em programas, histórias e antologias, não entravam milhares de textos



Não há diferença essencial entre o que se chama criação e o que se chama tradução, se tiverem qualidade. Em princípio, o criador traduz (d) o real e o tradutor traduz um texto

como os que, ouvidos ou lidos, tinham deslumbrado a minha infância e adolescência: canções ou cantigas, orações, provérbios, contos, lendas, romances do Romanceiro, anedotas, adivinhas, trava-línguas... E descobri que muitos textos que para mim continham os ingredientes da melhor literatura eram silenciados, marginalizados ou desvalorizados não só por censores oficiais ou oficiosos da política, da religião e da moral, mas também por dissimulados censores (escritores, críticos, professores, letrados...) da estética, que tinham algum horror ao oral, ao anónimo, ao popular, ao heteróclito ou híbrido (prosa poética ou poesia em prosa, textos verbo-visuais e verbo-musicais...), como o tinham em relação a textos de espécie nova (quadrinhos, argumentos cinematográficos, cartoons...) ou em relação a textos de vanguarda. Nos meus dois volumes de Literatura Marginalizada, em prefácios, em numerosos ensaios e artigos (que dão pelo menos para mais dois volumes), em congressos e no ensino – criei no Porto a cadeira “Literaturas Oraís e Marginais”, imitada noutras universidades – empenhei-

me em combater esse tipo de censuras ou de preconceitos. E a luta continua, até porque não se trata de uma causa meramente literária. No fundo, a marginalização de alguma literatura vai de par com a marginalização de pessoas.

“El universo se investiga a sí mismo. / Y la vida es la forma / que emplea el universo / para su investigación.” Quem o disse foi um dos poetas que traduziu, Roberto Juarroz, num dos textos da sua “Poesía Vertical”. Estudar a literatura é uma forma de investigar a vida?

Pode ser também a de investigar a morte. Unamuno identificou a literatura com a morte. E a morte não é só um dos temas mais recorrentes na história da literatura; Michel Picard mostrou bem como a morte se define como “um puro ser de linguagem”, um fenómeno verbal que é inconcebível, tanto pela consciência como pela inconsciência. Mas sendo a literatura produzida e lida, em qualquer dos casos mobilizando como poucas outras actividades a inteligência, a atenção, a reflexão, as emoções, e explorando o que há de mais vigoroso e vital na língua ou na linguagem, quer dizer, no ser humano, falando expressivamente do que aconteceu e do que poderia ou poderá acontecer, dos mundos exteriores e interiores, do real, do possível e do imaginário, parece evidente que, como queria Italo Calvino, há coisas que só a literatura nos pode dar. Os versos de Juarroz, poeta e amigo que sempre me acompanha, parecem identificar o universo com o leitor ou investigador literário, que lê e interroga o texto para melhor se ler a si mesmo, e para se vivificar.



Poeta e professor

Aos 70 anos, é um homem atento. Avisa que a poesia pode morrer, tal como a literatura, mas acredita que não será tão cedo. Dono de uma biografia tão extensa como a sua obra literária, paraliterária e académica, Arnaldo Saraiva nasceu em 1939 na Covilhã, estudou em Lisboa e vive bem com o Douro por perto, mas a sua casa é o mundo.

Licenciado pela Universidade de Lisboa, doutorado pela do Porto, discípulo de Barthes e de Gérard Genette, professor em várias academias de renome, Arnaldo Saraiva foi tudo isto como o mesmo empenhamento com que foi dirigente da Cooperativa Árvore e do Boavista Futebol Clube, colaborador da Televisão, da Rádio e de várias publicações portuguesas e estrangeiras. Está representado na Antologia dos Poetas Brasileiros - Fase Moderna, de Manuel Bandeira e Walmir Ayala e na Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, de Maria Alberta Menéres e E. M. de Melo e Castro. Publicou numerosos livros de poesia e traduções de outros poetas, de Brecht a Guilherme IX de Aquitânia, passando por Borges ou Mallarmé. VT



TRADUÇÃO E CRIAÇÃO

Em que medida é que a actividade de tradução de poesia pode ser considerada um acto de criação?

Não há diferença essencial entre o que se chama criação e o que se chama tradução, se tiverem qualidade. Em princípio, o criador traduz (d) o real e o tradutor traduz um texto. Mas onde é que há real sem linguagem, ou textos sem textos anteriores? E como é que o tradutor de um texto, não só de palavras ou frases, pode dispensar o conhecimento do mundo implicado, e pode dispensar o trabalho com o simbólico, o rítmico, o melódico da linguagem? Convirá, aliás, não esquecer que boa parte das grandes obras literárias da humanidade as lemos em traduções. Se são boas ou más, fiéis ou infielis, é outra questão. Mas o bom tradutor sabe que tem que aprofundar e mobilizar o seu conhecimento em duas línguas e culturas para dizer numa quase o mesmo e de modo quase idêntico o que dizia a outra.

De todos os autores que já traduziu, quais os que lhe deram maior satisfação?

Salvo alguma excepção prosaica, até hoje só traduzi textos que me davam prazer, e que achei que me dariam (e deram) prazer traduzir, também para dar prazer a outros. Mas pelos desafios

técnicos que implicou, e por se tratar não só de um grande poeta, como Brecht, Juarroz, Borges, ou como Leopardi e Mallarmé, mas também do fundador da poesia ocidental e do inventor do “amor cortês”, terei de lembrar a euforia – esquecendo as grandes dificuldades – que me proporcionou a tradução da poesia de Guilherme IX de Aquitânia.

Diz-se que Portugal é um país de poetas, mas a verdade é que as edições de poesia são pequeníssimas, muitas vezes quase domésticas. Será uma fatalidade lusitana?

Todos os países são países de poetas, só que nalguns há mais poetas virtuais ou imaginários do que noutros. E a poesia deve ser (bem) feita – ou vivida – por todos. O curioso é que a poesia parece às vezes um sinal de pobreza ou de carência – é mais cultivada em terras pobres. Atendendo ao número de leitores portugueses potenciais, nem se pode dizer que sejam escassas e irrelevantes as nossas edições de poesia. Em países bem mais povoados e ricos como os Estados Unidos é que espanta a pouca visibilidade dos poetas e a pequena tiragem de livros até de grandes poetas. Espanta, ou não. Parece haver incompatibilidade entre os mundos da poesia e da obsessão comercial, que também já arredou a poesia portuguesa dos jornais e dos media.

A POESIA EXISTE, E ISSO BASTA

“A poesia é para comer”, dizia Natália Correia. Em pleno primado da economia, a poesia serve para quê?

Pode dizer-se que a poesia não serve para nada, e nisso está o seu valor, que desmoraliza os que buscam o interesse e a utilidade em tudo. A poesia existe, e isso basta. Mas dizer que a poesia é inútil permite que se diga também o contrário ou contraditório; como em tempos escrevi, “a poesia serve, às vezes simultaneamente, para moralizar e para desmoralizar, para dar a ver e para obscurecer, para ensinar e para desaprender, para alegrar e para entristecer, para responder e para perguntar, para elevar e para fazer cair. Útil e inútil, prazer e desmancha-prazeres, a poesia parece hoje, mais do que nunca, uma máquina subversiva /.../ existe para fazer ser em plenitude”.

A Fundação Eugénio de Andrade, a que preside, está à beira da extinção. Como é que uma instituição que tem como patrono uma figura maior da literatura portuguesa chegou a esse ponto?

Uma triste história, sobretudo para mim que sou seu presidente, e que desde início a ela me liguei por um imperativo de amizade (ao longo de 18 anos de dedicação ou trabalho nunca dela recebi



Pode dizer-se que a poesia não serve para nada, e nisso está o seu valor, que desmoraliza os que buscam o interesse e a utilidade em tudo. A poesia existe, e isso basta

um tostão). Na realidade houve vários erros, até jurídicos, na sua criação e no seu protocolo com a Câmara Municipal do Porto. Nos últimos anos, a esses erros vieram juntar-se a sucessiva suspensão de subsídios que nunca pudera dispensar, uma alteração desfavorável na lei do mecenato, as falências dos sucessivos distribuidores das obras de que era editora ou co-editora, e, sobretudo, a hostilidade do legatário de Eugénio de Andrade que, fazendo parte da direcção da Fundação, sem aviso prévio, moveu a esta uma notificação e uma acção judicial, e invocou uma equívoca passagem do testamento para tentar anular um dos artigos fundamentais dos Estatutos. Sem tempo e sobretudo sem dinheiro para defender a sua razão em tribunais, tarefa que se antevia para longos anos, a direcção (5 contra 1, o representante do legatário) achou por bem propor a extinção, para que o Governo e a Câmara Municipal do Porto assumam finalmente as suas responsabilidades – uma vez que o espólio de Eugénio pertence à cidade do Porto. Assim, quisemos – e sugerimos – que a Fundação dê lugar a uma Casa da Poesia (Eugénio de Andrade) que, sem entraves, nem sobressaltos, nem equívocos entre o público e o privado, possa cumprir os objectivos de preservar o espólio do poeta, de estimular o seu estudo e divulgação e de trabalhar pela causa da poesia portuguesa, e não só.

Foi o primeiro académico português a fazer a análise literária de alguma música popular urbana do século XX – e recordo-me da sua célebre introdução ao livro “Canções de Sérgio Godinho”. Concorda que temos em Portugal alguns criadores de canções excepcionais, mesmo se nem sempre devidamente tidos em conta pelas academias? Desde a terceira ou quarta década do século XX, um pouco por todo o mundo, mas sobretudo no Ocidente, que inventou a rádio e o disco (e o vídeo, e o cd), o espaço comunicativo que desde o século XV ocupava a poesia escrita foi recuando com a frequência e o sucesso, até comercial, de uma poesia verbo-musical que lembra a dos cancioneros medievais, se não a do antigo lirismo. Em princípio, o texto bidimensional (verbal/musical) deve ser avaliado como um todo; mas para falarmos de poesia ou de qualidade poética exige-se que o texto verbal funcione bem por si mesmo, desvinculado do suporte ou complemento musical, como os textos de clássicos que têm sido musicados. E isso é raro. Das multidões de

autores ou cantautores que inundam diariamente a rádio, a televisão, lugares públicos e privados, poucos são os que escapam à banalidade, à boçalidade, ao primarismo, ao ruído pobremente ritmado. Mas a polémica brasileira da poesia dos poetas e da poesia dos cantores parece uma polémica insensata, tanto mais que tropeça em figuras como Vinícius, Caetano, Chico Buarque. É cada texto que garante a sua qualidade, não o facto de vir de um “poeta” ou de um “cantor” (ou autor de canções), do livro ou do cd. Apercebendo-me da criatividade que vi em muitas canções de Sérgio Godinho, atrevi-me, então com algum escândalo universitário, a propor a edição dessas canções e a estudá-las, contribuindo modestamente para desmoralizar um preconceito tonto como todos os preconceitos.

A BARBÁRIE JÁ PARECEU MAIS LONGE

Em tempos chegou a defender a alteração do hino nacional. Por manifesta desadequação ao tempo? Ou porquê?

Se a música do hino é interessante, mau grado a passagem em que muitos desafinam, o poema que a acompanha é ruinzinho, e ideologicamente inaceitável. Mas ainda há bem pior em hinos nacionais – como demonstrei no meu estudo publicado autonomamente em 1973, e incluído em *Literatura Marginalizada – Novos Ensaios* (1980) –, sobretudo os que exaltam sem pudor alguns feitos nacionais, os que supõem uma comunidade bem superior a todas as outras, e os que incitam à morte ou ao morticínio. Veja-se o hino do Mónaco, ou o do México, que entretanto foi amputado ou modificado. Os 3 mil exemplares da edição original do meu estudo desapareceram rapidamente, mas salvo erro só foi falado em dois jornais, um dos quais um obscuro pasquim salazarista, que naturalmente o atacou, sem curar dos meus argumentos. Muitos anos mais tarde,

Alçada Baptista também arremeteu contra o hino, houve então grande arruído, e só a Visão se lembrou do que eu já dissera. Um hino nacional vale como símbolo, mas não escapa à leitura ideológica e não é um símbolo mudo como uma bandeira. Além de ridículo, parece hoje infame ouvir multidões ou criancinhas a gritar “Às armas! Às armas”, grito por sinal pouco nacional, se ecoa a velhíssima “Marselhesa”.

Acompanha a mutação acelerada dos fenómenos da comunicação?

A aceleração nem sempre me permite o acompanhamento, mas faço o que posso para me familiarizar com iPads e iPods. Tento ser um homem do meu tempo, mas não sou tão fanático das novas e proliferantes tecnologias que não veja as dependências ruins que criam, os seus “ruídos”, e o lixo que produzem; tento estar “ao corrente” mas distingo informação e conhecimento, obrigo-me a cruzar notícias e comentários, a desconstruir o que me vendem, a fugir ao “massacre” ou à saturação, e às vezes a sonhar com o regresso a uma “comunicação” oral e tribal que seja uma verdadeira “comunhão”.

Olhando em volta, pelo país e pelo mundo que também conhece bem, quais são os seus maiores receios?

Receio, claro, a barbárie, que já pareceu mais longe. Receio a trindade assassina denunciada pelo mártir Jacques de Molay e invocada por Pessoa: a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania. Receio a estupidez, a começar pela minha. No plano mais pessoal, receio a perda da dignidade humana física e mental.

E os seus maiores desejos?

Estar em paz comigo mesmo. Fazer das minhas fraquezas forças e dar uma pequena ajuda a quem dela precise. Ser cada dia moral e intelectualmente melhor.

Acredita que algum dia a poesia voltará a “estar na rua”, como afirmava Maria Helena Vieira da Silva em 1974?

A poesia anda no ar, mais do que na rua, e é de quem a respirar. Só que também pode morrer, o que, como Blanchot disse da morte da literatura, até poderá ser um bom sinal, o de que já deixou de ser necessária. Mas, até ver, apenas os imbecis a poderão dispensar. *Viriato Teles*

SPA reúne-se com a IGAC Protocolo prestes a ser assinado

A Administração da SPA reuniu-se na sede da cooperativa com o Inspector-Geral das Actividades Culturais, Prof. Luís Silveira Botelho, e com a Sub-Inspectora-Geral, Dra. Paula Hipólito. No decorrer da reunião, foram analisados assuntos de interesse para as duas instituições, designadamente as formas de autorização para a realização de espectáculos ao vivo da responsabilidade da IGAC, o combate às várias formas de pirataria, a fiscalização e ainda o desenvolvimento de acções de carácter pedagógico a desenvolver junto do público escolar.

Ficou assente que estas formas de cooperação serão contempladas por um protocolo a assinar brevemente por ambas as instituições.

Representaram a SPA nesta reunião o presidente do Conselho de Administração, José Jorge Letria, e os administradores Pedro Osório e José da Ponte. A Administração da SPA considera que esta reunião pode representar um passo importante no relacionamento da cooperativa com aquele órgão estatal de importância fundamental para a defesa dos direitos dos autores.

Lisboa, 17 de Dezembro de 2010

O Conselho de Administração

Fundo Cultural da SPA viabiliza mais de 50 projectos de autores

No âmbito das candidaturas de cooperadores da SPA ao Fundo Cultural, foram já aprovados mais de cinquenta projectos provenientes de criadores de praticamente todas as disciplinas que a SPA abarca. Deste modo, a SPA, por via do Fundo Cultural, tem vindo a cumprir integralmente os objectivos propostos e devidamente regulamentados, assumindo-se como uma instituição que, fora da esfera pública, apoia efectivamente o trabalho dos autores portugueses.

O regulamento que rege as candidaturas e no qual se definem prazos e requisitos encontra-se disponível no portal da SPA.

A Administração da cooperativa está convicta de que o Fundo Cultural colocado ao serviço dos cooperadores e dos seus projectos criativos representa uma das formas mais efectivas e dinâmicas de afirmação da importância do trabalho dos autores na vida cultural portuguesa.

Lisboa, 18 de Outubro de 2010

O Conselho de Administração

Mais informações em www.spautores.pt

SPA INVESTE NA FORMAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DOS TRABALHADORES

Renovação do quadro de pessoal

Tendo em conta a importância dos recursos humanos enquanto principal activo e importante factor de crescimento da SPA, no âmbito da modernização tecnológica em curso, a Administração da SPA acaba de lançar um Plano de Formação destinado aos trabalhadores, nas áreas de Línguas (inglês), Novas Tecnologias (Office/Windows) e Gestão Departamental. O Plano, que respeita as exigências legais em matéria de formação, teve início no passado dia 13 de Setembro e conta com uma primeira participação de 79 colaboradores, cerca de metade da população activa da SPA, divididos por cinco turmas, estando devidamente acautelado o normal funcionamento dos serviços.

A Administração salienta ainda o facto do Plano de Formação ter sido aprovado ao abrigo do Instituto de Emprego e Formação Profissional, por intermédio do IPFEL, sem custos acrescidos para a SPA em matéria de instalações e de formadores.

A Administração trabalha agora na criação de um sistema de avaliação de desempenho, com base nos modelos mais desenvolvidos, no sentido de instituir, em consonância com os sindicatos, um novo plano de carreiras que responda da melhor forma às necessidades e ao bom desempenho da SPA.

Com o objectivo de reduzir os custos com pessoal e reforçar a sustentabilidade financeira da cooperativa,

tendo em conta a importância dos recursos humanos enquanto principal activo da empresa, a Administração da SPA tem levado a cabo uma política de renovação do quadro de trabalhadores.

Deste modo, a par das contratações efectuadas para fazer face à modernização tecnológica em curso e às novas valências e áreas de actividade da SPA, com uma aposta decisiva nas qualificações, desvincularam-se do quadro da empresa seis trabalhadores, estando as negociações praticamente concluídas em relação a outros três, num total de nove. Esta diminuição corresponde a uma redução da despesa mensal com encargos salariais, da ordem dos 16.800 euros, estando ainda previsto um conjunto de novas negociações até ao final do ano.

A SPA fica assim mais bem preparada, em termos do quadro de pessoal e do seu potencial humano, para enfrentar os desafios do futuro.

Lisboa, 22 de Outubro de 2010

O Conselho de Administração

DUAS LISTAS, PELA PRIMEIRA VEZ, NAS ELEIÇÕES PARA O CCD

Votação renhida dá vitória por nove votos

Nas eleições para os Corpos Directivos do CCD-Centro Cultural e Desportivo da SPA para o Biénio 2011/2012, concorreram, pela primeira vez na história do CCD, duas listas:

Lista A - "Pelo Rigor e Transparência", encabeçada por Dr. Lucas Serra, como Presidente da Assembleia Geral,

Joaquim Espanhol, como Presidente da Direcção e Paulo Santos, como Presidente do Conselho Fiscal.

Lista B - "Todos Pelo CCD", encabeçada por Augusto Capela, como Presidente da Assembleia Geral, Susana Augusto, como Presidente da Direcção e Jorge Caldeira, como Presidente do Conselho Fiscal.

A votação teve lugar no dia 22 de Novembro durante dois períodos, das 12h30 às 14h30 e das 17h00 às 18h00. O resultado da votação foi o seguinte: Sócios votantes - 118 (foi uma votação histórica); Lista A - 52 e Lista B - 61; Votos em Branco - 5.

A Lista B, "Todos Pelo CCD", foi a vencedora e tomará posse em Janeiro de 2011 (com data ainda a confirmar).

António Ramos Rosa cooperador da SPA

O poeta António Ramos Rosa, beneficiário da SPA desde 1977 e um dos nomes mais importantes da literatura portuguesa do século XX, passou, por decisão da Direcção e por preencher os requisitos necessários para que tal acontecesse, a gozar do estatuto de cooperador, facto que muito honra a nossa cooperativa. Autor de uma vasta obra poética e ensaística, António Ramos Rosa foi três vezes indicado pela SPA como candidato português ao Prémio de Poesia Reina Sofia, atribuído anualmente em Espanha e que só distinguiu até hoje a poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner. Enquanto cooperador, o seu nome vem somar-se ao de outros grandes nomes da literatura portuguesa que foram ou são cooperadores da SPA.

Lisboa, 27 de Outubro de 2010

O Conselho de Administração



Com o objectivo de proporcionar sempre mais e melhores serviços aos autores, a Administração da SPA acaba de reforçar o serviço “Autores Mais”, fruto de um longo trabalho de negociações e pesquisa de parcerias. Através desta rubrica os cooperadores e beneficiários da nossa cooperativa passam a usufruir de condições especiais e de importantes vantagens de utilização relativamente a prestigiadas marcas de bens e serviços da sociedade portuguesa, mediante a apresentação do cartão de sócio da SPA.

Os acordos estabelecidos até ao momento englobam:



Ser sócio ACP é ter:

Médico em casa por apenas 10€, mecânicos aptos para assistir a viatura no local, técnicos de assistência no lar, escola de condução com elevada taxa de sucesso, apoio jurídico, seguros nas melhores condições do mercado, facilidade para tratar da documentação, combustíveis mais baratos, bilhetes de cinema a preços de 2ª feira, descontos em parceiros por todo o país e muito mais!

ACP? Claro que sou sócio!

Oferta: Para SPAUTORES na adesão ao ACP: Isenção de Jóia e 10% na 1ª anuidade
Vá já uma delegação ACP ou ligue **707 509 510**, atendimento 24h.

www.acp.pt



VANTAGENS ÚNICAS PARA ASSOCIADOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES NOS PESTANA HOTELS & RESORTS E POUSADAS DE PORTUGAL

Desconto de 10% para os sócios da SPAutores nas estadias e comidas e bebidas em todos os Hotéis e Resorts Pestana em Portugal.

Para aproveitar esta oferta, válida sobre o melhor preço disponível, incluindo promoções em vigor no site pestana.com ou noutras campanhas pontuais, os Associados devem apresentar o seu cartão no check-in dos hotéis Pestana em Portugal.

Descubra ainda mais Vantagens Exclusivas para Associados SPAutores nas Pousadas de Portugal e nos Pestana Hotels & Resorts Pestana em África e na América do Sul!

Informações e Reservas:

Pousadas de Portugal: 21 8442001 ou guest@pousadas.pt

Pestana Hotels & Resorts Portugal: 28 224 00 01

ou reservas.portugal@pestana.com

Pestana Hotels & Resorts em América do Sul: reservas@pestanahotels.com.br

ÁFRICA
– Moçambique e África do Sul
reservas.africa@pestana.com

+258 2130 5000

– Cabo Verde

reservas.tropico@pestana.com

+238 261 4200

– São Tomé e Príncipe

reservas.stome@pestana.com

+239 2244 500

AMÉRICA DO SUL

aferreira@pestanahotels.com.br



100 pontos na adesão ao cartão FNAC
www.fnac.pt



Um conjunto de descontos proporcionados aos associados, seus cônjuges e filhos.
www.universidade-autonoma.pt
tel. 800 291 291



O Plano Pro-cooperadores contempla significativas vantagens num tarifário apelativo.
contactar: rodrigo.breia@corp.vodafone.pt



Seguro de saúde para autores com menos de 45 anos. www.casadaimpresa.pt
Tel. 21 342 02 77/78
email: sevgerais@casadaimpresa.pt



Descontos em todas as lojas de 20% em óculos graduados (aros e lentes); 15% em óculos de sol; 10% em lentes de contacto, líquidos e outro material óptico. www.optivisao.pt



10% de desconto na tarifa promocional nas viaturas de passageiros, de viaturas comerciais e na tarifa promocional internacional.
Para reservas (contrato nº 50432483)
www.europcar.pt
tel. 351 21 940 77 90
Email: reservas@europcar.com



20% desconto pela utilização do estúdio.
www.mdlestudios.com
Para marcações:
Telm : 93 400 59 24
Email: celiacosta@mdlestudios.com



15% desconto de sobre os preços em vigor, em todos os serviços (Banhos Relaxantes, Massagens Terapêuticas, Acupuntura e outras Terapias Alternativas).
Pacotes de serviços com um preço especial.
Para marcações contactar: Vanessa
Telefone: 217157010
Telemóvel: 917448484
www.nipon-terapias.com



Oferta da inscrição inicial, existindo apenas o pagamento de 25€ para despesas administrativas e testes iniciais
10% na mensalidade em todos os clubes do país. www.holmesplace.pt



Descontos de 30 e 45% na assinatura anual e bi-anual, respectivamente, nas publicações Visão, Expresso Exame, Jornal de Letras, Courier Internacional, Activa, Casa Cláudia e Exame Informática.



10% de desconto no alojamento
HOTEL LISBOA CENTRAL PARK
Morada: Av. Sidónio Pais, nº 4
1050-214 Lisboa
Email: info@lcpark.com
RESERVAS: Tel.: 21 350 2060
FAX: 21 352 6703 / 21 356 2144

“Autores Mais” é um benefício exclusivo dos autores da SPA e não representa nenhum custo adicional para os sócios. Para informações mais detalhadas contactar os serviços.

Jaime Salazar Sampaio homenageado na sua segunda casa

Uma viagem interpeladora do mundo com silêncios e risos do seu desconcerto

Um pessimista bem-humorado, como o descreveu António Braz Teixeira, Jaime Salazar Sampaio, falecido a 13 de Abril, foi o centro de uma viva homenagem, no passado dia 22 de Novembro, naquela que foi a sua segunda casa, o Auditório Maestro Frederico de Freitas da Sociedade Portuguesa de Autores.

Neste espaço em que, durante mais de duas décadas, com o rigor e a persistência que se lhe conhecia, coordenou 68 sessões do Ciclo “A Dramaturgia e a Prática Teatral”, levando ali a conhecer dezenas e dezenas de elementos ligados às artes de palco, o dramaturgo, tradutor e poeta logrou congregar muitos amigos e personalidades com quem privou para, juntos, lhe prestarem tributo, ao recordarem a sua pessoa e a sua vasta obra.

“Se estivesse aqui, entre nós, como reagiria Jaime Salazar Sampaio?”, interrogar-se-ia, a dada altura, a sua biógrafa e investigadora, a italiana Sebastiana Fadda.

Sabendo bem como Jaime Salazar Sampaio “detestava tudo o que se relacionasse a homenagens e a póstumo com pompa e circunstância”, logo respondeu pelo seu interlocutor ausente: “Estão a querer desenterrar-me... Tanta mudança de temperatura vai deixar-me constipado.”

Este “rir do seu próprio desconcerto” era característica vincada da sua personalidade e dos seus escritos dramáticos e poéticos, como pudemos apreciar nos poemas inéditos lidos no final da sessão pelo seu amigo e encenador do Teatro Independente de Loures Carlos Paniágua Feteiro.

Já elaborados quando se encontrava muito doente, estes pensamentos fraseados, de curta dimensão, que expressam “o seu modo de ver e interpelar consecutivamente o mundo e o encontro e desencontro de personagens”, com o tal humor absurdo que tanto o divertia, ficam aqui também publicados para apreciação dos leitores, por cedência da “sua menina”, a viúva Raquel, que esteve sempre a seu lado.

CULTOR DE TEATRO DO ABSURDO LUSITANO

Para além do seu primeiro poema ter sido apreendido pela censura, quicá pelo seu tom surreal e existencialista, Luís Francisco Rebelo, citado por Sebastiana Fadda, classificou-o como “um dos mais representativos cultores de teatro do absurdo lusitano.”

Na verdade, as duas peças curtas, interpretadas na ocasião por Pedro Pina e Luís Paniágua – “A Paragem do Autocarro” e “O Escadote” – são a expressão desse “substrato surrealista”, do “teatro de câmara, íntimo e intimista”, da “obra inigmática e ambígua”, da “ironia discreta”, dos “silêncios que falam”, do “valor e exactidão



das palavras”, do “sentido metafórico do texto” e do “conflito entre os símbolos representados e as personagens”, características de Jaime Salazar Sampaio sublinhadas pela investigadora teatral Maria Helena Seródio, João Lázaro, director do teatro de Leiria a que o homenageado deu o nome e José Mascarenhas, de Portalegre, autor de “Curtas. Curtas?”, um livro com edição à Luís Pacheco, cujo texto em poesia é da autoria do seu “mano” Salazar Sampaio, mas (des)arrumadas a seu jeito.

Durante a evocação do autor de “O Desconcerto”, entre sete dezenas de peças reunidas em cinco volumes pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, quase todas levadas à cena, o Presidente do Conselho da SPA, José Jorge Letria, declarou: “Enquanto o critério depender de mim, terei muito gosto que o nome e obra do meu amigo Jaime Salazar Sampaio, colaborador atento e regular desta casa durante 19 anos, esteja iluminada neste palco.”

Por outro lado, sustentou, dirigindo-se a Raquel, que “a SPA está disponível a reeditar a poesia reunida de Jaime Salazar Sampaio” e anunciou que, a partir de Janeiro de 2011, o Ciclo de Teatro tão acarinhado pelo homenageado vai continuar, recebendo o seu nome, e orientado agora pela dramaturga, encenadora e actriz Isabel Medina.

Edite Esteves

TEXTOS DE FEVEREIRO DE 2010

(Inéditos)

Estou menos zangado
com o Mundo quando penso
na brisa marítima, saltitando
por entre os rochedos.

Entre outras coisas,
A Arte é fazermos aquilo

nageado numa sessão promovida no passado dia 3 de Novembro, no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, por iniciativa da SPA.

No decorrer da sessão, usaram da palavra o Presidente do Conselho de Administração, José Jorge Letria, o administrador João Lourenço, o historiador Helder Pacheco, que

analisou aspectos da obra do escritor, a professora Célia Vieira, que se deteve também na abordagem de aspectos marcantes da vida e da obra de Rebordão Navarro, e por fim o próprio homenageado, que, numa breve intervenção, agradeceu a iniciativa da SPA pelo simbolismo de que se revestiu relativamente à sua obra e à sua vida.

No final, a soprano Maria João Matos, acompanhada ao piano por Sofia Lourenço, interpretou várias canções do compositor Vianna da Mota, sobre textos de poetas portugueses.

A homenagem, que foi pretexto para um encontro de dezenas de nomes importantes da vida cultural portuense, encheu por com-

Que não sabemos como se faz.

Ao pensar no Mundo, eu estou a
pensar em mim.
Ao pensar em mim, só às vezes penso no Mundo.
(Creio eu).
Bateu as sete e depois as cinco.
Há relógios muito desobedientes.

Sim ou não os homens podem ter fabricado os
deuses.
Sim ou não os Deuses podem ter fabricado os
Homens.
De qualquer maneira é um trabalho
deliciosamente imperfeito.

O Sal do Sonho é a brisa,
abraçando as rochas.

As algas foram feitas
para voar, mas não têm asas.

Quando não vemos o que não se vê
É porque se calhar não olhámos bem.

Ai meu amor, meu amor o pântano.
E o canto dos pássaros lá mais para cima.
(Para Albert Einstein e a prima Etelvina)

Aquilo que sabemos
(A mais ou a menos do que os outros sabem)
Quando passarmos por aquela porta
Talvez não faça uma grande diferença.

E a Vida, então?... O que é a Vida?
Ora pois, a Vida, na realidade...

TEXTOS DE MARÇO DE 2010

O que fica da vida?
Pois não fica nada.
Isto da vida é uma pessegada.

E há a saudade
De vez em quando
Clarão suspenso
Na obscuridade.

Todos temos que ser aquele que somos
Mas aquele que somos
Se calhar, rapaz
Está ali no fundo de um outro cabaz.

António Rebordão Navarro homenageado no Porto

O escritor António Rebordão Navarro, cooperador da SPA distinguido com a Medalha de Honra da cooperativa em 2008, foi home-



pleto a sala de música do Museu Soares dos Reis, instituição que, com base num protocolo celebrado há cerca de dois anos com a SPA, tem acolhido um grande número de eventos culturais organizados pelo cooperador e escritor Álvaro Magalhães. Lisboa, 8 de Novembro de 2010

PRÉMIO REVELAÇÃO DA SPA

Armando Silva Carvalho vence Prémio Teixeira de Pascoaes

O livro "Anthero Areia & Água", de Armando Silva Carvalho, ganhou a sétima edição do Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes promovido pela autarquia de Amarante. À edição deste ano concorreram 118 obras de 116 autores.

No percurso de Armando Silva Carvalho destacam-se "Lírica Consumível" (Prémio Revelação da Sociedade Portuguesa de Autores) e "O Amante Japonês" (Grande Prémio de Poesia, da Associação Portuguesa de Escritores, em 2008).

O júri da edição de 2010 do Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes foi formado pelos escritores António Cândido Franco, em representação da Associação Marânus, António José Queirós, Luís Adriano Carlos, Paula Morão e Virgílio Alberto Vieira. O concurso literário, de periodicidade bienal, foi instituído em 1997, no 120.º aniversário do nascimento de Teixeira de Pascoaes.

NUM CONCURSO ITALIANO

PARA ILUSTRADORES

Associado da SPA ganha 1.º prémio

O 1.º prémio da crítica do CONCURSO PER ILLUSTRATORI - CALENDARIO 2011, atribuído pela associação italiana TAPIRULAN, premiou na sua VI edição, subordinada ao tema "A Sesta", o ilustrador português João Vaz de Carvalho, associado da SPA. Nascido no Fundão, em 1958, a obra deste ilustrador foi já distinguida com diversos prémios e divulgada em várias exposições de referência no domínio da ilustração. Entre mais de duas centenas de obras, este prémio foi, pela primeira vez, atribuído a um ilustrador estrangeiro.

"A CASA CONSTANTE"

Antonino Solmer apresenta novo livro de poemas na SPA

Antonino Solmer, actor, encenador, ensaísta e desde sempre escritor de poesia "ou coisa parecida", como ele diz, entre muitas e diversificadas actividades que produz, lançou no passado dia 16 de Dezembro, na Sociedade Portuguesa de Autores, de que é cooperador desde 1992, um novo livro de poemas, intitulado "Indústria, Conservação e Restauro – A Casa Constante". Um livro de poemas que se pautam pela unidade de conjunto, segundo refere.

Depois de se ter iniciado na literatura com "Poemas Datados", o prolífico autor apresentou agora o seu oitavo título. O livro, editado pela Chiado Editora (Camila Gentil de Figueiredo – Executive Editor), Susanne Engel (Coordenação editorial), Capa de Guilherme Gustavo sobre fotografia de Antonino Solmer, já se encontra à venda na Livraria do King, em Lisboa, e terá distribuição nacional dentro em breve pela Konsoante.

INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO NA POLÓNIA

Nascido em Lisboa, em 1950, Antonino Solmer formou-se no curso de Actores-Encenadores da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e estagiou na Polónia, tendo como mestre de estágio Jozef Szajna, e passando pelo Teatr Studio de Varsóvia, Academia Superior de Estudos Cenográficos e de Encenação, Escolas Superiores de Varsóvia e de Cracóvia, e Teatr Laboratorium. Actor desde 1967, foi protagonista, entre outras peças, de Prometeu, A Mandrágora, Ivanov, e Kartoteka.

Trabalhou com vários encenadores, dos quais destaca Ricardo Pais (A Mandrágora, Magic Afternoon), Osório Mateus (A Guarda), Jorge Listopad (Ivanov, Benilde ou a Virgem Mãe) e Fernanda Lapa (As Bacantes). Na sua última interpretação, em 2009, trabalhou com a Orquestra Académica Metropolitana de Lisboa, sob a direcção do maestro Jean-Marc Burfin (Lincoln Portrait – concerto para Orador e Orquestra). No cinema, colaborou principalmente com João Mário Grilo (O Processo do Rei) e Fernando Matos Silva (Ao Sul).

São inúmeros e importantes os seus trabalhos específicos para televisão, trabalhando privilegiadamente com António Escudeiro (Beckford, Camilo Pessanha - Eu vi a luz em um país perdido), Ferrão Katzenstein (Tragédia da Rua das Flores, A Morgadinha dos Canaviais), Jaime Campos (Contos Mágicos, Um jeep em segunda mão). Integrou o elenco da muito popular série Duarte & Cª (Rogério Ceitil) e da telenovela Terra-Mãe (NBP). Embora já comprometido com a encenação e com ideias adquiridas no seu trabalho anterior com encenadores portugueses, nomeadamente com Ricardo Pais e Osório Mateus, foi o contacto

com o teatro polaco que o levou à urgente afirmação de uma linguagem teatral própria, de que resultaram os seus primeiros espectáculos: Memória com objectos, em produção de Os Cómicos; Dou-che-lo-vivo, Dou-che-lo-morto, em produção do Teatro da Cornucópia; e todo o projecto ContraRegra - Centro de Actividades Culturais que, com Eduarda Dionísio, fundou e dirigiu entre 1982 e 87.

Sujeito à realidade artística (e teatral) portuguesa e sentindo que os apoios imprescindíveis ao seu tipo de trabalho lhe estavam a ser dificultados, o encenador decidiu suspender em 1988 as suas actividades próprias. Desde essa data não mais solicitou qualquer apoio à sua actividade artística e de encenador. Os contactos com o Ministério da Cultura só foram reatados em 1997 colaborando, nomeadamente, com José Ribeiro da Fonte, Ruy Vieira Nery e Manuel Maria Carrilho.

ATENÇÃO ESPECIAL ÀS NOVAS GERAÇÕES

Embora o texto não se constitua nunca como parte privilegiada das suas criações de encenador, utilizou textos, não necessariamente dramáticos, de Handke a Schnitzler (Dança de Roda), de Roze-wicz a Herberto Helder (Os Passos em Volta, prod. independente do actor Cândido Ferreira, no Trindade), de Brian Friel (Traduções, na Malaposta), a Gabriela Llanosol (Corpo Amativo, prod. Cª T. de Sintra - v. Contactos: "Chão de Oliva") ou Yourcenar e Y. Ritos (Agamémnon ou O Crime, no Palácio Marim Olhão, prod. Esc. de Mulheres).

Se contarmos com a direcção de exercícios públicos da Esc. Sup. de Teatro e Cinema, ainda textos de José Triana (A Noite dos Assassinos), Gerhard Hauptman (Hannelle - A Ascensão de Joaquinha) no Convento do Beato, de Lorca (A Casa de Bernarda Alba, na prisão das Mónicas), de Ibsen (Peer Gynt, na Comuna), de Strindberg (A Menina Júlia, no S. Luiz), de Martin Crimp (ATentados).

Dirigiu ainda espectáculos musicais para Sérgio Godinho (Coliseu) e Emilio Cao (Caixa Económica Operária).

Dedicou especial atenção ao trabalho com as novas gerações, tendo sido, durante mais de 20 anos, professor de teatro, nomeadamente na Escola Secundária D. Pedro V e, sobretudo, na Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa.

Mais recentemente, integrou, com Elsa Valentim, Nicolau Breyner, António Pedro Vasconcelos, João Canijo, Jean-Paul Bucchieri e Patrícia Vasconcelos, o ACT - Escola de Actores.

Foi membro da direcção de centros culturais, companhias e grupos teatrais. Director do Teatro da Trindade. Fundador da ContraRegra. No Teatro Nacional de D. Maria II integrou a direcção responsável pelo

saneamento financeiro (1998-2000), com a missão específica de proceder aos estudos necessários à reestruturação patrimonial e laboral daquela casa. Com a demissão do ministro, apresentou também no mesmo dia a sua demissão deste cargo, embora ainda tenha colaborado posteriormente com a, então criada, Comissão de Gestão do Teatro Nacional de D. Maria II.

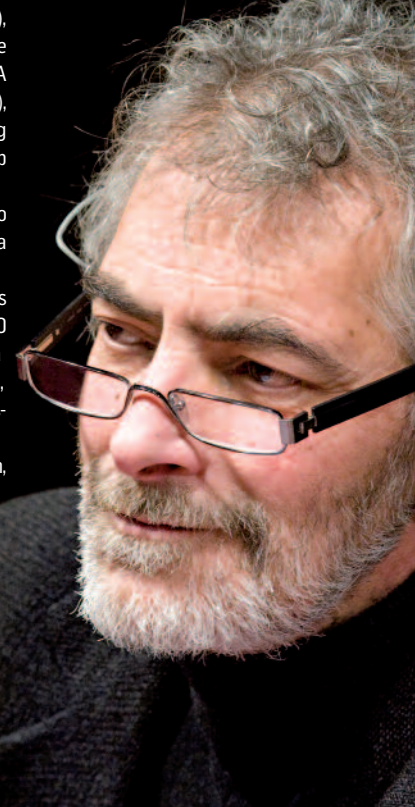
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO DO "MANUAL DE TEATRO"

Tem tido uma permanente actividade literária, nomeadamente na construção, adaptação, reescrita e dramaturgia dos textos dos espectáculos que trabalhou.

Tem reflexão teatral escrita e dispersa por diversos periódicos portugueses e revistas especializadas, sobre a actividade teatral. É co-autor e responsável científico do "Manual de Teatro", reeditado pela Editora Temas e Debates com o apoio do Instituto Português das Artes do Espectáculo - Ministério da Cultura.

No Manual, em terceira edição mais que esgotada, quase todas, ou mesmo todas as áreas teatrais são tratadas: História, Teorias, Texto, Arquitectura, Cenografia, Técnicas de Palco, Marionetas, Figurinos, Caracterização, Luz, Som, Música, Dança, Actor, Análise, Encenação, Produção e Expressão Dramática.

Foram seus co-autores: Luis Assis, Ana Maria Pereirinha, Ligia Ferreira, Alexandre de Sousa, Emídio Buchinho, Inês Nogueira, Vera Azevedo, Paulo Oliveira, Natália Vieira e Maria Luiz.



Rui Mendes agraciado com Prémio Bernardo Santareno

Por uma vida dedicada ao teatro Rui Mendes agraciado com Prémio Bernardo Santareno

Figura destacada do meio teatral português, o actor, encenador e ex-cenógrafo e professor da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa durante duas décadas (1980 - 2000) Rui Mendes, cooperador da SPA desde 1998, foi agraciado com o Prémio de Carreira Bernardo Santareno por uma vida dedicada ao teatro, ao longo de 54 anos. Rui Jorge de Albuquerque Mendes, nascido em Coimbra e 19 de Junho de 1937, estreou-se como actor profissional em Dezembro de 1956 na peça “A Ilha do Tesouro” no Teatro da Trindade, mantendo uma actividade intensa em várias frentes - teatro, cinema e televisão -, para o que é sempre muito solicitado, dado o seu vasto e riquíssimo currículo.

“Basta o nome que os prémios ostentam para lhes conferir uma importância indiscutível e o verdadeiro homenageado com estes Prémios de Teatro Bernardo Santareno será sempre alguém que terá sido o maior dramaturgo português do século XX, uma personalidade luminosa, um cidadão exemplar e um talento raro de criador literário”, começou por afirmar Rui Mendes à Autores. E sublinhou:

“Foi, pois, com enorme emoção que recebi o Prémio de Carreira Bernardo Santareno que o Instituto que leva o seu nome e a Câmara Municipal de Santarém tiveram a generosidade de me atribuir em 2010. Senti que também estavam a ser lembrados todos os que amaram o Teatro como o Bernardo e comigo viveram todos esses anos difíceis que ficaram para trás.”

Agradecendo à Câmara Municipal de Santarém “por nos lembrar que temos a obrigação de continuar vivos”, Rui Mendes quis ainda deixar um alerta e uma recomendação: “Mas se o passado não foi fácil, o futuro não se afigura risonho, carregado de incompreensões e ataques tremendos. Possa a memória inapagável de um homem de Teatro exemplar, constituir um estímulo para encontrarmos os caminhos que conduzam ao futuro que todos desejamos para o Teatro Português.”

Para além do teatro e do cinema, onde fez uma carreira muito diversificada e consistente, trabalhando com e a par das melhores companhias, dos melhores encenadores e dos melhores actores, foi na televisão que passou a ser ainda mais popular, pois, ao longo de mais de quarenta anos tem sido presença assídua em séries, telefilmes e novelas. EE

ESPAÑA RECONHECE “TALENTO EXCEPTIONAL” DE CASTANHEIRA

Aquitecto e cenógrafo português nomeado pela Academia Real de Bellas Artes de Cádiz

O arquitecto, cenógrafo e pintor José Manuel Castanheira foi distinguido, no dia 16 de Outubro, com o título de Académico Correspondente da Real Academia Provincial de Bellas Artes de Cádiz, em nome do Rei Juan Carlos de Espanha, em reconhecimento do seu enorme talento. Este destacado “criador de sonhos”, cooperador e ex-membro da direcção da SPA, tem levado o nome de Portugal e dos autores portugueses pelo mundo fora, especialmente em Espanha, França, Itália e Brasil, onde tem demonstrado a sua arte para muitos eventos.

A Medalha Académica foi entregue a José Manuel Castanheira no segundo e último dia de um ciclo de conferências que decorreu no Instituto Cervantes, em Lisboa, pelo presidente da Academia de Bellas Artes de Cádiz, Javier de Navascués y de Palacio.

Esta nomeação e condecoração foram atribuídas como reconhecimento, por parte da Real Academia de Belas Artes de Cádiz (e em nome do Rei D. Juan Carlos), “do contributo excepcional que o Arquitecto, Cenógrafo e Pintor português José Manuel Castanheira vem prestando desde 1990 à cultura em Espanha.”

UM DOS MAIS DESTACADOS CENÓGRAFOS INTERNACIONAIS

De facto, sendo hoje reconhecido como um dos mais destacados cenógrafos internacionais (vd. notícia aqui divulgada, recentemente, de artigo no jornal O Globo do Rio de Janeiro), muitas das suas criações, várias vezes premiadas, constituem hoje marcos históricos do teatro e da dança em Espanha, bem como dos principais Teatros Nacionais e não só de Madrid, Barcelona, Valência, Sevilha, Almagro, Mérida e Santiago de Compostela.

Entre mais de 30 criações destacamos os trabalhos em O Incerto Señor Don Hamlet de Álvaro Cunqueiro (dir. Ricard Salvat), Elektra de Jean Giraudoux no Teatro Romano de Mérida/Festival Internacional, San Juan de Max Aub no Teatro Maria Guerrero (dir. Perez de la Fuente), Carmen no Teatro de la Zarzuela, (Coreografia José António para o Ballet Nacional de Espanha), Los Enfermos de António Álamo no Teatro de la Abadía, La Cruzada de los Niños de la Calle de José Sanchis Sinisterra no Centro Dramático Nacional (dir. Aderbal Freire Filho), El Alcalde de Zalamea de Calderon de la Barca no Teatro Nacional da Catalunha, (dir. Serge Belbel), La Serrana de la Vera de Luis Velez de Guevara na Companhia Nacional de Teatro Clássico (dir. Maria Ruiz), In Nomine Dei de José Saramago (estreia mundial) (ver foto) no Centro Andaluz de Teatro/Sevilha (dir. José Carlos Plaza) e De Quando Acá nos Vino? de Lope de Vega na Companhia Nacional de Teatro Clássico e Festival Internacional de Almagro (dir. Rafael Rodríguez). A Real Academia concedeu esta distinção também em reconhecimento da obra global do autor, realçando a enorme importância

da qualidade do desenho e da pintura no seu processo criativo. São disso testemunho muitas exposições de pintura e desenho apresentadas em Museus e galerias ou a instalação para a ARCO/Madrid em 2001.

Por fim, a Academia realçou ainda os enormes serviços no campo da pedagogia com prestações assinaláveis em várias Universidades e outras Instituições como na RESAD-Real Escuela Arte Dramática/Madrid ou no Instituto de Teatro de Barcelona (que em conjunto com a União dos Teatros da Europa o distinguiu como um dos Mestres da Cenografia Contemporânea).

CASTANHEIRA HOMENAGEOU OS SEUS GRANDES MESTRES

Castanheira considerou uma honra para si, que a Real Academia e o Instituto Cervantes tenham valorizado desta forma superior o seu trabalho e na cerimónia fez questão de homenagear alguns dos seus grandes mestres (Lagoa Henriques, Rogério de Carvalho, José Triana, Ricard Salvat, José Sanchis Sinisterra, Chico Buarque).

A sua poética intervenção dizia logo de início:

“...a paixão e o desenho fizeram com que eu chegasse aqui. Do desenho, transformado em paixão que me acompanha dia e noite e que secretamente se apodera de mim, quando penso nele, nos desenhos, sei sempre que é ele que generosamente me dá as asas que tornam possíveis os voos incessantes do sonho.”

“Estas são as viagens, sem princípio nem fim, onde observo o mundo e tento compreendê-lo. Desenho é sempre um dos primeiros pilares de tudo o que penso e faço, seja na Cenografia, na Arquitectura ou na Pintura. Por isso, estas minhas breves palavras serão mesmo muito breves porque a minha obra está muito mais no indizível. A minha linguagem é muito mais a dos traços e das manchas do que a das palavras. O meu labor é reinventar as imagens e os espaços que se escondem por detrás de cada palavra. E por isso também eu procuro incessantemente compreender o que é, o que será que existe no “espaço de cada palavra”. Essa permanente construção/demolição obriga-me a inventar novas geografias, novos mapas feitos de matéria-prima que vem sobretudo da Literatura e do Teatro.

“Os mestres, os meus grandes mestres, passaram a fazer parte da essência do lápis com que desenho e ficaram propriedade dessa memória...”

José Manuel Castanheira também faz questão de assinalar que este é o culminar de um longo processo criativo, que a partir de Espanha o levou a muitos outros países, a trabalhar com Teatros, Directores e Culturas muito diferenciadas. A Faculdade de Arquitectura de Lisboa/Universidade Técnica, onde é Professor há 28 anos, reconhecendo a importância e o significado de contar no seu corpo docente com um autor desta craveira, acaba de criar uma Licenciatura em Cenografia.

Neste momento, Castanheira tem em cena a criação da cenografia para a obra O Luto Vai Bem com Electra de Eugene O’Neill no Teatro de Almada, numa encenação de Rogério de Carvalho (ver foto). EE



"HOMENAGEM A UMA ESCRITA DE PRODÍGIO"

"Honoris causa" para Lídia Jorge na Universidade do Algarve



A sessão solene do dia da Universidade do Algarve, a 15 de Dezembro, ficou marcada, este ano, pela atribuição do grau de Doutor Honoris Causa à escritora Lídia Jorge, no Grande Auditório do Campus de Gambelas. A Universidade do Algarve associou-se, assim, à homenagem à escritora que está a ser organizada por Loulé, seu concelho de origem, ao longo de todo o ano de 2011.

"Lídia Jorge, homenagem a uma escrita de prodígio" decorre no trigésimo aniversário da publicação do livro de lançamento de Lídia Jorge, "O Dia dos Prodígios", e serve de mote a um conjunto de iniciativas que já começaram a realizar-se. Entre estas conta-se a exposição "O Dia dos Prodígios. Lídia Jorge. 30 Anos de Escrita Publicada", inaugurada no passado dia 12, no Convento de Santo António, e que estará patente ao público até 31 de Março.

"Existe uma Escrita do Sul?" é o tema de um Encontro com Escritores

do Algarve agendado para 11 de Janeiro de 2011, pelas 18 horas, no Convento de Santo António.

Já o Cineteatro Louletano receberá a 20 de Fevereiro de 2011, às 16 horas, a exibição do filme "A Costa dos Murmúrios" de Margarida Cardoso, realizado a partir do romance homónimo de Lídia Jorge. É também no Cineteatro que a Orquestra do Algarve sobe ao palco a 26 de Fevereiro, às 21 e 30, para apresentar o concerto "30 anos de Escrita Publicada. Lídia Jorge".

Uma conferência subordinada ao tema "A Escrita de Lídia Jorge aos Olhos da Crítica Literária" está agendada para 11 de Março, pelas 18 horas, no Convento de Santo António, acolhendo este mesmo espaço, às 19 horas do dia 18 de Março um Encontro de Tradutores Literários, moderado pelo vice-reitor da Universidade do Algarve, Pedro Ferré. "Será que o nosso Imaginário Interessa aos Europeus?" é o tema desta iniciativa.

O encerramento das comemorações, organizadas pela Câmara Municipal de Loulé, acontecerá às 21 e 30 do dia 27 de Março, Dia Mundial do Teatro, com a apresentação da peça "O Dia dos Prodígios" no Cineteatro Louletano. Com encenação de Cucha Carneiro e direcção musical de Carlos Mendes, este espectáculo do Teatro da Trindade tem no seu elenco, entre outros, Elisa Lisboa, Diogo Morgado, Filomena Cautela, Luís Lucas e Maria Emília Correia.

Do currículo literário desta cooperadora constam inúmeros prémios, entre eles, o Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores/Millennium BCP, em Novembro de 2007, com o romance "Combateremos a Sombra".



Homenagem a Pedro Osório no jantar de Natal da SPA



O Presidente do Conselho de Administração e recém-eleito Presidente da Direcção da SPA, José Jorge Letria, aproveitou o jantar de Natal desta cooperativa, na passada noite de 17 de Dezembro, para homenagear, ante os muitos funcionários da casa presentes, o maestro Pedro Osório.

Membro da administração cessante e "figura determinante desde as eleições de Setembro de 2003", Pedro Osório não foi incluído na lista dos novos corpos sociais, por razões de saúde, mas José Jorge Letria fez questão de sublinhar a sua importância no projecto da modernização preconizado desde o início pela equipa que lidera. "Um homem que nos inspirou e de uma dedicação sem igual", acrescentou.

Pedro Osório, sempre bem disposto, foi aplaudido de pé, tendo encerrado o "concerto" de palmas com um gesto redondo muito seu, próprio de maestro.

SPA melhora eficácia e qualidade do atendimento

Na sequência das melhorias introduzidas no Atendimento de Autores, das quais se destacam a remodelação das instalações, a introdução da linha telefónica permanente e o alargamento do horário de atendimento, a Administração da SPA constatou uma assinalável melhoria da qualidade de resposta deste serviço aos autores. Deste modo, o número de atendimentos realizados em 2010 aumentou em relação aos anos anteriores, tendo ainda crescido cerca de 30% do primeiro trimestre (1115 atendimentos realizados) para o segundo trimestre (1467 atendimentos realizados). Também o número de atendimentos telefónicos cresceu significativamente, tendo-se atingido o número máximo de 1380 chamadas no mês de Julho, imediatamente antes do período de férias.

A Administração congratula-se assim com a melhoria alcançada no grau de eficácia e de qualidade de resposta deste importante serviço aos autores, relembrando que o alargamento do horário de atendimento se efectuou sem custos adicionais para a SPA. Lisboa, 28 de Setembro de 2010
O Conselho de Administração

COM "ILUSÃO OU O QUE QUISEREM"

Luísa Costa Gomes vence Prémio Fernando Namora/Estoril Sol

Luísa Costa Gomes, com "Ilusão ou O Que Quiserem", livro editado pela Dom Quixote, foi a vencedora por unanimidade do Prémio Literário Fernando Namora/Estoril Sol, no valor de 25 mil euros. Divulgada oficialmente no passado dia 28 de Setembro, a distinção obtida com "Ilusão" pela cooperadora da SPA superou cerca de 50 obras apresentadas a concurso.

O júri - constituído pelo escritor Vasco Graça Moura, Guilherme d'Oliveira Martins (em representação do Centro Nacional de Cultura), José Manuel Mendes (Associação Portuguesa de Escritores), Maria Carlos Loureiro (Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas), Manuel Frias Martins (Associação de Críticos Literários), Maria Alzira Seixo e Liberto Cruz (convidados a título individual) e Lima de Carvalho e Dinis de Abreu (Estoril Sol) - "considerou a obra manifestamente inovadora, quer pela sua excelente construção, quer pelo seu ágil registo estilístico de constante ironia, quer pela análise penetrante de alguns comportamentos tipo da actual sociedade portuguesa, muito em especial no tocante a métodos pedagógicos aplicados nas escolas e à animação cultural na província, bem como à densidade da narrativa".

A escritora Luísa Costa Gomes, que entrou para a SPA em 1981, tornando-se cooperadora em 2008, nasceu em Lisboa em 1954. Licenciada em Filosofia, abandonou a sua carreira de docente no ensino secundário, para se dedicar à escrita e à realização de Oficinas da Escrita em diversas escolas do País. É, também, cronista e tradutora, bem como responsável pela revista "Ficções".

O seu primeiro romance, "O Pequeno Mundo", ganhou o Prémio Dom Dinis, da Casa de Mateus e "Olhos Verdes", o Prémio Máxima de Literatura. A colecção de contos, "Contos Outra Vez", ganhou o Grande Prémio de Conto da Associação Portuguesa de Escritores.



"CRIAR EM TEMPO DE REVOLUÇÃO"

Exposição na SPA mostra o papel relevante dos autores na vida republicana em Portugal

AS TRÊS DEZENAS DE PAINÉIS com um metro de altura por setenta de largo expostos na Sala Carlos Paredes da SPA resumem e atestam com acutilante subtilidade o papel relevante desempenhado por músicos, escritores e dramaturgos, entre outros criadores, no que respeita à definição do quadro cultural que caracterizou a vida republicana em Portugal.

Associando-se às comemorações do centenário da implantação da República e para sublinhar a importância que destacados nomes da sua história cultural tiveram entre 1910, ano em que ela "nasceu" e 1926, altura em que foi "abatida", a SPA encetou um conjunto de iniciativas relativas a esta efeméride com a inauguração, a 30 de Setembro, da exposição "Os Autores e a República – Criar em Tempo de Revolução". Uma mostra, composta na sua essência pelo rico acervo da nossa cooperativa, que poderá ser apreciada até final do ano.

Sob a coordenação de António Valdemar e a orientação de Fernando Filipe, a Professora Fernanda Rollo, comissária executiva da Comissão do Centenário da República e Carlos Vargas, seu assessor, foram os convidados de honra desta cerimónia oficial, que primou por uma explanação minuciosa e dialogante face a cada quadro simbólico ali exposto.

Coadjuvado pelo cenógrafo que reuniu plasticamente os

elementos em questão e que o seguiu sempre de perto com pormenores também eles significativos, António Valdemar explicou na sua conhecida loquacidade as fases que caracterizaram esse tempo de revolução que Portugal viveu de 1910 a 1926 e que tão bem se expressam nos painéis em exposição na SPA.

Desde os prenúncios do 5 de Outubro de 1910, simbolizados pelo regicídio, quadro com que se inicia a mostra, até ao golpe de 28 de Maio de 1926, comandado pelo General Gomes da Costa, seguido da imposição de Salazar e do Estado Novo, em 1933, painel que encerra a "vida" deste período revolucionário nacional, a exposição foca essencialmente a actividade cultural da época.

OS SÍMBOLOS DA REPÚBLICA E OS SEUS AUTORES

Ao nível da criação musical, figuram vários autores de distintas disciplinas, destacando-se, naturalmente, a obra que viria a constituir um dos símbolos oficiais da República: "A Portuguesa". Com versos do poeta e dramaturgo Henrique Lopes de Mendonça, o ultimato inglês a Portugal, em 1890, ofereceria ao músico, poeta e pintor Alfredo Keil a inspiração para a composição daquele canto patriótico, que se tornou popular em todo o país e seria mais tarde feita hino nacional de Portugal. O cântico seria aprovado

em 1911, após a proclamação da República no ano anterior. Ironicamente, Alfredo Keil morrerá três anos antes do primeiro dia da Revolução.

No âmbito musical, destaque ainda para Viana da Mota, pianista e compositor afamado, que estudou na Alemanha e que em 1917 regressa a Portugal onde foi director do Conservatório Nacional de Lisboa, de 1918 a 1938. Aqui manteve a sua actividade como pianista até 1945, a par de uma intensa acção pedagógica: fundou a Sociedade de Concertos, da qual foi o primeiro director artístico, em 1917; foi director do Conservatório Nacional de Lisboa entre 1918 e 1938; director musical da Orquestra Sinfónica de Lisboa entre 1918 e 1920; em 1919, reforma o ensino da música com a colaboração de Luís de Freitas Branco, nome relevante deste período e que aqui também figura no topo, modernizando os programas e os métodos pedagógicos.

As artes plásticas e os seus autores também ali estão representados através de outros símbolos republicanos, a saber: a bandeira, os bustos da figura da República com as suas diferentes versões, as moedas, os selos, a programada placa comemorativa.

A dramaturgia e os seus autores – André Brun, Lino Ferreira, Pedro Bandeira, Félix Bermudas, entre outros - a história dos teatros que nasceram durante aquele período da República – o Teatro Moderno, o Apolo, o Nacional depois Almeida Garrett, o Politeama, o Eden, o Teatro do Príncipe Real, o Teatro D. Amélia depois São Luís (de Braga) –, as mulheres que marcaram os palcos da época – Ester Leão, Mercedes Blasco, Adelina Abranches -, a primeira revista, em 1914, em que apareceram as chamadas “girls”...

E o cinema, nos seus primórdios, ainda no papel de compère nas revistas, com sketches filmados que preenchiam os espaços vazios entre quadros, arte em que sobressai o nome do realizador António Pinheiro. Lá estão “As Aventuras de Frei Bonifácio”, com base numa peça do polémico Dantas, o primeiro texto a servir o cinema.

E, como não podia deixar de ser, a literatura, disciplina cultural que perpassa transversalmente por todos os estádios da exposição – quer nos painéis, quer nos expositores espalhados pela sala, os quais resguardam sob acrílico verdadeiros tesouros do espólio da Sociedade Portuguesa de Autores. Originais manuscritos, primeiras edições, edições esgotadíssimas, contratos, etc., etc., etc. Aliás, entre o espólio da SPA utilizado nesta mostra, é de notar muitas fontes do ABC (de 1920 a 1930) e da Ilustração Portuguesa, desde 1911, de que a cooperativa de autores dispõe da colecção inteira.

Um lugar especial para Júlio Dantas, médico, político e diplomata, que se distinguiu como um dos mais conhecidos intelectuais portugueses das primeiras décadas do século XX. Cultivando os mais variados géneros literários, da poesia ao romance e ao jornalismo, foi como dramaturgo que ficou mais conhecido, em particular pela sua peça A Ceia dos Cardeais (1902), uma das mais populares produções teatrais portuguesas de sempre. Na política foi deputado, Ministro da Instrução Pública e Ministro dos Negócios Estrangeiros (1921-1922 e 1923), terminando a sua carreira pública como embaixador de Portugal no Brasil (1941-1949). Considerado retrógrado por alguns intelectuais, como foi o caso de Almada Negreiros, que foi ao ponto de escrever o Manifesto Anti-Dantas e de publicamente o desconsiderar, conseguiu granjear durante a vida grande



prestígio social e literário, prestígio que decaiu após a sua morte.

Eleito sócio da Academia de Ciências de Lisboa (1908), instituição a que presidiu a partir de 1922, Júlio Dantas foi um dos fundadores da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, a SECTP, de que foi o primeiro presidente, sociedade que deu origem à actual Sociedade Portuguesa de Autores (SPA).

OS PRIMÓRDIOS DOS DIREITOS DE AUTOR E DA SPA

Os primórdios dos Direitos de Autor e da criação da Sociedade Portuguesa de Autores, de que a Associação de Classe dos Autores Dramáticos Portugueses, saída de uma primeira reunião a 29 de Outubro de 1873, efectuada no então Teatro do Príncipe Real, por proposta de Costa Braga, constituiu o primeiro contributo para a obra institucional fundada em 1925.

Com estrutura jurídica de Teófilo de Braga e de Brito Camacho, os estatutos da “mãe” desta casa, que defendem os direitos dos autores, factor preponderante no projecto da República, cujo Governo Provisório foi presidido por aquele político, escritor e ensaísta, viriam a tornar-se lei com Manuel Teixeira Gomes, sétimo presidente da Primeira República Portuguesa de 6 de Outubro de 1923 a 11 de Dezembro de 1925 e também ele escritor. Efectivamente, foi Teixeira Gomes quem promulgou, em 1925, o decreto-lei 10.860 que criou a Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, a qual viria a chamar-se Sociedade Portuguesa de Escritores, a partir de 1970.

Num dos painéis referentes a este determinante acontecimento e, conforme o próprio António Valdemar sublinhou, revela-se que “a luta pela defesa da propriedade intelectual consta de um capítulo do Manual Político do Cidadão Português, de Trindade Coelho, bíblia de formação cívica, política e jurídica dos que estruturaram a República”. A reprodução do referido texto sobre os direitos de autor e a sua defesa, que consta de um dos quadros da mostra, deixamo-la aqui na íntegra para uma reflexão do leitor, sobretudo num momento tão crítico e quando esta questão está na mesa, a nível de todo o mundo. Segue-se *ipsis verbi*:

“Outro meio muito poderoso de estimular a economia nacional e que é, ao mesmo tempo, uma obra de justiça e de lealdade, é a legislação atinente à propriedade intelectual: o escriptor que produz um livro, o artista que produz um quadro, o inventor que descobre um processo mais rápido e mais económico de realizar um trabalho, são tão merecedores do fructo da sua actividade como o industrial e o agricultor. Por isso teem sido promulgadas leis tendentes a proteger a propriedade literária e artística e a propriedade industrial”.

E, para manifestar a devida importância desta exposição, a cuja inauguração estiveram presentes por parte da Direcção e Administração da SPA Pedro Osório, Pedro Campos e João Lourenço, o seu programa salienta: “A República não foi só uma substituição de regime político. Introduziu transformações profundas na sociedade portuguesa. A cultura e actividade dos autores reflectiram essas transformações e ajudaram a acentuá-las”.

Edite Esteves

CENTENÁRIO DA REPÚBLICA

COMEMORAÇÕES

COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA REPÚBLICA NA SPA

Ciclos de conferências e concertos avivam memória das figuras culturais da época

A Sociedade Portuguesa de Autores, fundada em 22 de Maio de 1925, associou-se às comemorações do Centenário da Implantação da República com um programa cultural e artístico concebido propositadamente para o efeito e que levou em conta a ligação de um considerável número dos seus fundadores e cooperadores dos primeiros anos ao ideal republicano.

O programa comemorativo, que decorreu entre finais de Setembro e finais de Outubro de 2010, teve coordenação do jornalista e historiador António Valdemar e destacou o papel desempenhado por vários autores portugueses na vida cultural do País entre o 5 de Outubro de 1910 e 28 de Maio de 1926.

Para além disso, o ciclo comemorativo programado pela Sociedade Portuguesa de Autores incluiu também uma homenagem aos compositores ligados à República e aos seus ideais e valores, que esteve a cargo do professor universitário e musicólogo João Maria de Freitas Branco.

A Sociedade Portuguesa de Autores, venceu deste modo a sua ligação como cooperativa nascida nos anos da República ao contexto histórico em que ela foi implantada, bem como a acção desenvolvida, em termos culturais, por criadores que prestigiaram esta instituição e o País durante o séc. XX.

O programa comemorativo incluiu conferências temáticas sobre figuras marcantes da vida cultural e política e ainda uma grande exposição sobre “Os Autores e a República”, de que falamos em pormenor nas duas páginas anteriores.

NA SENDA DA HISTÓRIA

Foram verdadeiras aulas de História do tempo da I República as

que António Valdemar propiciou aos assistentes na Auditório Frederico de Freitas, ao longo das quatro conferências que constituíram o ciclo “Uma Memória Centenária”, da sua inteira responsabilidade.

António Valdemar pôs toda a sua experiência, conhecimento e poder comunicativo de excelência ao serviço da transmissão de alguns dos vectores mais determinantes do período histórico que antecedeu imediatamente a implantação da República em Portugal, do próprio período em que o movimento republicano agarrou a oportunidade de travar os 800 anos de monarquia vivida em Portugal, do adventismo do Estado Novo em 1926 e suas políticas, até à revolução dos Cravos de 25 de Abril. Não sem fazer uma comparação muito oportuna com a situação vigente e de evidenciar os pilares em que se apoiou a República, nomeadamente a reforma do Ensino, da Saúde do Trabalho, das leis de protecção à família, assim como as leis que estabeleceram o divórcio, o registo civil e a separação do Estado das Igrejas.

Tudo temas versados igualmente pelo Prof. António Ventura com a palestra sobre os postais ilustrados da I República.

Nestas comemorações houve ocasião também para se reconstituir a História noutras vertentes, nomeadamente na música. Caso de um animadíssimo concerto de Carlos Alberto Moniz e Vitorino Salomé com canções de e sobre a República, e de actuações ilustrativas de conferências de Paulo Nazaré, que falou de Alfredo Keil um monárquico maçom e de Viana da Mota, um virtuoso de mãos e pensamento, e ainda de João Maria de Freitas Branco, que estabeleceu um paralelismo importante que definiu a época entre Luís de Freitas Branco, artista monárquico na República e António Fragoso, uma estrela no firmamento musical da República. *EE*

PROGRAMAS DE MÚSICA DE CÂMARA

Solistas da Metropolitana actuam na SPA

Os Solistas da Metropolitana, sob a direcção artística de Cesário Costa, recomeçaram uma nova temporada 2010-2011 com programas que pretendem provocar a curiosidade de muitos. Dos nomes mais clássicos à vanguarda contemporânea, do barroco ao estilo mais pop/rock, está a decorrer desde 14 de Outubro um programa que, até Junho do próximo ano, se espalha por diferentes palcos. E o Auditório Maestro Frederico de Freitas, da Sociedade Portuguesa de Autores é um desses palcos, onde está a ser feita já uma intensa oferta de música de câmara.

A encetar este arrojado programa, a SPA teve o prazer de ouvir a excelência de execução dos solistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa, primeiro no próprio dia 14 de Outubro com o Duo de Violinos, constituído por Anzhela Akopyan e Eldar Nagiev, interpretando Jacques Féréol Mazas/Joseph Haydn.

No dia 4 de Novembro, foi a vez de o Duo de Flauta (Nuno Inácio) e Piano (Paulo Pacheco) encantar a assistência, que reservou sentidos aplausos para os intérpretes de composições de Francis Poulenc, César Franck e Carl Reinecke.

A encerrar o ano na SPA, no dia 9 de Dezembro, as ovações foram para o Quarteto com Piano, constituído por Savka Konjikusic naquele instrumento, Peter Flanagan no violoncelo, Gerardo Gramajo na viola e Alexei Tolpygo no violino, que interpretaram peças de Gustav Mahler, Alfred Schnittke e Johannes Brahms. A qualidade da execução em todos os campos foi sentida vivamente pelo público presente, até porque, segundo informaram, o concerto foi feito para ser gravado. Logo, nem o clique da câmara fotográfica pôde funcionar, para não constituir ruído de fundo extra.

Estão convidados, desde já, os sócios e cooperadores da SPA e seus amigos, a assistir aos três programas que se seguem até final da temporada: Dia 27 de Janeiro, Harpa, Cravo e Trompa para saudar Jung Bauer, Louis-François Dauprat e Louis-Emmanuel Jadin; Dia 17 de Fevereiro, Piazzolla e Schumann, com interpretações piano, violoncelo, dois violinos e viola; e Dia 24 de Março, Contrastes de Bela Bartók, por clarinete, violino e piano.



PORTUGAL MUSIC EXPORT APRESENTADO NO TEATRO SÃO LUIZ

Projecto conjunto da SPA e GDA envolve apoio de três ministérios

O Portugal Music Export, um projecto conjunto da SPA e da GDA para a promoção da exportação da música portuguesa e, com ela, da língua falada por 200 milhões de pessoas em todo o mundo, foi apresentado, no passado dia 14 de Outubro, no Jardim de Inverno do Teatro São Luiz.

Trata-se de um projecto consistente, em que a SPA e a GDA têm trabalhado desde há cerca de dois anos, e que envolve três ministérios que a ele deverão associar-se: o Ministério da Cultura, o Ministério da Economia e o dos Negócios Estrangeiros. A Portugal Music Export foi ainda apresentada ao Presidente da República e à AICEP Portugal Global, uma vez que é intento dos seus promotores a posterior integração de outros organismos ligados à indústria da música.

A SPA e a GDA foram recebidas em Belém, a 16 de Junho, pelo Presidente da República, a quem apresentaram detalhadamente o projecto de constituição de um gabinete de apoio à exportação da Música Portuguesa, registado com o nome de Portugal Music Export. A SPA esteve representada pelo Presidente do Conselho de Administração e Vice-Presidente cessante da cooperativa, José Jorge Letria, e pelo Maestro Pedro Osório, também da Administração cessante, estando a representação da GDA (Gestão dos Direitos dos Artistas) a cargo de Pedro Wallenstein, seu Presidente. Integrou ainda a delegação Tiago Fadden, gestor do projecto Portugal Music Export.

“O projecto tem como objetivo criar condições para que a música portuguesa nas suas diversas formas de expressão, e que reconhecidamente tem uma crescente receptividade por parte dos mercados internacionais, possa afirmar-se como um produto e marca de exportação credível da nossa cultura e da nossa economia”, explicou José Jorge Letria. O Presidente do Conselho de Administração da SPA referiu que o principal objectivo deste gabinete será organizar a forma como é exportada a música portuguesa e como são geridos os direitos conexos pela sua actualização.

“Quando a música portuguesa se afirma no estrangeiro, para além dos cachets dos artistas que a interpretam, há também os direitos de autor correspondentes. O que tem vindo a acontecer de forma dispersa e até um pouco caótica pode, através deste gabinete, ter resultados benéficos para a economia, para os artistas e para a afirmação internacional da nossa cultura”, defendeu.

José Jorge Letria manifestou a sua convicção de que este projecto tem potencial para criar empregos e receita fiscal e lembrou que, no âmbito da SPA, a música corresponde a mais de 70% da facturação anual do organismo, com valores na ordem dos “milhões de euros”. “Este gabinete – assegurou – poderá contribuir para duplicar, triplicar ou quadruplicar esses valores”.

O projecto, ora apresentado publicamente, recebeu um excelente acolhimento, sendo reconhecido o seu relevante interesse público, não só por se enquadrar num dos mais importantes objectivos da nossa economia - a exportação -, como pelos benefícios que trará para o país com a expansão e consolidação de uma imagem positiva de Portugal. Imagem colhida através de uma área cultural que tem vindo a subir progressivamente nos mercados a nível internacional, especialmente no sector Fado, para o qual Portugal é muito requisitado e cuja candidatura a Património Imaterial da Humanidade apresentou recentemente à UNESCO.

ISTAMBUL

SPA na reunião anual do Comité Europeu da CISAC

Teve lugar, nos passados dias 14 e 15 de Setembro, em Istambul, a reunião anual do Comité Europeu da CISAC, na qual a SPA se fez representar pela Directora do Departamento de Relações Internacionais, Vanda Guerra.

A reunião teve como tema central a discussão sobre o licenciamento online na Europa e os problemas que o mesmo continua a enfrentar depois da Recomendação da Comissão Europeia de 2005 e na pendência, no Tribunal de Justiça Europeu, do caso CISAC. Dado que o futuro do licenciamento online está intimamente dependente das decisões que venham a ser tomadas no seio das instituições europeias, foi feita uma revisão da actividade do Parlamento Europeu e da Comissão no âmbito do Direito de Autor e da gestão de direitos.

De recordar que se aguarda que uma primeira proposta de directiva sobre a gestão colectiva do Direito de Autor seja apresentada pela Comissão Europeia até ao final do ano. A CISAC aproveitou a ocasião para apresentar um documento elaborado por um grupo de trabalho composto por várias sociedades, que pretende desenhar o embrião de um Portal Pan-Europeu, formado por todas as sociedades musicais situadas no Espaço

Económico Europeu, e destinado à emissão de licenças online multiterritoriais.

Lisboa, 1 de Outubro de 2010
O Conselho de Administração

MADRID

Sócios da SPA ganham acesso a venda de música na Net

No passado dia 20 de Setembro foi assinado em Madrid um contrato entre a Sociedade Portuguesa de Autores, representada pelo administrador Pedro Osório, e a SDAE-Sociedad Digital de Autores y Editores, representada pelo director-geral Jose Neri, para instalação em Portugal de uma delegação de La Central Digital, gerida pela SPA.

La Central Digital é o maior distribuidor latino de música em formato digital que fornece serviços de comercialização e promoção do seu catálogo musical através das mais importantes empresas da Internet: iTunes, Amazon, Spotify, eMusic, Rhapsody, Napster, 7 Digital, iMúsica, entre outras. Os principais destinatários deste serviço serão os autores de música associados da SPA que intervenham em produções discográficas, nomeadamente as auto-produções ou as edições de pequenas produtoras independentes.

Em colaboração com a Sociedade Portuguesa de Autores será feita uma selecção de repertório, de material promocional, de estratégias

que consigam referências destacadas nas empresas de venda, bem como a elaboração de contratos

Será criado um sítio Web, sob nossa administração, onde será fornecida vasta informação, bem como suporte para os interessados. Perfilando-se a venda digital de música como o futuro do sector, com o mercado a deslocar-se da venda de álbuns para a venda obra a obra, spa.lacentraldigital constituiu-se como uma ferramenta valiosa ao serviço dos novos caminhos para o mercado da música portuguesa.

PARIS

SPA na reunião de Paris do Comité Executivo do CIADLV

O Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais, que a SPA integra desde Abril de 2005, reuniu-se no passado dia 8 de Novembro em Paris, com a presença do presidente do Conselho de Administração da cooperativa, José Jorge Letria, que tem assegurado essa representação.

Foi discutida em pormenor a agenda da Assembleia Geral do CIADLV, programada para Abril de 2011 em Dublin.

Entre os temas a abordar contam-se as relações das sociedades de autores com as instâncias do poder político, o papel dos autores no combate contra a crise e contra a pirataria

e a importância das novas tecnologias e das novas gerações de autores.

A SPA será de novo candidata ao Comité Executivo do CIADLV, na Assembleia Geral de Dublin, para um mandato de dois anos. Recorde-se que em 2007 decorreu em Lisboa uma Assembleia Geral deste conselho internacional, uma das poucas estruturas da CISAC apenas constituída por autores com responsabilidades executivas nas suas sociedades. O representante da SPA apresentou a proposta de alguns dos temas serem debatidos na assembleia de Dublin.

BRUXELAS

SPA na reunião extraordinária do GESAC

A SPA esteve representada, em Bruxelas, no dia 18 de Outubro, na assembleia-geral extraordinária do GESAC (Grupo Europeu de Sociedades de Autores) pelo presidente do Conselho de Administração, José Jorge Letria, e pela directora do Departamento Internacional, Dra. Vanda Guerra.

Nessa assembleia foram detalhadamente debatidos temas como a pirataria, a relação das sociedades de autores com os editores e as medidas a adoptar junto da Comissão Europeia no sentido de assegurar a defesa dos direitos dos autores.

A directora do Departamento Internacional apresentou também a SPA, no dia 19 de Outubro, numa reunião sobre o Acordo de Cannes.

JOÃO PAULO SEARA CARDOSO (1956-2010)

Criador da beleza ímpar das marionetas-actores

A beleza e fantasia do seu imaginário, através da forma como inovou e explorou a linguagem teatral das marionetas, dando-lhes vida própria e um cunho estético inigualáveis com a inusitada presença visível dos



actores em palco, embebidos de uma técnica de miscigenação de variadas artes – da interpretação à dança, passando pela música, pelas artes plásticas e pela imagem –, fez de João Paulo Seara Cardoso, director artístico e fundador do Teatro de Marionetas do Porto (TMP), uma figura ímpar do meio cultural português.

Bebendo das raízes tradicionais seculares dos bonecreiros, cuja herança recebeu de Mestre António Dias, mas transformando os chamados fantoches do Teatro Dom Roberto em originais

personagens revestidos de contemporaneidade, este cooperador da SPA desde 2005, a quem se deve a criação de primorosas obras teatrais, de literatura infanto-juvenil e de séries televisivas para a infância, morreu no passado dia 29 de Outubro, aos 54 anos, depois de complicações provocadas por um cancro do pulmão.

“TAMBÉM ELE MERECEIA VIVER ETERNAMENTE

“Escrevi, a pedido do João Paulo Seara Cardoso, a peça que inaugurou o Teatro de Marionetas do Porto, ‘Miséria’. O João Paulo fazia sozinho, no escuro, a manipulação das marionetas, e ainda hoje ouço a sua voz: “Miséria! Miséria!”. Era um espectáculo tocante, pela arte dele. Vi-a várias vezes e de todas elas as pessoas se emocionavam. Parece que acontecia o mesmo no estrangeiro, e a peça foi representada pelo mundo inteiro, mesmo em sítios improváveis, como Israel, por exemplo”, lembrou para a Autores o responsável pela delegação do Porto da SPA, o escritor Álvaro Magalhães.

“Mas isso foi apenas o princípio – acrescentou –, depois o João Paulo criou espectáculos inesquecíveis e dos mais marcantes, não só do teatro de marionetas, ou do teatro infantil, mas do teatro, simplesmente.”

“Na peça ‘Miséria’, o velho Miséria negocia com o Diabo e a Morte, e, mesmo numa situação difícil, conseguiu adiar *ad eternum* a sua morte. Custa a crer que a Grande Malvada não tenha também concedido mais anos de vida a uma pessoa com o talento criativo do João Paulo Seara Cardoso, que também merecia viver eternamente”, concluiu Álvaro Magalhães. *Edite Esteves*

VIRGÍLIO TEIXEIRA (1917-2010)

A nossa coroa de glória cinematográfica no mundo

O nome de Virgílio Teixeira é sinónimo de um *dandy* da melhor tradição britânica. Um dos mais internacionais actores portugueses de todos os tempos, Virgílio Teixeira, que nasceu no Funchal a 19 de Outubro de 1917 e faleceu no passado dia 5 de Dezembro de 2010, com 93 anos, foi a nossa coroa de glória cinematográfica no mundo. Contracenando com vedetas como Rita Hayworth, Sophia Loren, Rex Harrison ou Yul Brynner, aquele que foi também delegado da Sociedade Portuguesa de Autores no Funchal, de 1982 a 2000, a somar a outros cargos fora do estelato do grande ecrã, manteve, no entanto, uma assinalável humildade e boa disposição até ao fim.

Virgílio Teixeira iniciou a sua vida no cinema em 1944 no filme “Aves de Arribação”, em Portugal. A sua beleza, porém, não tardou a chamar a atenção dos produtores espanhóis e norte-americanos, e Virgílio Teixeira teve de se dividir entre estes três países para responder a todas as solicitações de trabalho.

O popular galã português entrou em 92 filmes em Portugal, Espanha e nos EUA, e em centena e meia de programas de televisão, “sem nunca ter tido uma aula de representação”, como costumava recordar. *EE*

CARLOS PINTO COELHO (1944-2010)

E assim Acontece...

Ainda no primeiro número da revista Autores deste ano dávamos a notícia de que o jornalista, fotógrafo, escritor e cooperador da SPA desde 1994 Carlos Pinto Coelho fora agraciado pela Embaixada de França em Portugal com as insígnias de Oficial da Ordem das Artes



e das Letras e agora, sem que nada o fizesse prever, somos forçados a noticiar a sua morte, ocorrida no passado dia 15. Tinha 66 anos e aparentava uma vitalidade invejável.

No entanto, um ataque cardíaco fulminante, quando se encontrava no Quartel do Carmo para gravar uma entrevista com o general Almeida Bruno para o programa “Conversa Maior”, da RTP Memória, fez tombar o jornalista junto à câmara de televisão.

Se esta fosse uma notícia de outrem no seu mais emblemático programa da RTP, diria no final, com um sorriso afável, como sempre o fazia: “E assim Acontece...”. *EE*



SPA encerra segunda série de programas na televisão e segue na rádio



“NOTAS DE AUTOR” E “DIREITOS DE AUTOR” JÁ ESTÃO NO AR NA TSF

Entretanto, “Notas de Autor”, apontamento diário da responsabilidade da SPA, continua a ser transmitido na TSF, desde o dia 20 de Setembro, pelas 12h50 e pelas 17h50, igualmente com a finalidade de divulgar o trabalho dos autores portugueses.

A parceria SPA/TSF já começou a transmitir também, no último domingo de cada mês, entre as 10 e as 11 horas, um programa intitulado “Direitos de Autor”, que possibilita amplos debates sobre as questões centrais do direito de autor, desde o problema da pirataria até à importância das directivas da UE na vida dos autores portugueses. Neste número da nossa revista, dá-se conta do conteúdo discutido no mês de Novembro.

Para que a divulgação seja mais abrangente, a SPA solicita aos cooperadores o envio de notícias relacionadas com a sua actividade para o seguinte endereço electrónico: dacre@spautores.pt.

Essas informações deverão indicar que se destinam à difusão pela TSF.

Mais informações em www.spautores.pt


“A DE AUTOR” NA RTP 2 FECHOU SEGUNDA SÉRIE DE 13 PROGRAMAS

“A de Autor”, espaço televisivo que a SPA tem vindo a ocupar, desde Maio deste ano, no segundo canal da televisão pública, encerrou em meados de Dezembro a segunda série de 13 programas, que encetou no passado dia 16 de Setembro.

Apresentado por Paulo Sérgio dos Santos, às quintas-feiras, pelas 23h30, “A de Autor” deu voz e imagem a autores de áreas como a música, o teatro, o cinema, a literatura, as artes visuais e outras, sempre com a preocupação de mostrar ao público que o escolhe a importância do trabalho de criação autoral dos associados e cooperadores da SPA na vida cultural portuguesa. Porque, como é lema desta cooperativa “Sem autores não há cultura”.

No interior desta edição da revista “Autores” pode ler-se um balanço que o apresentador faz da importante acção de divulgação que tem vindo a concretizar nos ecrãs televisivos.





SPA PROPORCIONA MOMENTO HISTÓRICO INESQUECÍVEL

Festa de homenagem ao pop/rock no BBC

Momento histórico sem precedentes, o evento proporcionado pela SPA no BBC, em Lisboa, na noite de 13 para 14 de Novembro, conseguiu juntar no mesmo espaço e homenagear 40 bandas de pop/rock, desde a geração dos conjuntos e do yé-yé até à dos nossos dias. Ao longo da sessão coordenada por Tozé Brito, em que os Xutos e Pontapés, também eles distinguidos, fizeram as honras da casa num animado mini-concerto de abertura, os mais jovens puderam, finalmente, contactar ao vivo com aqueles que foram, no fundo, as suas referências.

Os representantes das bandas homenageadas receberam um troféu e diplomas alusivos à iniciativa e ao seu significado artístico e cultural.

Esta edição da revista Autores contém um dossiê completo dedicado ao evento com o "Elvis português" Victor Gomes a abrir. E na capa deste número, em destaque, vemos António Garcez, um verdadeiro "animal de palco", vindo de propósito dos E.U.A. para esta homenagem, levando ao rubro a assistência, com a sua actuação, acompanhado pelos Arte & Ofício.

